



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



FÁBIO DE LIMA MOREIRA

ORAÇÕES FINAIS INTRODUZIDAS POR *PARA (QUE)* E A *FIM DE (QUE)*: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

**TRÊS LAGOAS - MS
2022**

FÁBIO DE LIMA MOREIRA

ORAÇÕES FINAIS INTRODUZIDAS POR *PARA (QUE)* E *A FIM DE (QUE)*: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Financiadora: FUNDECT – Proc. 17/2019

Orientador: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes

**TRÊS LAGOAS – MS
2022**

FÁBIO DE LIMA MOREIRA

**ORAÇÕES FINAIS INTRODUZIDAS POR PARA (*QUE*) E A FIM
DE (*QUE*): UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
UFMS – Câmpus de Três Lagoas (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira
UFMS- Câmpus de Três Lagoas (Titular)

Prof^a. Dr^a. Erotilde Goreti Pezatti
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto (Titular)

Prof^a. Dr^a. Solange de Carvalho Fortilli
UFMS- Câmpus de Três Lagoas (Suplente)

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP- Câmpus de São José do Rio Preto (Suplente)

Três Lagoas - MS
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela coragem, força e oportunidade, que me possibilitaram seguir em frente e concluir mais essa etapa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, pela paciência e confiança em mim depositadas ao longo dos quatro anos (dois de iniciação científica e dois de mestrado) que trabalhamos juntos. Por sempre apontar os melhores caminhos e sempre apoiar as decisões por mim tomadas. Se este trabalho, e muitos outros sob sua orientação, apresentam-se bons resultados, o mérito é todo dele.

Aos meus pais, Tereza e Luiz Carlos, e ao meu irmão, Júnior, pelo incentivo constante, amor e apoio, e por comemorarem minhas conquistas como se fossem as suas.

Aos professores do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, em especial, ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por sempre estar disposto a discutir o meu trabalho, e por sempre apresentar contribuições valiosíssimas. À Prof. Dr. Taísa Peres de Oliveira, por todos os ensinamentos desde o primeiro ano de graduação, por ser exemplo de pesquisadora, e por me ensinar que as críticas (sempre construtivas), muitas vezes, contribuem mais ao nosso trabalho do que os elogios. Por fim, à Prof. Dr. Solange de Carvalho Fortilli, pela inspiração gerada em suas aulas, e por me apresentar, na graduação, ao professor Michel.

Aos amigos de pós-graduação, em especial, ao Diogo, à Andreza, à Melissa e à Maressa, que compartilharam comigo muitos momentos felizes e de preocupação em relação à vida acadêmica, mas, principalmente, por sempre oferecerem uma palavra de conforto.

Ao Marcelo e à Camila, amigos muito mais que especiais, que mesmo com a distância, fizeram-se muito presentes na minha vida pelas nossas conversas diárias. Foi com eles que compartilhei os momentos de total entusiasmo com a pesquisa e os momentos de desânimo. Eles foram, muitas vezes, meus interlocutores sobre questões referentes ao trabalho e sobre a vida. Graças a eles, a labuta da vida acadêmica foi muita mais leve.

À Ellen, pelas conversas nas tardes de quintas-feiras e pelo suporte a mim prestado.

À Paula, minha prima quase irmã, pelo amor, carinho e pelas conversas aos finais de semana.

Aos colegas de trabalho da E. E. Marilena Sanatana Correa Fernandes, em especial à Sabrina, à Priscila, à Marta e ao Marcos, por me acolherem (mais uma vez) tão bem.

À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pela concessão da bolsa de mestrado, que possibilitou que eu me dedicasse exclusivamente às atividades do mestrado.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a concluir essa etapa tão importante na minha vida, meus mais sinceros agradecimentos.

MEMORIAL DESCRITIVO

Ingressei no curso de Letras (Português/Inglês) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Câmpus* de Três Lagoas, em 2016. Nesse primeiro ano, tive o meu primeiro contato com a Linguística por meio das disciplinas “Introdução à Linguística”, “Gramática Normativa”, “Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa”. Apesar de ser uma área novo (e em certa medida desconhecida) para mim, já apresentava certa afeição à Linguística.

O segundo ano de curso talvez tenha sido o mais importante da minha formação acadêmica. Logo no primeiro semestre cursei as disciplinas de “Morfologia da Língua Portuguesa” e “História da Língua Portuguesa”; duas disciplinas que ampliaram meu horizonte a respeito da Linguística. No final do primeiro semestre de 2017, a Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli (docente responsável pela disciplina de Morfologia) me chamou para conversar no final da aula. Na ocasião, ela me informou que o professor Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes estava à procura de um bolsista (CNPq) de iniciação científica (IC) e que ela havia indicado meu nome. Já no dia seguinte, escrevi ao professor Michel, apresentando-me e manifestando interesse em desenvolver o projeto de IC por ele proposto.

Eu e o professor Michel marcamos uma reunião em sua sala na unidade 1 do CPTL, em que ele me apresentou o projeto, intitulado “*Ainda* e formas perifrásticas no português contemporâneo”, e me entregou um cronograma de leituras e atividades a serem cumpridas no período de 2017-2018. Já nessa primeira reunião, o professor Michel me emprestou um exemplar da obra *The theory of functional grammar*, de Simon Dik (que mesmo tendo a primeira versão publicada em 1989, apresentava temas muito novos para mim). A partir daí, sob orientação do Prof. Michel, comecei a dar os primeiros passos na Linguística Funcional, sobretudo, no funcionalismo holandês com a GF, de Dik, e, posteriormente, a GDF, de Hengeveld e Mackenzie.

No ano de 2018, participei do meu primeiro evento acadêmico apresentando trabalho. Eu apresentei parte dos meus resultados de IC na 68ª edição do GEL, em São José do Rio Preto, na Unesp. Nessa primeira apresentação, discuti a multifuncionalidade de *ainda* no português contemporâneo, focalizando a abordagem hierárquica de gramaticalização que envolve essa forma no português. Eu tive, com essa apresentação, a oportunidade de expor meus resultados com diversos pesquisadores, em especial, com

o Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que apresentou valiosas contribuições ao trabalho.

Além desse evento, em 2018, eu tive a oportunidade de apresentar meus resultados em outros eventos, dentre os quais destaco: o Integra UFMS e Intercâmbios Linguístico-Literários no Centro-Oeste e II Congresso Regional do Profletras.

Em 2018, finalizei o projeto de IC que iniciei em 2017. Ainda em 2018, o Prof. Michel me convidou para desenvolver mais um projeto de IC como bolsista, a ser desenvolvido no período de 2018-2019 (naquele momento, esse convite representou para mim uma avaliação positiva do professor a respeito do meu trabalho). Esse segundo projeto intitulava-se *Formas perifrásticas com ainda no português moderno* e focalizava a emergência das formas *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda mais*. Com esse projeto também participei de uma série de eventos, em que destaco: 67º GEL e V Silf.

No último ano de graduação (2019), finalizei meu segundo projeto de iniciação científica. Nesse mesmo ano, com o término da bolsa de IC, comecei a atuar como professor de educação básica na rede pública de São Paulo. Assim, tive a oportunidade de retornar à sociedade todo investimento público empregados em minha formação. Atuei como professor em duas escolas estaduais do município de Mirandópolis (E.E. Dona Noêmia Dias Perotti/ E.E. Prof. Marilena Santana Correa Fernandes) e uma estadual do município de Lavínia (município próximo à Mirandópolis) (E. E. Padre Césare Toppino). Nessas escolas, ministrei aulas de Língua Portuguesa e Inglês para turmas do Ensino Fundamental, Médio e EJA (no sistema prisional).

Ainda em 2019, prestei o processo seletivo para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFMS-CPTL. Já na etapa de inscrição, eu indiquei o Prof. Michel como primeira opção de orientador e a Profa. Taisa como segunda opção. Para minha alegria, passei no processo seletivo, e o Prof. Michel me aceitou como orientando mais uma vez. Em 2020, iniciei as aulas do mestrado, cursando, no primeiro semestre, três disciplinas: Teorias da Linguagem, Seminários Avançados em Estudos Linguísticos e Tópicos Especiais: Introdução à Gramática Discursivo-Funcional. Destaco ainda que iniciei o primeiro ano do mestrado ainda dando aulas, contudo, logo no primeiro semestre, fui contemplado por uma bolsa de mestrado concedida pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento ao Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e, então, pedi extinção contratual da rede estadual (SP) para me dedicar exclusivamente ao mestrado.

Nesse primeiro semestre, além de cursar as disciplinas, também me dediquei ao refinamento do projeto de pesquisa. O projeto inicial se intitulava “*As partículas escalares apenas, justamente, principalmente e somente no português contemporâneo à luz da gramática discursivo-funcional*”. Esse projeto objetivava analisar e descrever o papel comunicativo dos elementos *apenas, justamente, principalmente e somente* a partir dados do português brasileiro. Ao discutir a proposta desse projeto em uma das reuniões do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas e com as sugestões dos membros do Grupo (em especial, da Profa. Taisa e do Prof. Sebastião), eu e o Prof. Michel optamos por mudar o projeto, dado que ele não se mostrou muito produtivo. Assim, eu e o professor elaboramos o projeto atual “*Orações finais introduzidas por para (que) e a fim de (que): uma abordagem discursivo-funcional*”. Esse projeto focaliza a análise e descrição de construções finais articuladas por meio de *para, para que, a fim de e a fim de que*.

Ainda no primeiro semestre, o prof. Michel e eu publicamos um artigo intitulado “*Formas de expressão da escalaridade em português*” na revista (Con)Textos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES. Nesse artigo, tratamos dos itens *até e ainda* como estratégias de expressão de escalaridade, à luz da GDF.

No segundo semestre de 2020, cursei mais três disciplinas “Tópicos Especiais: Abordagem Construcional da Mudança Linguística”, “Tópicos Especiais: Descrição linguística em perspectiva funcionalista” e “A mudança linguística na perspectiva da gramaticalização”. Essa última disciplina cursei como aluno especial na Unesp de São José do Rio Preto, ministrada pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

Eu ainda participei de uma série de eventos acadêmicos nesse primeiro ano de mestrando, dentre os quais destaco: I Escola de estudos linguísticos do GEL, II Seminário GrAELL: língua(gens), embates e resistências na contemporaneidade, I Colóquio Nacional do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas.

Em 2021, dediquei-me a cumprir os restantes dos créditos e à escrita da dissertação. No primeiro semestre de 2021, realizei o estágio de docência (que no PPGLetras é obrigatório para os alunos bolsistas) junto à disciplina de Sociolinguística, supervisionado pela Prof. Taisa. Com o estágio, pude aprender muito, auxiliando os alunos com as demandas da disciplina. Foi um momento muito importante para minha formação enquanto futuro professor-pesquisar.

Ainda em 2021, participei de uma série de eventos, como o XIII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELin) e o no 68º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Nesse segundo evento, participei de um simpósio coordenado pelo Prof. Michel, intitulado *Descrição Linguística e Gramática Discursiva-Funcional*. Assim, tive a oportunidade de apresentar meu trabalho a um grupo de pesquisadores especializados em descrição do português à luz do modelo linguístico que eu adoto: a Gramática Discursivo-Funcional. No segundo semestre de 2021, eu foquei no término da escrita da dissertação.

Em janeiro de 2022, enviei a dissertação ao Prof. Michel, para que ele a encaminhasse à banca do exame de qualificação. Em fevereiro, mais especificamente, no dia 28, foi realizada a minha qualificação, com a banca formada pelo Prof. Michel, pela Prof. Taisa e pela Prof. Dr. Erolde Goreti Pezatti (Unesp de São José de Rio Preto). A banca me indicou algumas pontas soltas do trabalho, e apresentou valiosas contribuições. Após o exame de qualificação, eu me dediquei à correção e à reelaboração da dissertação.

Vale destacar que, além de todas essas atividades, eu ainda assisti diversas defesas de mestrado e doutorado, defendidas pelo PPGLetras e por outros programas de pós-graduação. Entre as defesas que assisti, eu destaco seis defendidas pelo PPGLetras da UFMS/CPTL: *O esquema V_que condicional no português* (defendida por Camila Gabriele da Cruz Clemente, no dia 13 de março de 2020); *Construções condicionais com desde que* (defendida por Ingridy Inara Perico, no dia 31 de agosto de 2020); *Sujeito técnico em secretaria escolar: identidade(s) na virtualidade* (defendida por Maria Aparecida da Silva Santandel, no dia 28 de maio de 2021); *Teatro, sociedade e comparativismo literário: filigranas do discurso jurídico em A Partilha, de Miguel Falabella* (defendida por Jéssica Nadilla Hagemeyer, no dia 30 de junho de 2021) e *Processos de Subjetivação do professor de surdos no ensino médio: narrativas de si* (defendida por Romilda Meira de Souza Barbosa, no dia 29 de março de 2021).

RESUMO

Este trabalho, amparando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), analisa e descreve, no português brasileiro, construções finais articuladas pelos conectivos *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. Assume-se, aqui, que uma construção final envolve a articulação entre duas orações, uma nuclear e outra subordinada adverbial final (NEVES, 2018a), e entende-se que a relação final pode ser de natureza semântica e/ou discurso-pragmática, o que, na GDF, implica conceber que a formulação de uma construção final pode se dar nos níveis Representacional e/ou Interpessoal (FONTES, 2015; 2016b). Mais especificamente, o trabalho busca (i) descrever as propriedades funcionais e formais subjacentes aos usos de construções finais com *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*; (ii) especificar o grau de vinculação semântico-sintático entre as orações da construção final; (iii) determinar o estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais. A partir desses objetivos, as seguintes hipóteses de pesquisa são conjecturadas: (i) a relação de finalidade instaurada entre a oração nuclear e a oração final pode ser de diferentes tipos; (ii) os conectivos finais *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que* apresentam diferentes estatuto léxico-gramatical; (iii) os conectivos finais estabelecem tipos diferentes de finalidade. Os resultados obtidos com as análises dos dados revelam que, a depender do escopo da oração final nos níveis Representacional e Interpessoal, há cinco tipos diferentes de construções finais: *eventivas*, *epistêmicas*, *de motivação*, *de orientação*, *modificadoras interpessoais*. Ademais, os resultados mostram que os conectivos finais possuem estatuto léxico-gramatical diferentes, sendo organizados pelo seguinte *cline* de gramaticalidade, em que o conectivo mais à direita é mais gramatical que o(s) conectivo(s) mais à esquerda: *a fim de que* > *a fim de* > *para que* > *para*, e, portanto, são classificados, na GDF, como *Conjunção Lexical*, *Preposição Lexical*, *Conjunção Gramatical* e *Preposição Gramatical*, respectivamente. Além disso, esses conectivos saucionam valores de finalidade diferentes: os conectivos gramaticais *para* e *para que* instauram a finalidade a partir do esquema *origem* > *trajetória* > *meta* (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), ao passo que os conectivos lexicais *a fim de* e *a fim de que* marcam uma relação de finalidade com traços de *volição* (CRISTOFARO, 2003; MATEUS *et al*, 2003; CABRILLANA, 2009).

Palavras-chave: construções finais; conectivos finais; estatuto léxico-gramatical; finalidade.

ABSTRACT

This dissertation, based on the theoretical-methodological assumptions of Functional Discursive Grammar (henceforth GDF), by Hengeveld and Mackenzie (2008), analyzes and describes, in Brazilian Portuguese, final constructions articulated by the connectives *para*, *para que*, *a fim de* and *a fim de que*. It is assumed in this research that a final construction involves the articulation between two clauses, one core and an adverbial final subordinate (NEVES, 2018a), and it is understood that the final relation can be of a semantic and/or discourse-pragmatic nature, which, in the GDF, implies conceiving that the formulation of a final construction can take place at the Representational and/or Interpersonal levels (FONTES, 2015; 2016b). More specifically, the work seeks to (i) map functional and formal properties underlying the uses of end constructions with *for*, *so that*, *in order to* and *in order that*; (ii) examine the degree of semantic-syntactic link between the clauses of the final construction; (iii) determine the lexical-grammatical status of final connectives. Based on these objectives, the following research hypotheses are conjectured: (i) the relation of purpose established between the core clause and the final clause can be of different types; (ii) the final connectives *para*, *para que*, *a fim de* and *a fim de que* have different lexical-grammatical status; (iii) final connectives establish different types of purpose. The results obtained from the data analysis reveal that, depending on the scope of the final clause at the Representational and Interpersonal levels, there are five different types of final constructions: *eventive*, *epistemic*, *motivational*, *orienting*, and *interpersonal modifiers*. Furthermore, the results show that the final connectives have different lexicogrammatical status, being organized by the following grammatical cline, in which the rightmost connective is more grammatical than the leftmost connective(s): *a fim de que* > *a fim de* > *para que* > *para*, and they are classified, in the GDF, as Lexical Conjunction, Lexical Preposition, Grammatical Conjunction, and Grammatical Preposition, respectively. Furthermore, these connectives signify different values of purpose: the grammatical connectives *para* and *para que* establish the purpose from the origin>trajectory>goal scheme (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), while the lexical connectives *a fim de* and *a fim de que* they mark a relationship of finality with traits of volition (CRISTOFARO, 2003; MATEUS et al, 2003; CABRILLANA, 2009).

Keywords: Purpose constructions; purpose connectives; lexical-grammatical statute; purpose.

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

Lista de Tabelas

Tabela 3-1. Tipologia das orações finais	92
Tabela 3-2. Tipo de entidade escopada pela oração final em construções finais eventivas	94
Tabela 3-3. Factualidade das construções finais eventivas	96
Tabela 3-5. Correlação entre o tipo de construção final e conectivo final	108
Tabela 3-6. Frequência de uso de construções finais pela natureza da relação final... ..	109
Tabela 3-7. Tipos de relação temporal, sequência temporal, dependência temporal das construções finais	119
Tabela 3-8. Identidade de participantes em construções finais	126
Tabela 3-9. Correferencialidade de sujeitos das construções finais	129
Tabela 3-10. Correferencialidade de sujeitos em ocorrências com identidade de sujeitos	130
Tabela 3-11. Forma da expressão do sujeito na construção final	134
Tabela 3-12. Quantitativo das posições das orações finais por conectivo	144

Lista de Figuras

Figura 1-1. A GDF enquanto componente gramatical de um modelo mais amplo de interação verbal.....	19
Figura 1-2. Escala das teorias formais e funcionais	22
Figura 1-3. Classificação das teorias linguísticas.....	23
Figura 1-4. A arquitetura geral do modelo da GDF	25
Figura 1-5. Organização em camadas do Nível Interpessoal	28
Figura 1-6. Organização em Camadas do Nível Representacional	34
Figura 1-7. Organização em camadas do Nível Morfossintático	38
Figura 1-8. Contínuo entre léxico e gramática	56
Figura 2-1. Cruzamento entre identidade de participantes e de sujeitos	84
Figura 2-2. Escala de integração conforme a forma de expressão do sujeito.....	86
Figura 2-3. Padrões de ordenação na Expressão Linguística e na Oração	89
Figura 3-1. <i>Cline</i> de lexicalidade/gramaticalidade de conectivos finais	135

Lista de Quadros

Quadro 1-1. Categorias semânticas na GDF	37
Quadro 1-2. Padrões de combinação de elementos na camada da Expressão Linguística	40
Quadro 1-4. A distinção entre léxico e gramática na GDF	50
Quadro 1-5. Conjunções gramaticais x conjunções lexicais	53

Quadro 2-1. Tipos de sequências temporais.....	78
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1. A Gramática Discursivo-Funcional	18
1.1.1. A Arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional	24
1.1.1.1. Nível Interpessoal	27
1.1.1.2. Nível Representacional.....	33
1.1.1.3. Nível Morfossintático	37
1.2. A Distinção Léxico-Gramática na Gramática Discursivo-Funcional	47
1.2.1. O estatuto léxico-gramatical das preposições e das conjunções	50
1.3. Construções e Conectivos Finais.....	58
SEÇÃO II – MATERIAL E MÉTODO DE ANÁLISE	71
2.1. Material de análise e coleta dos dados	71
2.2. Parâmetros de análise.....	73
2.2.1. Parâmetros funcionais de análise	74
2.2.1.1. Entidade/camada designada/evocada pela oração final.....	74
2.2.1.2. Entidade escopada pela oração final.....	75
2.2.1.3. Oração final na formulação	76
2.2.1.4. Relações e sequências temporais entre as orações que formam a construção final.....	76
2.2.1.5. Tipo de referência temporal.....	80
2.2.1.6. Factualidade da oração final	81
2.2.1.7. Identidade de participantes	82
2.2.1.8. Correferencialidade de sujeitos	83
2.2.2. Parâmetros formais de análise.....	84
2.2.2.1. Camadas de codificação das orações dentro da construção final	84
2.2.2.2. Formas da expressão do sujeito das construções finais.....	85
2.2.2.3. Tempo e modo verbal das construções finais.....	87
2.2.2.4. Posição da oração final dentro da construção final	87
SEÇÃO III – ANÁLISE DOS DADOS.....	91
3.1. Tipologia das orações finais	91
3.1.1. Orações finais eventivas.....	92
3.1.2. Construções/orações finais epistêmicas	96
3.1.3. Construções/orações finais de motivação	99
3.1.4. Construções/orações finais de orientação	102

3.1.5. Construções/orações finais modificadoras interpessoais	104
3.1.6. A natureza prospectiva das construções finais.....	110
3.2. Estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais.....	119
3.2.1. Composicionalidade e analisabilidade dos conectivos finais.....	120
3.2.2. Graus de vinculação semântico-sintática dos eventos articulados pelos conectivos finais.....	125
3.3. Construções e conectivos finais na Gramática Discursivo-Funcional.....	136
3.3.1. Construções e conectivos finais no Nível Representacional	137
3.3.2. Construções e conectivos finais no Nível Interpessoal	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	153

INTRODUÇÃO

Este estudo toma como objeto de análise construções finais com *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*, a partir de dados do português brasileiro atual. Compreende-se, por construções finais, a combinação de duas orações, uma nuclear e uma subordinada adverbial, de modo que a adverbial expressa a finalidade do que é enunciado na oração nuclear, como se observa nos dados em (1).

- (1) a Eu gostaria que a informação fosse limpa e sóbria, invés de ataques de publicidade e sensacionalismo. **Os jornais funcionam para promover emissoras**, a notícia foi banalizada. (001pontodevista.zip.net)
- b Porém, existem pessoas que são um pouco sem noção e inconvenientes, podendo comentar coisas que lhe deixem constrangido ou até mesmo publicar coisas em seu mural fazendo com que assim você se sinta envergonhado. Para resolver essa situação **você poderia bloquear esta pessoa, para que assim ela não tenha acesso ao seu Facebook**. (007blog.net)
- c Como evitar a ressaca de o final de semana **Algumas medidas podem ser tomadas a fim de amenizar a ressaca do final de semana**, veja informações dicas sobre o assunto em o post. (007blog.net)
- d A liberdade de locomoção é o que lhes garante o acesso a as instituições de ensino e a outros bens culturais que agreguem conhecimento, portanto, não há que se fazer distinção em relação a os cursos em que estejam matriculados "», disse o Promotor. "« **Além disso o Município deve subsidiar o passe escolar, a fim de que seja cumprida sua missão constitucional de promover a Educação em todos os níveis** "», explicou Dr.=Daniel. (a8se.com)

Em todas ocorrências em (1), a oração adverbial final assinala a finalidade com que se realiza o que é descrito na oração nuclear. Essa relação de finalidade entre a oração final e a nuclear pode ocorrer no mundo real, no mundo das intenções ou, ainda, no próprio ato de fala (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), o que permite afirmar que essa relação pode se dar em um plano mais semântico ou em um plano mais discursivo¹.

As construções/orações e conectivos finais têm sido objeto de interesse de diversos trabalhos de descrição do português e de outras línguas (cf. AZEVEDO, 2000; 2002; THOMPSON, 1985; PÉREZ QUINTEIRO, 2002; MATEUS *et al*, 2003; CRISTOFARO, 2003; ANTONIO, 2011; NEVES, 2018a, CABRILLANA, 2009, dentre outros). Muitos dos trabalhos sobre construções e conectivos finais no português, entretanto, investigam essas construções a partir do conectivo final prototípico, a

¹ A natureza semântico-pragmática da relação de finalidade será discutida mais afundo na seção (1), mais precisamente, na subseção (1.3.).

preposição *para*, e/ou pela locução conjuntiva *para que*, apenas mencionando a existências de outros tipos de conectivos finais, como *a fim de* e *a fim de que*. Em seu trabalho, Leite (2015), diferentemente de outros pesquisadores, além de analisar as orações finais com *para* e *para que*, estende seu universo de pesquisa para os conectivos *a fim de* e *a fim de que*, discutindo as diferenças e semelhanças entre a articulação de orações com esses conectivos. No entanto, a autora, apesar de mencionar que os conectivos *para* e *para que* são mais gramaticais que *a fim de* e *a fim de que*, não procura se aprofundar na discussão a respeito do estatuto categorial desses conectivos.

Assim, com base no modelo da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a proposta que se levanta neste trabalho é investigar construções finais do português brasileiro tendo em vista dois objetivos mais gerais: (i) descrever as propriedades funcionais e formais subjacentes ao(s) uso(s) de construções finais articuladas não só pelos conectivos *para* e *para que*, mas também por *a fim de* e *a fim de que*; e (ii) determinar o estatuto léxico-gramatical desses conectivos finais. Assim, a partir desses dois objetivos gerais, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- (i) Propor uma nova tipologia de construções finais tendo em vistas avanços recentes entre os estudiosos da GDF a respeito de orações adverbiais;
- (ii) Determinar o grau de vinculação semântico-sintática entre as orações das construções finais articuladas por meio de *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*;
- (iii) Especificar de que modo os diferentes conectivos finais podem instaurar valores finais distintos e/ou diversificados.

Os objetivos, tanto gerais quanto específicos, do trabalho são pensados tendo em vista três de hipóteses de investigação, a saber:

- (i) a relação de finalidade instaurada entre a oração nuclear e a oração final pode ser de diferentes naturezas, o que, na GDF, pode ser identificado determinando o nível (Interpessoal ou Representacional), assim como a camada, envolvidos na formulação da relação final;
- (ii) os conectivos finais aqui investigados possuem estatuto léxico-gramatical diferente, assim, seguindo a distinção léxico-gramática operada pela GDF, *para* e *para que* são uma Preposição Gramatical e uma Conjunção

Gramatical e *a fim de* e *a fim de que*, uma Preposição Lexical e uma Conjunção Lexical;

- (iii) os conectivos gramaticais (*para* e *para que*) estabelecem uma relação de finalidade diferente da dos conectivos lexicais (*a fim de* e *a fim de que*).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentam-se o modelo teórico-metodológico que norteia as análises, a GDF, e o modo como esse modelo compreende a distinção léxico-gramática; também nessa seção, é apresentada uma revisão dos trabalhos que já analisaram as construções e conectivos finais; na segunda seção, discute-se a metodologia de análise, apresentando o *corpus* e o procedimento de coleta de dados, além dos parâmetros de análises utilizados para atingir os objetivos do trabalho; na terceira seção, apresentam-se as análises dos dados, e é neste capítulo que se discute os tipos relações finais entre a oração nuclear e a oração final e o estatuto léxico-gramatical desses conectivos, bem como o modo como se representam as construções e conectivos finais na GDF; o trabalho se encerra com as considerações finais e as referências.

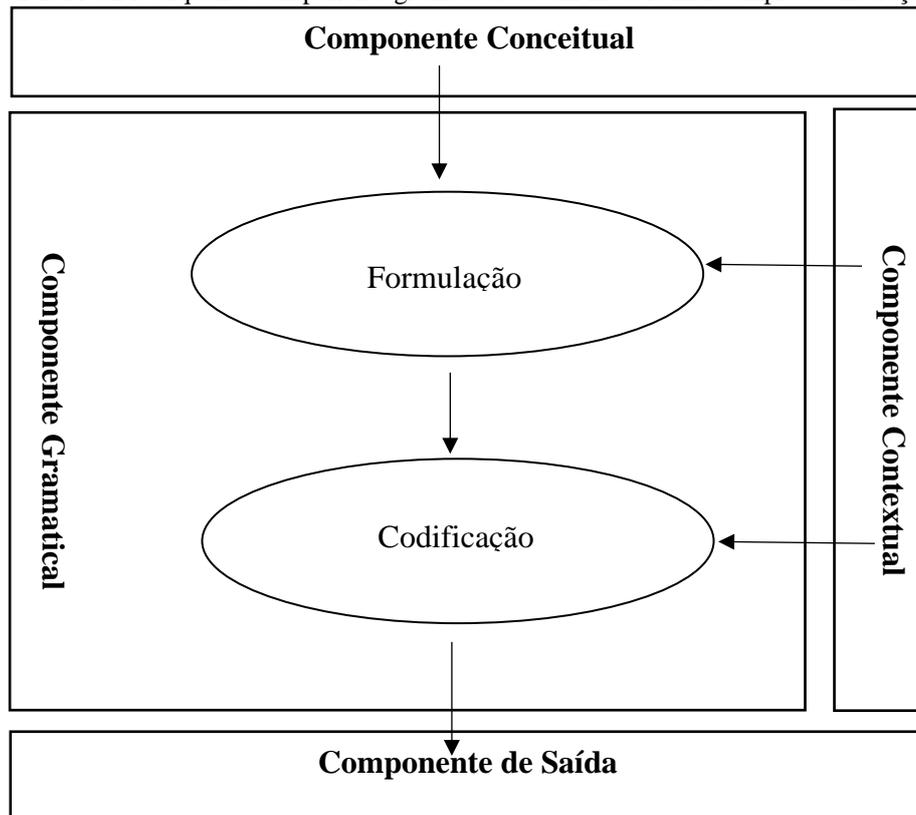
SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, são apresentados os fundamentos teóricos que norteiam as discussões desta pesquisa. Na primeira subseção (1.1.), discutem-se os aspectos gerais da arquitetura da GDF enquanto modelo de análise funcionalista. Na subseção (1.2.), discorre-se sobre a distinção léxico-gramática no interior da GDF. Por fim, na última subseção (1.3.), é revista a literatura acerca de construções e conectivos finais de modo a se chegar a um ponto de partida teórico-metodológico que oriente esta investigação em torno a seu objeto de estudo.

1.1. A Gramática Discursivo-Funcional

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF, conforme ilustrado na Figura (1-1), corresponde ao Componente Gramatical de um modelo teórico mais amplo de interação verbal, ligando-se a outros três componentes não-linguísticos: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída. O Componente Conceitual é responsável por gerar as intenções comunicativas do falante e as conceitualizações relevantes ao evento comunicativo. O Componente Contextual lida com as questões referentes ao contexto extralinguístico da interação e as relações sociais entre falante e ouvinte. Por fim, o Componente de Saída é responsável por transformar o *input* dos outros componentes em material acústico, simbólico e/ou gráfico.

Figura 1-1. A GDF enquanto componente gramatical de um modelo mais amplo de interação verbal



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 44)

Pela figura acima, também é possível notar que, no interior do Componente Gramatical, atuam duas operações, a *formulação* e a *codificação*. Enquanto a operação de formulação traduz o material recebido do Componente Conceitual em representações discursivo-pragmáticas e semânticas, a operação de codificação materializa as representações discursivo-pragmáticas e semânticas advindas da formulação em estruturas morfossintáticas e/ou fonológicas.

Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem que, na formulação, atuam três processos interligados, a saber: (i) seleção de moldes interpessoais e representacionais; (ii) inserção de lexemas dentro dos moldes; e, por fim, (iii) aplicação de operadores, simbolizando as distinções gramaticais da língua em análise. Assim como na formulação, na operação de codificação, também atuam três processos interligados: (i) a seleção de padrões morfossintáticos e fonológicos; (ii) inserção de morfemas gramaticais livres e presos; e, finalmente, (iii) aplicação de operadores que possuem um papel no processo de articulação da saída da gramática.

Vale ressaltar que os processos de formulação e de codificação, próprios ao Componente Gramatical, são alimentados pelos outros componentes do modelo de

interação verbal, em especial, pelos Componentes Conceitual e Contextual, via relações de interface. Para exemplificar o modo como o Componente Conceitual atua nas operações da GDF, Hengeveld e Mackenzie (2012) partem da seguinte oração: *há um touro no pasto!*. Segundo os autores, no Componente Conceitual, dois tipos de informações são acionados pelo falante: (i) a sua intenção comunicativa (emissão de um alerta); e (ii) as representações mentais que correspondem a sua intenção comunicativa (o evento causador do alerta). As informações em (i) e (ii) são traduzidas, na operação de formulação, em representações discursivo-pragmáticas e semânticas. Como no português alertas não são uma categoria ilocucionária separada das outras, o falante soluciona essa questão utilizando uma ilocução declarativa junto a um operador de ênfase. Ainda na operação de formulação, o falante designa uma entidade causadora do perigo por meio de um molde de predicação locativa. Já na operação de codificação, as representações discursivo-pragmáticas e semânticas advindas da formulação são formalmente codificadas em material morfossintático por meio da ordem de palavras típica das orações existenciais.

O Componente Contextual também pode exercer influência sobre o Componente Gramatical, contudo é importante mencionar que apenas as questões contextuais que atuam, de algum modo, na organização gramatical da língua são relevantes ao modelo da GDF. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Contextual pode influenciar na marcação de gênero gramatical, como a forma de agradecimento no português, que, a depender do gênero do falante, pode ser *obrigada* (se o falante se identificar com o gênero feminino) ou *obrigado* (se o falante se identificar com o gênero masculino). Outro exemplo que ilustra a influência do contexto sob a GDF é a forma de tratamento usada em espanhol: as formas *usted/ustedes*, em espanhol, são usadas, normalmente, em contextos formais de interação, ao passo que as formas *tú/vos* são expressões usadas, geralmente, em contextos informais.

Ao assim conceber a GDF, enquanto componente de um modelo mais amplo da interação verbal, Hengeveld e Mackenzie (2008) procuram atender a um dos princípios de adequação descritiva para uma gramática de orientação funcional (DIK, 1987; 1997a), o de adequação pragmática, segundo o qual um modelo de gramática funcional deve estar inserido em uma teoria de interação verbal mais ampla. Dessa forma, uma gramática funcional deve dar conta de explicar de que modo os princípios que governam a interação verbal refletem na expressão formal de um enunciado linguístico. Nesse sentido, a língua é compreendida como um instrumento de interação verbal, usada pelo falante para

alcançar seus propósitos comunicativos na interação com o ouvinte (DIK, 1987; 1997a; PEZATTI, 2004; NEVES, 2018a).

Outro ponto que revela atendimento do modelo da GDF a esse princípio é a definição de uma unidade de análise em bases discursivas. A GDF assume a pragmática como ponto central em suas análises. Na GDF, a unidade básica de análise é o Ato Discursivo, uma unidade pragmática que pode corresponder a unidades complexas como orações ou a unidades simples como holofrases. Além disso, segundo Dik (1989; 1997a), numa teoria funcionalista, há dois tipos de regras que regem a produção linguística: (i) as regras que governam a expressão linguística (regras semânticas, morfossintáticas e fonológicas); e (ii) as regras que governam a interação entre falante e ouvinte (regras pragmáticas). De acordo com o autor, o conjunto de regras (i) é instrumental em relação ao sistema de regras (ii).

Nesse sentido, a GDF é hierarquicamente organizada em níveis de análise que seguem uma arquitetura *top-down* (descendente)², em que as decisões tomadas nos níveis superiores influenciam as decisões tomadas nos inferiores. Os níveis superiores são os níveis da formulação, ou seja, os níveis que lidam com as questões discursivo-pragmáticas (Nível Interpessoal) e semânticas (Nível Representacional), já os níveis inferiores são os níveis da codificação, portanto, os níveis que lidam com os aspectos morfossintáticos (Nível Morfossintático) e fonológicos (Nível Fonológico). Nesse direcionamento, na GDF, a pragmática rege a semântica, a pragmática e a semântica regem a morfossintaxe, a pragmática, semântica e morfossintaxe regem, juntas, a fonologia, isto é, os níveis inferiores se configuram como instrumentos por meio dos quais se “materializam” as informações contidas nos níveis superiores.

Outro princípio que exerce grande peso sobre a proposição do modelo da GDF é o de **adequação tipológica**, cuja orientação é a de que um modelo de gramática funcional deve ser capaz de descrever e analisar os mais diferentes tipos de língua do mundo. Segundo Dik (1997a, p. 15), “uma teoria linguística só é interessante à medida que lida com regras e princípios que têm potencial aplicabilidade interlinguística”³.

A GDF oferece mecanismos para descrever e sistematizar as mais diferentes línguas do mundo, o que possibilita mapear suas semelhanças e diferenças. Segundo

2 Ver subseção 1.1.1. desta seção.

3 No original: linguistic theory is of interest only to the extent that it reveals rules and principles which have potential crosslinguistic applicability. Todas as traduções presentes neste trabalho são de responsabilidade do autor. Cada tradução será acompanhada pela sua versão original reproduzida em nota de rodapé.

Hengeveld e Mackenzie (2008), o que permite a GDF descrever tipologicamente as mais diferentes línguas é o fato de o modelo lidar apenas com categorias linguísticas empiricamente atestadas, uma vez que a teoria trabalha somente com fenômenos linguísticos que apresentam algum tipo de codificação formal, seja morfossintática, seja fonológica. Hengeveld e Mackenzie (2008) destacam que, apesar de analisar unicamente fenômenos linguísticos formalmente codificados, a GDF busca, em primeiro lugar, identificar os princípios funcionais que motivam um dado fenômeno linguístico. Apenas quando não se pode atestar, empiricamente, a motivação funcional de algum fenômeno, ele é considerado arbitrário.

Por lidar apenas com fenômenos linguísticos codificados nas línguas, Hengeveld e Mackenzie (2012) inserem a GDF num espaço entre teorias linguísticas formais mais radicais, que defendem a total arbitrariedade do sistema linguístico, e teorias funcionalistas mais radicais, que advocam a favor da total iconicidade do sistema linguístico. Seguindo esse posicionamento, Butler (2003) classifica a GDF como uma teoria *estrutural-funcional* de gramática, pois compartilha pontos em comum com modelos formais e funcionais. Desse modo, Camacho (2021), a partir das considerações de Butler (2003), propõe um *cline* (cf. Figura 1-2) de teorias linguísticas a partir do ponto que determinado modelo teórico se insere numa escala que vai do formalismo extremo ao funcionalismo extremo.

Figura 1-2 – Escala das teorias formais e funcionais

Modelo de Chomsky	Gramática do Papel e da Referência	Gramática (Discursivo) Funcional	Linguística Sistémico-Funcional	Funcionalismo da Costa Oeste
	(VAN VALIN e LAPOLLA, 1997)	(DIK, 1997a, 1997b; HEGENVEL D e MACKENZI E, 2008)	(HALLIDAY, 1985; HALLIDAY e MATTIESSE N, 1999, 2004)	(GIVÓN, 1989, 1993, 1995, 2001a, 2001b)

Fonte: Camacho (2021, p. 27)

De acordo com a escala proposta em Camacho (2021, p. 27), na ponta esquerda do *cline*, o modelo de Chomsky (a linguística gerativa) representa a teoria linguística mais formal, já na ponta direita, o funcionalismo da costa-oeste representa a teoria mais funcional. À medida que as outras teorias vão sendo colocadas no *cline*, elas são

classificadas como mais formais se se aproximarem mais do polo esquerdo, ou mais funcionais se se aproximarem mais do polo direito. É possível notar que a GDF (assim como a GF), nesse *cline*, é inserida exatamente no centro, uma vez que o modelo compartilha princípios teórico-metodológicos com os dois extremos.

Já Hengeveld (1998) classifica as teorias linguísticas a partir de dois traços, a saber: (i) a visão de arbitrariedade da sintaxe, isto é, se, em determinada teoria, a sintaxe é compreendida como arbitrária (sem motivações funcionais) ou se é compreendida como não-arbitrária (motivada por questões funcionais); e (ii) a proposta de um modelo de formalização, entendido, pelo autor, como um sistema notacional para representar generalizações de estruturas linguísticas. A proposta do autor é ilustrada pela Figura em (1-3).

Figura 1-3 – Classificação das teorias linguísticas

	Formalizada	Não-formalizada
Arbitrária	A	C
Não-arbitrária	B	D

Fonte: adaptada de Hengeveld (1998)

Como se nota pela Figura (1-3), pode-se distinguir quatro tipos de modelos teóricos: A, B, C e D. O modelo A, arbitrário e formalizado corresponde a modelos formais, como a gramática gerativa. O modelo B, não-arbitrário e formalizada, representa modelos como o da GF e da GDF. O modelo C, arbitrário e não-formalizada, embora teoricamente possível, não corresponde a nenhum modelo teórico atual. Finalmente, o modelo D, não-arbitrário e não-formalizado, representa modelos funcionalistas como o funcionalismo da costa-oeste.

Por fim, o último princípio que o modelo da GDF atende é o de adequação psicológica, determinando que um modelo de gramática funcional deve refletir os processos mentais dos usuários da língua, no que diz respeito à produção de um enunciado e sua compreensão. Em outras palavras, a gramática deve ser organizada tendo em vista o funcionamento psicológico da produção e compreensão linguística de seus usuários. De acordo com estudos psicolinguísticos, o processo de produção de uma expressão linguística ocorre de forma descendente, partindo das intenções comunicativas do falante em direção à articulação dessa expressão. Na GDF, esse processo se inicia fora do Componente Gramatical, no Componente Conceitual, em que o falante formula sua intenção comunicativa. Em seguida, o Componente Gramatical recebe o *input* do

Componente Conceitual, e traduz as intenções comunicativas do falante em representações pragmáticas e semânticas na operação de formulação e, em seguida, recebem estrutura morfossintática e fonológica na codificação. Após a operação de codificação, a expressão linguística segue ao Componente de Saída, onde recebe representações gráficas, simbólicas e/ou acústicas.

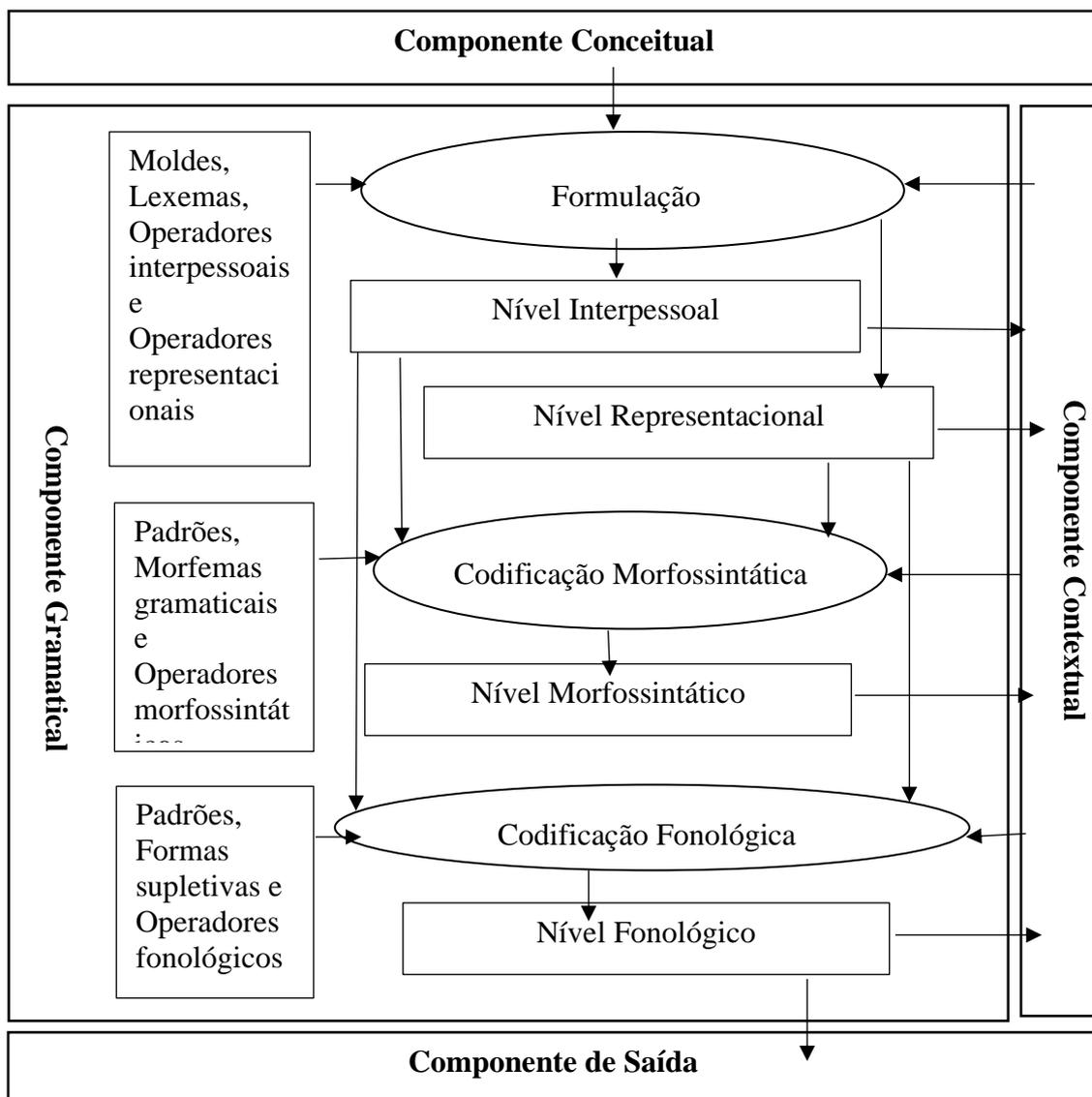
Assim, pode-se afirmar que a GDF é (i) gramática porque apresenta mecanismos capazes de descrever as mais distintas línguas do mundo; (ii) discursiva, pois toma como unidade básica de análise um elemento pragmático, o Ato Discursivo; e (iii) funcional já que assume que as propriedades funcionais de um elemento linguístico regem a sua codificação formal.

1.1.1. A Arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional

Segundo Hengeveld (2004, p. 336), a GDF é “um modelo de intenções e conceitualizações codificadas”⁴, em outras palavras, a GDF é um modelo funcionalista que busca descrever estruturas linguísticas formalmente codificadas nas línguas. Para tanto, o modelo é hierarquicamente organizado em quatro níveis de análise: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Os dois primeiros níveis dão suporte à operação de formulação, o terceiro sustenta a codificação morfossintática, e o último nível, a operação de codificação fonológica (cf. Figura 1-4).

4 No original: *a model of encoded intentions and conceptualizations.*

Figura 1-4. A arquitetura geral do modelo da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 48)

Conforme ilustrado na Figura (1-4), as elipses representam as operações de formulação e de codificação; os retângulos contêm os níveis de análises do modelo, e, por fim, os quadrados representam os primitivos usados em cada operação.

Os primitivos, na GDF, são blocos construtores usados para elaboração de uma expressão linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Segundo Keizer (2015), é possível dividir os primitivos em três grupos. O primeiro grupo é composto por primitivos estruturadores, como *moldes*, na formulação, e *padrões*, na codificação. Esses primitivos são responsáveis por determinar as possibilidades de combinação de elementos em cada nível. Segundo Keizer (2015, p. 30),

durante a formulação, o falante faz uso dos moldes, especificando a possibilidade de combinações de unidades pragmáticas e semânticas. Na codificação, nós encontramos os padrões morfossintáticos: padrões morfossintáticos são aqueles que especificam a ordem em que os elementos aparecem dentro da oração e do sintagma, e padrões fonológicos são aqueles que representam os possíveis padrões de entonação e acentuação na língua.⁵

Na GDF, os moldes ainda podem conter uma *função*, que são estratégias relacionais altamente gramaticais, capazes de vincular unidades linguísticas, isto é, de estabelecer articulações retórico-pragmáticas, semânticas e/ou morfossintáticas entre as camadas combinadas no interior de um molde.

O segundo tipo de primitivos abarca elementos linguísticos relevantes em cada nível de análise da GDF. Na formulação, esses primitivos são representados pelos *lexemas*, elementos de conteúdo lexical que o falante dispõe para elaborar seu enunciado; já na operação de codificação, esses primitivos são representados por *morfemas gramaticais*, que são usados na estruturação de uma informação gramatical.

Por fim, o terceiro e último grupo abriga os *operadores*, que constituem informações gramaticais pertinente a cada nível da GDF. Na formulação, é possível identificar operadores pragmáticos, que fornecem alguma informação pragmática expressa gramaticalmente, como, por exemplo, a identificabilidade de um referente, e operadores semânticos, que fornecem informações do mundo expressas gramaticalmente, como, por exemplo, tempo e número. Já na codificação, os operadores gramaticais representam elementos gramaticais das línguas, expressos por meio de Palavras Gramaticais.

Na Figura (1-4), pode-se ainda notar que a GDF é estruturada em quatro níveis de análise hierarquicamente ordenados. Cada nível representa um módulo separado da gramática e possui uma organização interna em camadas, também ordenadas hierarquicamente. Apesar de serem concebidos como módulos separados, os níveis superiores influenciam nas decisões tomadas nos níveis inferiores. Na representação em (1-1), é mostrada a organização interna em camadas dos níveis.

$$(1-1) \quad (\pi \ v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\phi]: [\sigma (v_1)_\phi])$$

⁵ No original: *During Formulation, Speakers make use of frames, specifying the possible combinations of pragmatic or semantic units. In Encoding we find templates: Morphosyntactic templates, which specify the order in which elements appear within a Clause or Phrase, and Phonological templates, which represent the possible intonation and stress patterns of a language.*

Seguindo a representação em (1-1), v_1 representa a variável da camada relevante para a descrição linguística. Essa camada possui um *núcleo*, que pode ser modificado por um *modificador* (σ); tanto o núcleo quanto o modificador são elementos lexicais. A camada pode, ainda, ser especificada por um *operador* (π) e conter uma *função* (ϕ), ambas estratégias gramaticais.

A seguir, os aspectos centrais de cada nível de análise da GDF serão apresentados na ordem prevista pelo modelo: Interpessoal (nível que lida com os aspectos relativos à retórica e à pragmática); Representacional (nível que lida com as questões referentes à semântica) e Morfossintático (nível que lida com as questões referentes à codificação morfossintática). A GDF ainda conta com um quarto nível de análise, o Fonológico (nível que lida com as questões ligadas à fonologia), porém esse nível não será considerado para as análises aqui desenvolvidas, uma vez que questões ligadas à fonologia fogem aos objetivos do trabalho.

1.1.1.1. Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal (doravante NI) é o primeiro nível da operação de formulação e do modelo da GDF como um todo. Esse nível é responsável por converter o *input* do Componente Conceitual em representações retóricas e pragmáticas. Na GDF, compreende-se por retórica o modo como o falante estrutura seu enunciado tendo em vista seus objetivos comunicativos. Já por pragmática, compreende-se o modo como o falante estrutura seu enunciado a partir do seu julgamento a respeito da informação pragmática de seu ouvinte.

Em linhas gerais, o Nível Interpessoal lida com “todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 48)⁶. A seguir, na Figura (1-5), é apresentada a organização em camadas do Nível Interpessoal.

⁶ No original: *all the formal aspects of a linguistic unit that reflect its role in the interaction between the Speaker and the Addressee.*

Figura 1-5. Organização em camadas do Nível Interpessoal

$(\pi M_1: [$	Movimento
$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))$	Subato Atributivo
$(\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))$	Subato Referencial
$] (C_1): \Sigma (C_1))$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))$	Ato Discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 51)

O *Movimento* (M) é definido por Hengeveld e Mackenzie (2008) como a maior unidade interacional do Nível Interpessoal. Com base em Kroon (1995), os autores argumentam que o Movimento constitui uma contribuição autônoma para o desenvolvimento da interação, apresentando efeito perlocutivo, uma vez que é capaz de iniciar uma interação e mantê-la corrente. Dessa forma, os autores distinguem dois tipos de Movimentos: o de *iniciação*, responsável por iniciar uma interação, e o de *reação*, gerado a partir do de iniciação e que também pode gerar outra reação (cf. 1-2).

- (1-2) a A: What happened yesterday in the Scottish Premier League?
 B: Celtic won. And Rangers lost.
 A: O que aconteceu ontem na Scottish Premier League?
 B: Celtic venceu. E Rangers perderam
- b Watch out, because there will be trick questions in the exam.
 Cuidado, porque haverá perguntas capciosas no exame.
- (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 53)

Em (1-2a), A constitui um Movimento de iniciação, composto de apenas um Ato Discursivo, a interrogação *What happened yesterday in the Scottish Premier League?*. Esse Movimento de iniciação gera o Movimento de reação B, que, diferentemente de A, é composto por dois Atos Discursivos: o primeiro *Celtic won*, e o segundo *and Rangers lost*. Nota-se que os dois Atos que formam o Movimento B têm o mesmo estatuto comunicativo, o que, na GDF, representa um caso de *equipolência*.

O Movimento em (1-2b), assim como o Movimento B em (1-2a), também é formado por dois Atos Discursivos, *watch out* e *because there will be trick questions in the exam*. Contudo, nesse exemplo, os Atos não estão uma relação de equipolência, visto que, na interação, esses Atos têm pesos comunicativos diferentes, o que sinaliza uma relação de *dependência* entre esses Atos Discursivos. Nos casos em que há, no

Movimento, uma relação de dependência entre Atos Discursivos, um deles, o Ato Nuclear, carrega a informação central, com maior peso comunicativo, enquanto o outro, o Ato Subsidiário, carrega a informação secundária, que da sustentação à informação do Ato Nuclear.

Na GDF, aos Atos Subsidiários é atribuída uma função retórica, que são estratégias usadas pelo falante com o objetivo de estruturar seu enunciado tendo em vista suas intenções comunicativas. A GDF prevê uma série de funções retóricas, a saber: Aposição (cf. (1-3)), Concessão (cf. (1-4)), Esclarecimento (cf. (1-5)), Orientação (cf. (1-6)) e Motivação (cf. (1-7)).

(1-3) Conheci grandes treinadores, Roberto Kell, *que foi o famoso treinador dos violinos de Sporting*.

(M_I: [(A_I: (F_I: DECL (F_I)) [(C_I: conheci grandes treinadores (C_I)) [(R_I: Roberto Kell (R_I))]] (A_I)) (A_J: foi o famoso treinador dos violinos do Sporting (A_J))_{Aposição}] (M_I))

(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 176)

No exemplo (1-3), o Ato Subsidiário desempenha a função retórica Aposição, na qual, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o falante oferece a seu ouvinte uma informação de fundo, que auxilia na compreensão do que foi enunciado anteriormente. Em (1-3), o Ato Subsidiário *que foi o famoso treinador dos violinos de Sporting* oferece um suporte para compreensão do Subato Referencial *Roberto Kell*, que, por sua vez, é parte constitutiva do Ato Nuclear *conheci grandes treinadores*.

(1-4) :isso daí::não tem como cê controlar... *apesar que a:: esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa*

(M_I: [(A_I: (F_I: DECL (F_I)) [(C_I: isso daí não tem como cê controlar (C_I))]] (A_I)) (A_J: a esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa (A_J))_{Conc}] (M_I))

(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 172)

Em (1-4), o Ato Subsidiário *apesar que a esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa* desempenha a função retórica Concessão em relação ao Ato Nuclear *isso daí não tem como cê controlar*. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a Concessão, enquanto função retórica, sinaliza uma (possível) restrição em relação ao que foi enunciado anteriormente. Dessa forma, o falante, por meio do Ato Subsidiário, antecipa uma possível objeção do ouvinte em relação ao conteúdo do Ato Nuclear.

- (1-5) *dói muito para nós, as senhoras*
 (M_I: [(A_I: (F_I: DECL (F_I)) [(C_I: dói muito para nós (C_I))] (A_I)] (A_J: as senhoras (A_J))_{Escl}] (M_I))
 (PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 168)

O exemplo em (1-5) representa a função retórica Esclarecimento. Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que a função Esclarecimento é usado pelo falante com o intuito de corrigir ou esclarecer algo que foi enunciado. Em (1-5), o Ato Subsidiário *as senhoras* esclarece e/ou especifica quem é o referente do falante no Ato Nuclear *dói muito para nós*.

- (1-6) *açucarinha, como é que se faz?*
 (M_I: [(A_I: (F_I: DECL (F_I)) [(C_I: açúcarinha (C_I))] (A_I)]_{Orien} (A_J: (F_J: INTER (F_J)) [(C_J: como é que se faz (C_J))] (M_I))
 (PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 168)

Em (1-6), o Ato Subsidiário *açucarinha* desempenha a função retórica Orientação em relação ao Ato Nuclear *como é que se faz?*. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a Orientação é uma função em que o falante evoca alguma informação com intuito de orientar o ouvinte a respeito do que será tratado a seguir. No exemplo em (1-6), o falante orienta o ouvinte sobre o assunto (*açucarinha*) da sua pergunta (*como é que se faz?*).

- (1-7) *vai-te embora que a minha mãe não, não me deixa conversar*
 (M_I: [(A_I: (F_I: IMPER (F_I)) [(C_I: vai-te embora (C_I))] (A_I)] (A_J: - que minha mãe não, não me deixa conversar (A_J)] (M_I))
 (PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 173)

No exemplo em (1-7), o Ato Subsidiário desempenha a função retórica Motivação em relação ao Ato Nuclear. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), por meio da Motivação, o falante apresenta, no Ato Subsidiário, uma causa/justificativa em relação ao que foi enunciado no Ato nuclear. Em (1-7), o Ato *que a minha mãe não, não me deixa conversar* contém o motivo pelo qual o falante enuncia a ordem *vai-te embora*.

Assim, como observado pelos exemplos em (1-2) a (1-7), a camada do Movimento é nucleada por um ou mais *Atos Discursivos*. Hengeveld e Mackenzie (2008) definem o Ato Discursivo como unidade comunicativa básica do comportamento linguístico. Na GDF, um Ato Discursivo pode corresponder a unidades pequenas e simples, como holófrases e marcadores discursivos, ou a unidades maiores e complexas, como orações ou segmentos textuais mais amplos.

Os Atos Discursivos podem ser nucleados por quatro diferentes elementos: (i) uma Ilocução (F); (ii) um Falante ((P)_S), (iii) um Ouvinte ((P)_A), e, por fim, um Conteúdo Comunicado (C). A combinação desses elementos no Ato determina o seu tipo, como se observa em (1-8).

- (1-8) a (A₁: [F₁: ♦ (F₁)] (P₁)_S] (A₁))
 b (A₁: [(F₁: ♦ (F₁) (P₁)_S (P₂)_A] (A₁))
 c (A₁: [(F₁: ♦/ILL (F₁))(P₁)_S (P₂)_A (C₁)] (A₁))

As representações em (1-8) ilustram as possíveis combinações de elementos dentro de um Ato Discursivo e, conseqüentemente, os tipos de Atos previstos pelo modelo da GDF. Em (1-8a), o Ato Discursivo preenche as posições da Ilocução, mais especificamente, uma Ilocução expressiva, e a do Falante, constituindo um esquema de *Ato Expressivo*. Nesse tipo de Ato, o falante expressa alguma emoção, sem intuito de evocar algum conteúdo a seu ouvinte. Esses Atos podem corresponder, no português, a formas interjetivas como *oba* e *poxa* (FONTES; PEZATTI, 2011).

No esquema em (1-8b), o Ato Discursivo preenche as posições da Ilocução, do Falante e a do Ouvinte, o que configura um esquema de *Ato Interativo*. Esse tipo de Ato Discursivo é usado pelo falante com o objetivo de monitorar, de alguma maneira, a interação com seu ouvinte. Como esses Atos codificam a necessidade do falante de checar se seu interlocutor está acompanhando a interação, sem o desejo evocar nenhum Conteúdo Comunicado, somente são preenchidas as posições da Ilocução e dos Participantes (falante e ouvinte). No português, Atos Interativos podem ser realizados por meio de formas de cortesia, como *obrigado*, *parabéns*, e por marcadores discursivos, como, *tudo bem?*, *né?*, *olha* (FONTES; PEZATTI, 2011).

Por fim, o esquema (1-8c) representa um Ato *Ilocutivo*, em que todas as posições são preenchidas, pois, nesse tipo de Ato Discursivo, um Falante deseja evocar um Conteúdo Comunicado ao seu Ouvinte. Em português, um Ato Ilocutivo pode ser expresso por orações como *hoje eu queria que chovesse*. Nessa oração, o falante evoca um conteúdo, seu desejo pela chuva, e o transmite a seu ouvinte.

Na GDF, a *Ilocução* (F) desempenha o papel de atribuir uma intenção comunicativa ao Ato Discursivo. Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem uma série de Ilocuções, como, por exemplo, Vocativa (quando o falante deseja chamar a atenção de seu ouvinte), Declarativa (quando o falante deseja declarar algo ao ouvinte), Imperativa (quando o falante direciona uma ordem ao seu ouvinte), Interrogativas (quando o falante

deseja perguntar algo a seu ouvinte), dentre outras. Vale destacar que o conjunto de Ilocuções distinguindo na GDF pode variar a depender da língua, isto é, uma dada Ilocução pode ser distinguida em uma língua e não em outra. As Ilocuções podem conter um núcleo abstrato ou lexicalmente preenchido.

O *Conteúdo Comunicado* (C), por sua vez, consiste na totalidade daquilo que o falante deseja evocar na interação verbal com seu ouvinte. Na GDF, um Conteúdo Comunicado toma como núcleo um Subato Atributivo (T) e/ou um Subato Referencial (R). O exemplo (1-9) ilustra um Conteúdo Comunicado.

(1-9) e os filhos ficaram todos ricos (PEZATTI, 2014, p. 105)
 (A₁: [(F₁: DECL (F₁)) (C₁: [(R₁: os filhos (R₁)) (T₁: ricos (T₁))] (C₁)] (A₁))

No dado (1-9), o enunciado *e os filhos ficaram todos ricos* é a totalidade do que o falante deseja evocar ao ouvinte, portanto, corresponde a um Conteúdo Comunicado. Esse Conteúdo, por sua vez, é nucleado por um *Subato Atributivo* e um *Subato Referencial*. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), Subatos Atributivos (T) correspondem a uma tentativa do falante de evocar uma propriedade, enquanto Subatos Referenciais (R) configuram uma tentativa do falante em evocar um referente. Os exemplos em (1-10) ilustram os usos de Subato Atributivos e Referenciais.

(1-10) a **Maria é bonita**
 NI: (C₁: [(R₁: - Maria – (R₁)) (T₁: - bonita – (T₁))] (C₁))
 b **Pedro e Marcela** saíram.
 NI: (C₁: [(R₁: - Pedro – (R₁)) (R₂: - Marcela – (R₂)) (T₁: - saíram (T₁))] (C₁))

No exemplo em (1-10a), o lexema *bonita* corresponde, no Nível Interpessoal, a um Subato Atributivo, uma vez que evoca uma propriedade – a de *ser bonita* –, atribuída ao referente evocado pelo nome *Maria*. Já em (1-10b), *Pedro e Marcela* são evocados pelo falante como referentes que executam a ação de sair, dessa forma, são formulados no interior do Conteúdo Comunicado como um Subato Referencial. Na GDF, Conteúdos Comunicados, Subatos Referenciais e Subatos Atributivos podem desempenhar alguma função pragmática. As funções pragmáticas constituem estratégias gramaticais usadas pelo falante para construir seu enunciado tendo em vista seu julgamento da informação pragmática do ouvinte. O modelo prevê três tipos de funções pragmáticas, são elas: *Tópico, Foco e Contraste* (cf. 1-10).

A função *Tópico* é atribuída a um conteúdo informativo que consiste no ponto de partida para aquilo que o falante deseja comunicar; trata-se, assim, de informação dada, já disponível no discurso. A função *Foco*, por outro lado, atende a uma estratégia do falante em assinalar, a seu ouvinte, a introdução de uma nova informação ao discurso. Por fim, a função *Contraste* consiste em uma estratégia do falante em sinalizar que uma informação é mais correta/saliente que outra já disponível. Os exemplos abaixo ilustram os usos das funções pragmáticas.

- (1-11) a *doutores* sempre houve muito poucos.
 b Tínhamos, só no primeiro nível em setenta e sete, *um milhão e vinte mil reais*.
 c *também* aparece a esterilidade.

(PEZATTI, 2014, p. 98-110)

Em (1-11a), o Subato Referencial *doutores* é o ponto de partida do Conteúdo Comunicado, portanto a ele é atribuída a função Tópico. No exemplo em (1-11b), *um milhão e vinte mil reais* configura a informação nova, não disponível na interação, desempenhando, assim, a função Foco. Em (1-11c), *também* é uma partícula que marca a função Contraste, dado que sinaliza que o Conteúdo Comunicado é uma expansão de outro já mencionado anteriormente.

Em suma, o Nível Interpessoal lida com o papel que as estruturas linguísticas desempenham na interação verbal. Esse nível lida com os passos tomados pelos falantes para atingir seus propósitos comunicativos. Desse modo, o Nível Interpessoal trata das entidades linguísticas em termos de evocação (KEIZER, 2015).

1.1.1.2. Nível Representacional

O Nível Representacional (doravante NR), segundo nível da operação de formulação, é responsável pelos aspectos semânticos das línguas. Na GDF, a semântica é entendida de duas formas: (i) o modo como a língua se relaciona com o mundo extralinguístico que ela descreve; e (ii) os significados dos elementos linguísticos independentemente de como são usados na língua (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). No Nível Representacional, o *input* do Nível Interpessoal é convertido em representações semânticas, assim, enquanto o Nível Interpessoal lida com as unidades

linguísticas em termos de entidades evocadas, o Nível Representacional lida com as unidades linguísticas em termos de entidades designadas (KEIZER, 2015).

No Nível Representacional, as unidades linguísticas são caracterizadas em termos de categorias ontológicas que elas designam. Hengeveld e Mackenzie (2008), partindo do trabalho de Lyons (1997), propõem quatro categorias semânticas: a primeira entidade é o *Indivíduo*, uma entidade de primeira ordem, que pode ser localizado no espaço e é avaliado em termos de sua existência; a segunda é o Estado-de-Coisas, uma entidade de segunda ordem, que pode ser localizada tanto no espaço como no tempo e é avaliada em termos de sua realidade; a terceira é o Conteúdo Proposicional, uma entidade de terceira ordem, que não pode ser localizada no espaço nem no tempo e é avaliada em termos de sua veracidade; e, por fim, a Propriedade, uma entidade de zero ordem, que é dependente de outra entidade e é avaliada em termos de sua aplicabilidade.

Assim como o Nível Interpessoal, o Nível Representacional também é hierarquicamente organizado em camadas, como se observa na Figura (1-6).

Figura 1-6. Organização em Camadas do Nível Representacional

(p ₁ :	Conteúdo Proposicional
(_π ep ₁ :	Episódio
(_π e ₁ :	Estado-de-Coisas
[(_π f ₁ :	Propriedade Configuracional
(_π v ₁ : ♦ (v ₁): [σ (v ₁) _φ])	qualquer categoria semântica
.....	
(_π v _{1+n} : ♦ (v _{1+n}): [σ (v _{1+n}) _φ]) _φ	qualquer categoria semântica
] (f ₁): [σ (f ₁) _φ])	Propriedade Congifuracional
(e ₁) _φ : [σ (e ₁) _φ])	Estado-de-Coisas
(ep ₁): [σ (ep ₁) _φ])	Episódio
(p ₁): [σ (p ₁) _φ])	Conteúdo Proposicional

Fonte: adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 142)

Como se nota na Figura acima, o Conteúdo Proposicional (p) é a primeira camada do Nível Representacional. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), Conteúdos Proposicionais são constructos mentais, que descrevem crenças, dúvidas e conhecimentos do falante e, então, não podem ser localizados no tempo e no espaço, sendo avaliados em termos de veracidade. O exemplo em (1-13), extraído de Pezatti (2014), ilustra um Conteúdo Proposicional.

(1-13) porque o sofrimento não é o mesmo logicamente

(PEZATTI, 2014, p. 122)

Em (1-13), a oração *porque o sofrimento não é o mesmo logicamente* designa uma crença do falante, portanto, um Conteúdo Proposicional. O modificador evidencial *logicamente* corrobora a leitura do exemplo em (1-13) como uma proposição, uma vez que marca o grau de certeza do falante em relação à crença. Conteúdos Proposicionais são nucleados por *Episódios* (ep), que, na GDF, consistem em conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, apresentando continuidade no Tempo e no Lugar, além de identidade de Indivíduo. O exemplo em (1-14), extraído de Hengeveld e Mackenzie (2012), representa um Episódio, formado por um conjunto de Estados-de-Coisas.

- (1-14) Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calça e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 56)

No exemplo em (1-14), todo o seguimento constitui um Episódio, composto de uma série de Estados-de-Coisas, que juntos apresentam continuidade de lugar, de tempo e de indivíduo. Na GDF, *Estados-de-Coisas* (e) designam eventos e/ou estados do mundo extralinguísticos, podendo ser localizados no tempo e no espaço, e são avaliados em termos de sua realidade (reais ou irrealis/imaginários). O exemplo em (1-15), retirado de Pezatti (2014), ilustra um Estado-de-Coisas.

- (1-15) lá criaram todo o processo de socialização
(PEZATTI, 2014, p. 119)

O Estado-de-Coisas em (1-15) descreve o evento real de *lá criaram todo o processo de socialização*. Esse evento apresenta localização no espaço, marcada pelo elemento dêitico *lá*, e no tempo, marcada pela relação modo-temporal do verbo *criaram*. Os Estados-de-Coisas são nucleados por uma Propriedade Configuracional (f^c), que corresponde, na GDF, a um molde de predicação. Hengeveld e Mackenzie (2008) compreendem a predicação como um processo de combinação de um predicado a seus argumentos. Os exemplos em (1-16) ilustram o processo de predicação, bem como a atribuição de funções semânticas na GDF.

- (1-16) a O ladrão se retirou.
(e_1 : (f^c_1 : [(f_1 : retirar-sev (f_1)) (x_1 : o ladrão (x_1)_A]) (f^c_1)) (e_1))

b O inimigo atacou a cidade.

(e₁: (f^c₁: [(f₁: atacar_v (f₁)) (x₁: o inimigo (x₁)_A) (x₂: a cidade (x₂)_U]) (f^c₁))
(e₁))

Adaptado de Keizer (2015).

No exemplo em (1-16a), o enunciado *o ladrão se retirou* corresponde a um Estado-de-Coisas, nucleado por uma Propriedade Configuracional, que corresponde a um esquema de predicação de um-lugar, formada de uma Propriedade Lexical, o predicado verbal *retirar*, e pelo argumento sujeito *o ladrão*, que desempenha a função semântica *agente*. Já no exemplo em (1-16b), o Estado-de-Coisas *o inimigo atacou a cidade* é nucleado por uma Propriedade Configuracional de dois lugares, composta pelo predicado verbal *atacar*, que seleciona dois argumentos, *o inimigo* e *a cidade*, que desempenham, respectivamente, as funções semânticas *ativo* e *inativo*.

As funções semânticas atribuídas nos exemplos (1-16) são resultado da combinação de Propriedades Lexicais dentro de uma Propriedade Configuracional, ou seja, são funções argumentais, uma vez que essas unidades estão em uma relação do tipo *núcleo-dependente*. Entretanto, é possível estabelecer funções semânticas em elementos que estão numa relação de *núcleo-modificador*, como nos casos das construções adverbiais em (1-17). A diferença entre a relação núcleo-dependente e núcleo-modificador consiste no fato de que, na primeira, o elemento ligado ao núcleo é obrigatório, enquanto, na segunda, é opcional.

- (1-17) a *Se o vermelho conseguir queimar o amarelo... aí ele ganha*
 b *Se a sociedade civil, uma organização não governamental, quiser criar uma Ouvidoria aí sim será separado do Estado*
 (OLIVEIRA; SOUZA, 2021, p. 164)

Nos exemplos em (1-17), os elementos são combinados numa relação *núcleo-modificador*, em que a oração adverbial atua como modificador da oração principal, desempenhando, assim, uma função semântica (de *condição*, no caso) em relação ao núcleo. Em (1-17a), os dois segmentos *se o vermelho conseguir queimar o amarelo* e *aí ele ganha* designam Estados-de-Coisas, ligados de tal forma que o primeiro (o modificador) desempenha a função semântica *condição* em relação ao segundo (o núcleo). Já em (1-17b), os segmentos do enunciado designam Conteúdos Proposicionais, em que um deles, o designado por *se a sociedade civil, uma organização não*

governamental, quiser criar uma Ouvidoria, desempenha a função semântica condição em relação ao outro, o designado por aí sim será separado do Estado.

O Nível Representacional ainda conta com uma série de outras categorias semânticas além das descritas acima, como Indivíduo (x), Lugar (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q), como se observar no quadro (1-1).

Quadro 1-1. Categorias semânticas na GDF

Categoria	Variável	Exemplo
Propriedade Lexical	F	Cor
Indivíduo	X	Cadeira
Estado-de-Coisas	E	Encontro
Conteúdo Proposicional	P	Idéia
Lugar	L	Topo
Tempo	T	Semana
Episódio	ep	Incidente
Modo	M	Maneira
Razão	R	Razão
Quantidade	Q	Litro

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Em síntese, o Nível Representacional, conforme concebem Hengeveld e Mackenzie (2008), lida com as questões referentes às semânticas das línguas. Nesse nível, diferentemente do Nível Interpessoal, as categorias semânticas são tratadas em termos de entidade designada (KEIZER, 2015).

1.1.1.3. Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático (doravante NM) é o primeiro nível da operação de codificação, e lida com as questões referentes à morfologia e à sintaxe. Na GDF, a morfologia e a sintaxe não são analisadas em níveis separados, pois, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os princípios que atuam na estruturação da palavra são os mesmos que atuam na estruturação da sentença. No Nível Morfossintático, mais especificamente, as representações retórico-pragmáticas e semânticas, distinguidas no interior dos níveis Interpessoal e Representacional, são materializadas em estruturas morfossintáticas.

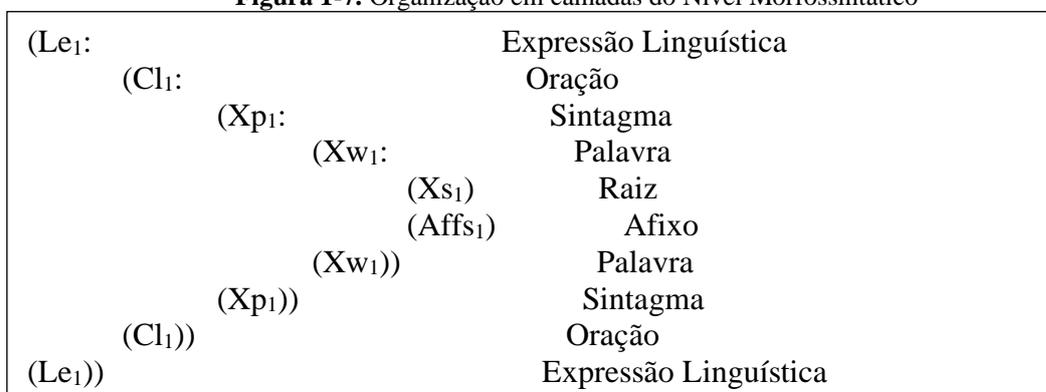
Nesse direcionamento, a GDF defende que muitos aspectos da codificação morfossintática são motivados por questões de natureza funcional. A ordenação dos

constituintes dentro de uma Oração⁷, por exemplo, pode ser motivada por questões como iconicidade, integração de domínios e preservação das relações de escopo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; PEZATTI, 2014), como se observar pelo exemplo em (1-18), em que o pronome *eu* corresponde, no Nível Interpessoal, a um Subato Referencial ao qual se atribui a função pragmática Tópico, o que faz com que esse constituinte (*eu*) ocupe, no Nível Morfossintático, a posição inicial dentro da Oração (PEZATTI, 2014).

(1-17) *eu*_{TOP} mesma levei um susto agora
(PEZATTI, 2014, p. 105)

Na Figura (1-7), apresenta-se a organização hierárquica das camadas que compõem o Nível Morfossintático.

Figura 1-7. Organização em camadas do Nível Morfossintático



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 59).

Conforme a figura (1-7), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (Le), que é constituída por uma ou mais unidades morfossintáticas. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), quando a Expressão Linguística for formada por duas ou mais unidades morfossintáticas, essas unidades compartilham as mesmas propriedades morfossintáticas. Uma Expressão Linguística pode ser nucleada por uma Oração (cf (1-18)), um Sintagma ou, ainda, uma Palavra.

(1-18) Ela canta tão bem quanto Mohan costumava cantar.
(adaptada de HEGENVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)

⁷ Netes trabalho, o termo Oração com letra inicial maiúscula se refere, especificamente, à camada do Nível Morfossintático, já o termo oração com letra minúscula é utilizado como um termo genérico sem referência à camada do Nível Morfossintático.

No exemplo em (1-18), a Expressão Linguística é formada por duas Orações (Cl): *ela canta tão bem e quanto Mohan costumava cantar*. Essas Orações, dentro da Expressão Linguística, estão numa relação de *equiordenação*⁸, uma vez que apresentam dependência mútua. As Orações, na GDF, são constituídas de um agrupamento de Sintagmas e de outras Orações (em casos de subordinação/encaixamento oracional) e são caracterizadas pelos padrões de ordenação desses elementos. Ademais, na Oração, podem atuar, em maior ou menor grau, processos morfológicos variados, como, por exemplo, regência e concordância. O exemplo em (1-20) elucida os padrões de combinação de elementos dentro da Oração.

- (1-20) João colocou dinheiro no cofre
 (Cl_i: [(Np_i: – João – (Np_i)_{Subj}) (Vp_i: (Vw_i: colocou (Vw_i)) (Vp_i)) (Np_j: - o dinheiro – (Np_j)_{Obj}) (Advp_i: no cofre (Advp_i))] (Cl_i))
 (KEIZER; 2015, p. 184)

Em (1-20), a Oração é formada por Sintagmas (Xp), mais precisamente, pelos Sintagmas Nominais (Np) *João* e *dinheiro*, pelo Sintagma Verbal (Vp) *colocou* e pelo Sintagma Preposicionado *no cofre*. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), Sintagmas são entendidos como sequências de Palavras ou de outros Sintagmas, nucleados por algum elemento lexical transmitido dos níveis Interpessoal e/ou Representacional. Assim, os Sintagmas podem ser dos mais variados tipos a depender do elemento que os nucleia. Os exemplos em (1-21), adaptados de Keizer (2015), revelam a constituição interna dos Sintagmas.

- (1-21) a um carro muito caro
 (Np_i: [(Gw_i: – um – (Gw_i)) (Nw_i: – carro – (Nw_i)) (Adjp_i: [(Advp_i: (Advw_i: – muito – (Advw_i)) (Advp_i)) (Adjw_i: – caro – (Adjw_i))] Adjp_i))] (Np_i))
 b o dinheiro no cofre
 (Np_i: [(Gw_i: – o – (Gw_i)) (Nw_i: – dinheiro – (Nw_i)) (Adpp_i: [(Adpw_i: em (Adpw_i)) (Np_j: [(Gw_j: – o – (Gw_j)) (Nw_j: – cofre – (Nw_j))] (Np_j))] (Adpp_i))] (Np_i))
 (adaptado de KEIZER; 2015, p. 218)

No exemplo em (1-21a), o Sintagma Nominal (Np) *um carro muito caro* é formado por uma Palavra Gramática (Gw) (*um*), por um nome (Nw) (*carro*) e por um

⁸ A relação de equiordenação e outros tipos de combinação de elementos na Expressão Linguística são tratados na próxima subseção.

Sintagma Adjetival (Adjp) (*muito caro*), que, por sua vez, é constituído pela Palavra Adverbial (Advw) *muito* e pela Palavra Adjetival (Adjw) *caro*. Já em (1-21b), o Sintagma Nominal *o dinheiro no cofre* é formado pela Palavra Gramatical *o*, pela Palavra Nominal *dinheiro*, pelo Sintagma Preposicionado (Adpp) *no cofre*, que é formado pela Preposição *em*, pela Palavra Gramatical *o* e a Palavra Nominal *cofre*.

Por fim, a *Palavra* (Xw) pode ser simples, quando formada a partir de um único *Morfema* (Xm), ou composta, quando formada por uma sequência de Morfenas, como, por exemplo, *Raiz* (Xs), *Afixos* (Aff), Palavras, Sintagmas e Orações.

1.1.1.3.1. O processo de combinação de orações na Gramática Discursivo-Funcional

Na GDF, o processo de combinação de Orações é tratado no interior do Nível Morfossintático, mais especificamente, nas camadas da Expressão Linguística, da Oração e do Sintagma⁹. É importante ressaltar que, como a GDF é um modelo que segue uma arquitetura descendente, o processo de combinação de Orações no Nível Morfossintático é motivado pelo *input* do Nível Interpessoal e do Nível Representacional. No quadro (1-2), apresentam-se os padrões de combinação de Orações e Sintagmas na camada da Expressão Linguística.

Quadro 1-2. Padrões de combinação de elementos na camada da Expressão Linguística

Tipo de Combinação	Padrão
Equiordenação Oracional	(Le ₁ : [(^{dep} Cl ₁) (^{dep} Cl ₂)] (Le ₁))
Equiordenação Sintagmática	(Le ₁ : [(Xp ₁) (Xp ₂)] (Le ₁))
Cossubordinação	(Le ₁ : [(Cl ₁) (^{dep} Cl ₁)] (Le ₁))
Extraoracionalidade	(Le ₁ : [(Xp ₁) (Cl ₁)] (Le ₁))
Coordenação	(Le ₁ : [(Cl ₁) (Cl _{n-1}) (Gw ₁) (Cl _n)] (Le ₁))
Listagem	(Le ₁ : [(Xl ₁) (Xl _{n-1}) (Gw ₁) (Xl _n)] (Le ₁))

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 309)

Conforme se observa no quadro (1-2), Hengeveld e Mackenzie (2008) preveem seis tipos de combinações de elementos dentro da Expressão Linguística. Esses padrões são definidos por dois critérios: (i) tipo de elementos combinados (Oração e/ou Sintagma) e (ii) relação de dependência entre esses elementos (dependência mútua, dependência de um elemento a outro ou independência entre os elementos). Nesses padrões, codificam-

⁹ Neste trabalho, casos de combinação de Orações a Sintagmas não serão tratados, uma vez que esses casos representam ocorrências de orações completivas, o que foge ao escopo da pesquisa.

se as entidades evocadas/designadas pelas camadas do Nível Interpessoal e do Nível Representacional.

Na equiordenação, a Expressão Linguística é formada de duas Orações (no caso da equiordenação oracional (cf. 1-22a)) ou de dois Sintagmas (no caso da equiordenação sintagmática (cf. 1-22b)), em que ambos elementos combinados são mutualmente dependentes, de modo que, para fazer sentido, não podem ocorrer separadamente. No entanto, mesmo sendo dependentes, não há entre os elementos combinados uma relação de constituição, no sentido que um elemento não é constituinte do outro.

- (1-22) a O aluno não só falou como também foi aplaudido. (CASTILHO, 2020, p. 337)
NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: - o aluno não só falou – (^{dep}Cl_i)) (^{dep}Cl_j: - como também foi aplaudido (^{dep}Cl_j))] (Le_i))
- b Quanto maior, melhor (adaptado de Keizer, 2015, p. 182)
NM: (Le_i: [(Adj_p_i: – quanto maior – (Adj_p_i)) (Adj_p_j: – melhor – (Adj_p_j))] (Le_i))

Na relação de cossubordinação, ao contrário da equiordenação, em que elementos que constituem a Expressão Linguística são mutualmente dependentes, os elementos que configuram a Expressão Linguística correspondem a uma Oração independente e outra dependente, como se ilustra em (1-23).

- (1-23) O resgate do Chipre supõe uma comoção para zona do euro, apesar de que a ilha supõe apenas 0,2% do PIB da área monetária
NM: (Le_i: [(Cl_i: - O resgate do Chipre supõe uma comoção para zona do euro (Cl_i)) (^{dep}Cl_i: - apesar de que a ilha supõe apenas 0,2% do PIB da área monetária – (^{dep}Cl_i))] (Le_i))
 (GASPARINI-BASTOS; PARRA-ARAÚJO, 2021, p. 140)

Na extraoracionalidade, a Expressão Linguística é constituída de um Sintagma e de uma Oração, de tal modo que o Sintagma é dependente da Oração, mas, por outro lado, a Oração atua de forma independente na Expressão Linguística, como no dado em (1-24).

- (1-24) Aos ricos, nada lhes devo.
NM: (Le_i: [(Adpp_i: - aos ricos – (Adpp_i)) (Cl_i: - nada lhes devo (Cl_i))] (Le_i))
 (KURY, 1985, p. 111)

A relação de coordenação corresponde à combinação de Orações independentes dentro da Expressão Linguística. Na Expressão Linguística, as Orações são conectadas

por meio de algum conectivo, todavia não há um encaixamento oracional, o conectivo apenas sinaliza alguma relação entre as orações. O exemplo em (1-25) ilustra o padrão de coordenação.

(1-25) André saiu e Mário chegou.

NM: (Le_i: [(Cl_i: - André saiu – (Cl_i)) (Cl_j: - e Maria chegou – (Cl_j))] (Le_i))
(CASTILHO, 2020, p. 347)

Por fim, a relação de Listagem é semelhante à relação de coordenação, contudo, ao invés de ser formada por Orações, nesse tipo de padrão, a Expressão Linguística é constituída de Sintagmas independentes, como se nota em (1-26).

(1-26) P: O que João comprou no mercado?

R: leite, ovos e farinha.

NM: (Le_i: [(Np_i: - leite – (Np_i)) (Np_j: - ovos – (Np_j)) (Np_k: - e farinha – (Np_k))] (Le_i))

Além de combinações de Orações na camada da Expressão Linguística, a GDF prevê a combinação de Orações na camada da Oração, numa relação de subordinação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), nessa camada, as Orações podem ocorrer como constituintes das outras, atuando como uma completiva, predicativa, ou, ainda, como uma adverbial. Na GDF, as orações subordinadas podem desempenhar a relação *núcleo-dependente*, quando funcionam como argumentos de outra oração (como as completivas e predicativas), ou *núcleo-modificador*, quando não são um constituinte obrigatório, atuando como um modificador oracional (como as orações adverbiais). Essas relações são ilustradas nos dados em (1-27).

(1-27) a *É desnecessário dizer que questões como qualidade e atitudes orientadas para o consumidor serão consideradas.* (SOUSA et al, 2016, p. 41)

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - é desnecessário dizer - (Vp_i)) (^{dep}Cl_i: - que questões como qualidade e atividades orientadas para o consumidor serão consideradas - (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))

b *A sensação é de que tudo se move lenta e pesadamente.* (Neves, 2000, p. 338)

NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: - a sensação – (Np_i)) (Vp_i: - é – (Vp_i)) (^{dep}Cl_i: - de que tudo se move lenta e pesadamente – (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))

c *Os jornais funcionam para promover emissoras*

NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: - os jornais - (Np_i)) (Vp_i: - funcionam - (Vp_i)) (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para (Gw)) (Vp_j: promover (Vp_j)) (Np_j: - as emissoras - (Np_j))] (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i))

Em (1-27a), a Oração subordinada *que questões como qualidade e atitudes orientadas para o consumidor serão consideradas* desempenha a função de completo do verbo *dizer*, contido na Oração nuclear *é desnecessário dizer*. Já em (1-27b), a Oração subordinada desempenha a função de predicado da oração *a sensação é*. Assim, nessas duas ocorrências, a presença das Orações subordinadas é obrigatória, pois elas desempenham algum papel argumental em relação à nuclear. Em (1-27c), a Oração subordinada *para promover emissoras* não desempenha uma função argumental, mas sim modifica a informação contida na Oração nuclear *os jornais funcionam*, indicando a sua finalidade. Assim, conforme mostra o dado (1-27c), as orações finais representam casos de subordinação adverbial, em que a orações nuclear e final estão numa relação de *núcleo-modificador*.

Além dos padrões de combinação elementos na Expressão Linguística e do processo de subordinação na Oração, Keizer (2018; 2020) sugere um terceiro tipo de processo de combinação de elementos no Nível Morfossintático, a *insubordinação*. Conforme Keizer (2018; 2020) e Keizer e Giome (2020), estruturas insubordinadas, na GDF, devem ser tratadas como constituintes extraoracionais (ECCs), uma vez que estão fora dos domínios da Oração.

Para definir o conceito de ECCs, os autores partem da proposta de Dik (1997a), que os definem como elementos que ocorrem fora dos domínios da oração e manifestam comportamento bastante heterogêneo em termos de forma e função, contudo, podem ser definidos pelas seguintes características gerais:

- a) Podem ocorrer em anteposição, em posposição, ou, ainda, intercalado a uma oração;
- b) Possuem marcas prosódicas que os separam de uma oração;
- c) Não são sensíveis às regras gramaticais que atuam no interior de uma oração;
- d) Não afetam na organização interna da oração, podendo ser retirados sem afetar a gramaticalidade da oração.

As propriedades descritas acima são de natureza formal, isto é, revelam o comportamento formal dos ECCs. No que diz respeito à função desses elementos no discurso, Dik (1997a) propõe as seguintes funções:

- a) Gerenciamento da interação: como formas de saudação: *olá! Oi!*
- b) Especificação de atitude: como as interjeições;
- c) Organizadores do discurso: como os marcadores discursivos;
- d) Realização do Discurso: como respostas a perguntas.

Nesse sentido, Orações de natureza adverbial, quando constituem casos de insubordinação, ocorrem sem uma Oração nuclear morfossintaticamente expressa, ou seja, não ocupam a posição de modificador oracional encaixado a uma Oração principal (^{main}Cl).

Ao estudar as orações insubordinadas introduzidas por *if* no inglês, Keizer (2018; 2020) argumenta que há diferentes tipos de Orações insubordinadas com diferentes graus de dependências semântica, formal e pragmática, como se observa pelo quadro (1-3) e pelos dados em (1-28).

Quadro 1-3 – Tipologia das orações insubordinadas

	Tipo de Insubordinação	Descrição
i	Ato Nuclear Insubordinado (cf. 1-28a)	Orações totalmente autônomos, não dependendo de outro Ato.
ii	Ato Subsidiário Insubordinado (cf. 1-28b)	Orações semântica, morfossintática e fonologicamente independentes, porém, pragmaticamente dependente de um outro Ato.
iii	Modificador Interpessoal Insubordinado (cf. 1-28c-d)	Orações semanticamente independentes, porém, sintático e fonologicamente dependentes. Atuam como modificadores de Ato (1-28c) ou de Ilocução (1-28d).

Fonte: adaptado de Keizer (2018; 2020).

- (1-28) a *If only Denis Betts could have picked that ball up and got it out to Offiah But he couldn't.*
Se ao menos Denis Betts pudesse pegar aquela bola e entregá-la ao Offiah, mas ele não pode.
- b *Uhm and this is actually quite a good quality tent <, > if you hadn't noticed <, >*
Uhm e essa é realmente uma boa barraca, se você não notou.
- c *That was incredibly surreal if you ask me.*
Isso foi realmente surreal, se você me perguntou.
- d *I'll pick you up in an hour if that's OK.*
Eu pego você daqui uma hora se estiver ok.
- e *If you pass the test, you are a member.*
Se você passar no teste, você é um membro.

(KEIZER, 2018; 2020)

Em (1-28a), o Ato *If only Denis Betts could have picked that ball up and got it out to Offiah*, mesmo tendo uma estrutura de oração subordinada, é totalmente independente, no sentido de que essa oração independe de outra para fazer sentido. Dessa forma, ela corresponde a um Ato Nuclear, que se liga a um Ato Subsidiário, *But he couldn't*, que desempenha a função retórica concessão. Em (1-28b), o Ato *if you hadn't noticed*, embora não apresente dependência semântica, morfossintática e fonológica, é pragmaticamente subordinado ao Ato *Uhm and this is actually quite a good quality tent*. As Orações com *if* em (1-28c-d) são semanticamente independentes, porém, preservam certa dependência morfossintática, fonológica e pragmática com a nuclear. Essas Orações atuam como modificadores interpessoais, especificamente, modificadores de Ato Discursivo (1-28c) e de Ilocução (1-28d).

Na GDF, os modificadores interpessoais são estratégias lexicais, usadas pelo falante para tecer algum comentário sobre o que foi enunciado. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), modificadores de Atos permitem ao falante indicar aspectos estilísticos do Ato (1-29a), marcar o estatuto do Ato dentro de um Movimento (1-29b), ou, ainda, enfatizar o Ato (1-29c).

- (1-29) a porque, *primeiro* é que eu tive problemas mesmo com a família
 b *portanto*, serviam ali a cachupa, era?
 c sabe eu brinco de lutar com meu, com meu filho *caramba!*
 (PEZATTI, 2014, p. 112-113)

Em (1-29a), o modificador *primeiro* sinaliza que o Ato Discursivo *é que eu tive problemas mesmo com a família* precede outros Atos, esse modificador, desse modo, indica “a sequência argumentativa do Ato dentro do Movimento” (PEZATTI, 2014, p. 112). Em (1-29b), o modificador *portanto* evidencia que o Ato Discursivo *serviam ali a cachupa, era?* é uma conclusão do que foi expresso pelos outros Atos do Movimento. Por fim, em (1-29c), o modificador *caramba* enfatiza o que foi enunciado no Ato *eu brinco de lutar com meu, com meu filho*, expressando, uma possível irritação do falante sobre o conteúdo do Ato.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), modificadores de Ilocução, por sua vez, são estratégias lexicais que afetam a força ilocucionária de um Ato Discursivo, os modificadores podem atuar tanto numa ilocução preenchida lexicalmente (1-30a) quanto numa ilocução com núcleo abstrato (1-30b) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

- (1-30) a I promise you *sincerely* that this is not a trick.
Eu te prometo *sinceramente* que isso não é um truque.
- b *Sincerely*, this is not a trick.
Sinceramente, isso não é um truque.

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 81)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), em (1-30a), *sincerely* não modifica o Ato Discursivo como um todo, mas sim a Ilocução, preenchida pelo verbo perlocutivo *promise*, indicando que se trata de uma promessa sincera. Já em (1-30b), *sincerely* desempenha o mesmo papel que na ocorrência anterior, no entanto, nesse caso, o modificador escopa a Ilocução declarativa abstrata. A ocorrência em (1-30b) pode ser considerada como modificadora de Ilocução, pois sinaliza uma espécie de correção à declaração feita na oração nuclear.

O exemplo em (1-28e), ao contrário dos exemplos anteriores, a oração adverbial não representa um caso de insubordinação. De acordo com Keizer (2018; 2020), a oração adverbial com *if* em (1-28e) atua como um modificador representacional no Nível Representacional e que, portanto, é codificada, no Nível Morfosintático, como um caso de subordinação, em que a Oração adverbial é encaixada à nuclear na posição de modificador oracional. Assim, é possível afirmar que, quando uma oração adverbial, atua como uma construção insubordinada no Nível Interpessoal, ela tem sua relação de dependência morfossintática desfeita, dado que a relação de dependência é mais pragmática que formal.

Em suma, o modelo gramatical de Hengeveld e Mackenzie (2008) e sua arquitetura podem ser definidos pelas seguintes características (KEIZER, 2015):

- a) Opera de forma descendente: a produção de uma expressão linguística se inicia no componente conceitual e segue, descendentemente, até a articulação no componente de saída;
- b) A unidade básica de análise é o Ato Discursivo;
- c) O componente gramatical, a GDF propriamente dita, liga-se a outros três componentes não linguísticos, a saber: componente conceitual, componente contextual e componente de saída;
- d) A produção de uma expressão linguística, no interior da GDF, envolve dois processos: a formulação, que lida com aspectos funcionais da língua, isto é,

- questões ligadas à pragmática e à semântica, e a codificação, que lida com as questões formais da língua, isto é, aspectos morfossintáticos e fonológicos;
- e) É organizada em quatro níveis de análise estratificados e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Cada um desses níveis é organizado hierarquicamente em camadas.

1.2. A Distinção Léxico-Gramática na Gramática Discursivo-Funcional

A distinção léxico-gramática é um tema muito debatido no modelo da GDF, como, por exemplo, nos trabalhos de Keizer (2007), Oliveira (2008), Pezatti *et al* (2009), Pezatti e Camacho (2010), Fontes (2016a), entre outros. Para tratar da distinção léxico-gramatical à luz da GDF, é necessário, em primeiro lugar, pensar nos primitivos que o modelo oferece no Nível Interpessoal e no Nível Representacional e, em seguida, refletir sobre a codificação, em termos de classe de palavras, desses primitivos no Nível Morfossintático (FONTES, 2016a). A operação de formulação, como discutido anteriormente, conta com três processos interligados: (i) a seleção de *moldes* interpessoais e representacionais; (ii) a seleção de *lexemas* para esses moldes; e, finalmente, (iii) a aplicação de *operadores* que simbolizam distinções gramaticais. Na GDF, *moldes*, *lexemas* e *operadores* são primitivos da formulação.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), um molde pode conter um *núcleo* e uma *função*, dois primitivos que possuem estatuto léxico-gramatical diferente. Núcleos, na GDF, são sempre preenchidos por elementos lexicais e correspondem à informação mais central e elementar dentro de um molde. Funções, por outro lado, são estratégias altamente gramaticais, que estabelecem algum tipo de relação entre as camadas de cada nível de análise.

Além de núcleos e funções, os moldes podem, ainda, conter *modificadores* e *operadores*. Os modificadores são elementos de natureza lexical que restringem, de algum modo, o que foi designado ou evocado pelas camadas dos níveis Representacional e/ou Interpessoal. Já os operadores são elementos gramaticais, que especificam o que foi designado ou evocado pelas camadas do Nível Representacional e do Nível Interpessoal. As ocorrências em (1-31) ilustram cada um dos primitivos da formulação mencionados.

- (1-31) a *Ainda bem* - e, pela primeira vez, Santo Tirso inverteu a ordem das palavras: " não seria o bem um ainda ". (FONTES, 2016, p. 149)

- (M_I: [(A_I: [(F_I: **ainda_bem** (F_I)) (P₁)s (P₂)_A] (A_I)) (M_I))
- b A expectativa do mercado são índices muito próximos de zero. **Tem ainda um terceiro componente para a queda da inflação**, que é o recuo dos preços dos serviços prestados pelo setor privado, por causa de uma concorrência mais acentuada. (19Or:Br:Intrv:ISP) (FONTES, 2016a, p. 114)
 NI: (A_I: (C_I: [(R_I: - um terceiro componente para a queda da inflação - (R_I)_{ContExp}]) (C_I)) (A_I))
- c **Felizmente** já toco alguma coisa. (PEZATTI, 2014, p. 114)
 (C_I: já toco alguma coisa (C_I): **felizmente** (C_I))
- d A aula prática é **mais interessante ainda** do que a aula teórica. (FONTES, 2016a, p. 97)
 NI: (**emph** T_I: interessante (T_I): [(T_J: mais (T_J) (C_I: - do que a aula teórica - (C_I))] (T_I))

Os exemplos em (1-31a-d), retirados de Pezatti (2014) e Fontes (2016a), representam, respectivamente, um núcleo, uma função, um modificador e um operador. Em (1-31a), a forma *ainda bem* corresponde a uma interjeição que nuclea a Ilocução do Ato Interativo, marcando uma avaliação positiva do falante sobre algo que foi dito (FONTES, 2016a). Em (1-31b), o item *ainda*, escopando o Subato Referencial *um terceiro componente para a queda da inflação*, marca uma função pragmática, mais especificamente, a função *Contraste Expansivo*. Em (1-31c), o advérbio *felizmente* constitui um modificador do Conteúdo Comunicado. Por fim, em (1-30d), o elemento *ainda* é um operador de ênfase que escopa os Subatos Atributivos *mais interessantes*.

Segundo Garcia Velasco (2016), a distinção entre primitivos da formulação faz com que, na GDF, seja possível analisar e descrever o significado de itens lexicais, uma vez que a atribuição de um significado lexical aos itens da língua é realizada fora do componente gramatical. Segundo o autor, o processo de atribuição de um significado a um lexema é efetuado em um componente lexical do próprio falante, que é resultado de seu conhecimento linguístico que emerge de sua experiência com a língua.

Como se pode notar, a GDF, então, para tratar da distinção léxico-gramática, propõe uma divisão discreta entre primitivos de natureza lexical e primitivos de natureza gramatical, não abrindo espaço para elementos de natureza intermediária. Segundo Keizer (2007), tal posicionamento é herança da orientação formal da GF¹⁰, modelo que originou a GDF.

¹⁰ Assim como a GDF, a GF é um modelo gramatical que se insere entre abordagens formais da linguagem e abordagens funcionais.

Outro ponto bastante importante na distinção léxico-gramática na GDF diz respeito à noção de classe de palavras adotada pelo modelo. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), esse ponto precisa ser tratado tanto no Nível Representacional, que lida com as classes de lexemas, quanto no Nível Morfossintático, que lida com as classes de palavras. Segundo os autores, é necessário traçar uma distinção entre classe de lexemas (Nível Representacional) e classe de palavras (Nível Morfossintático), pois não há uma relação bionívoca entre as duas classes, no sentido que nem sempre uma classe de lexema corresponde a uma classe de palavra e vice-versa. Um exemplo disso, é o uso do expletivo *it* (chamado na GDF de elemento *dummies*) em inglês, que não possui representação no Nível Representacional, sendo, assim, codificado diretamente no Nível Morfossintático (cf. (1-32)).

- (1-32) *It rained.*
 NI: (Ti: rain (Ti))
 NR: (Past e_{pi}: (e_i: (fi: rainv (fi)) (e_i)) (e_{pi}))
 NM: (Cl_i: [(Gw_i: it (Gw_i)_{Subj}) (Vp_i: (Vw_i: rained (Vw_i)) (Vp_i))] (Cl_i))
 (KEIZER, 2015, p. 237)

Em (1-32), o enunciado *it rained* é formado, no Nível Interpessoal, por um Subato Atributivo (*rained*) e, no Nível Representacional, uma Propriedade Lexical (*rained*), que corresponde a um Lexema verbal. Já no Nível Morfossintático, esse enunciado corresponde a uma Oração formada de mais de uma unidade: uma Palavra Gramatical (*it*), que, por não carregar conteúdo funcional e apenas desempenhar uma função morfossintática, é representado somente no Nível Morfossintático, e um Sintagma Verbal, nucleado pela Palavra Verbal (*rained*), que corresponde a um Subato Atributivo no Nível Interpessoal e a uma Propriedade Lexical no Nível Representacional.

Nesse sentido, as Classes de Lexemas são definidas a partir do papel que os Lexemas desempenham na formulação representacional e, portanto, são determinadas no interior do Nível Representacional, enquanto as Classes de Palavras são definidas por sua distribuição e por suas características morfossintáticas na codificação, e, desse modo, são determinadas no Nível Morfossintático.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), na formulação, um Lexema pode: (i) ser definido por seu estatuto de núcleo ou modificador; e (ii) seu estatuto enquanto Subato no Nível Interpessoal. Keizer (2015) defende que essas propriedades dos Lexemas na formulação fazem com que eles sejam codificados, no Nível Morfossintático, como

núcleos de um Sintagma, sendo o tipo do Sintagma definido pelo tipo do Lexema, em outras palavras, um Lexema verbal é codificado como um Sintagma verbal, que, por sua vez, é nucleado por uma Palavra verbal.

Assim como nos tipos de primitivos, a GDF prevê uma rígida distinção entre palavras de natureza lexical e palavras de natureza gramatical. O quadro (1-4), abaixo, ilustra essa distinção operada pela GDF.

Quadro 1-4. A distinção entre léxico e gramática na GDF

Palavras Lexicais	Exemplos	Palavras Gramaticais	Exemplos
Verbo	<i>Limpar</i>	Verbo auxiliar	<i>Estar</i> (em <i>estar</i> + <i>gerúndio</i>)
Substantivo	<i>Casa</i>	Pronome	<i>Eu, ele, nós</i>
Adjetivo	<i>Bonito</i>	Proadjetivo	<i>Tal</i>
Advérbio	<i>Agora</i>	Proadvérbio	<i>Lá, então</i>
Preposição	<i>Sob, sobre</i>	Preposição Gramatical	<i>De, em</i>
Conjunção	<i>Enquanto</i>	Conjunção Gramatical	<i>Se, que</i>
Partícula	<i>Aí</i>	Partícula Gramatical	<i>Só, até</i>

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008. p. 401).

Conforme ilustrado pelo quadro (1-4), a GDF propõe uma série de Palavras Lexicais e Gramaticais que são definidas binariamente. As classes de Palavras Lexicais são *substantivo, adjetivo, advérbio, aposição, conjunção, partícula*, cada uma dessas classes lexicais possuem, em contra partida, um correlato gramatical: *verbo auxiliar, pronome, proadjetivo, proadvérbio, aposição gramatical, conjunção gramatical e partícula gramatical*.

Em síntese, para tratar do estatuto léxico-gramatical a partir do modelo GDF, deve-se levar em conta dois aspectos: (i) o estatuto de um elemento enquanto primitivo da formulação e (ii) a Classe de Palavras desse elemento no Nível Morfossintático. Em ambos os aspectos, a distinção léxico-gramatical é entendida como discreta, ou seja, o modelo, conforme idealizado por Hengeveld e Mackenzie (2008), não permite uma visão gradiente entre léxico e gramática.

1.2.1. O estatuto léxico-gramatical das preposições e das conjunções

Estudos funcionalistas anteriores à proposta da GDF já pensavam na distinção entre classes de palavras lexicais e classes gramaticais, tomando como ponto de partida, principalmente, os conectivos. Mackenzie (1992), ao estudar as preposições locativas no inglês, propõe uma distinção entre preposições lexicais e preposições gramaticais. Segundo o autor, dentre as preposições locativas, apenas um pequeno grupo pertence aos elementos gramaticais, são elas: *at, from, via, to* e *towards*. As outras preposições pertencem ao léxico da língua, constituindo, de acordo com o autor, um predicado de um lugar. O autor, então, propõe uma nova classe de predicados àquelas já existentes (nominal, verbal, adjetival e adverbial), denominada *adposicional*. Mackenzie (1992) afirma que os predicados adposicionais compartilham o mesmo esquema semântico de predicados relacionais.

Pérez Quintero (2004), por seu turno, assume uma postura mais radical no que diz respeito ao estatuto léxico-gramatical das preposições. Segundo a autora, todas as preposições são elementos lexicais, uma vez que estabelecem uma relação de atribuição, funcionando, dessa forma, como predicados monovalentes. A autora ressalva, no entanto, que, em determinados contextos, algumas preposições podem assumir funções típicas de elementos gramaticais.

Já Hengeveld e Wanders (2007), ao analisarem as conjunções adverbiais do inglês, classificam esses elementos com base na sua constituição formal (simples x complexas) e no seu estatuto léxico-gramatical (lexical x gramatical). Para os autores, as conjunções simples são aquelas formadas por apenas um elemento, como *before* e *until*, ao passo que as complexas são formadas por mais de um elemento, como *in the event that* e *in case*. Já para discutir o estatuto léxico-gramatical das conjunções, os autores partem de dois critérios formais, a saber: possibilidade de modificação e possibilidade de combinação. No primeiro parâmetro, Hengeveld e Wanders (2007) argumentam que somente conjunções lexicais permitem ser modificadas, conforme mostram os exemplos em (1-33).

- (1-33) a *She called him **three hours before** she left.*
Ela ligou para ele **três horas antes que** ela saísse.
- b **She stayed home **three hours until** the meeting began.*
*Ela ficou em casa **três horas até que** a reunião começasse.
- c ***In the unlikely event that** smallpox were introduced into Australia, it would be rapidly controlled.*
No improvávelmente caso em que varíola fosse introduzida na Austrália, ela seria rapidamente controlada.

d **I'll bring him some water in unlikely case he gets thirsty.*

Eu trarei água para ele **no improvável caso de** ele sentir sede.

(HENGEVELD; WANDERS, 2007, p. 214)

Em (1-33a) e (1-33c), as conjunções *before* e *in the event that* são modificadas, respectivamente, pelos modificadores *three hours* e *unlikely*, o que, segundo os autores corrobora o estatuto lexical dessas conjunções. Já em (1-33b) e (1-33d), as conjunções *until* e *in case*, ao serem modificadas, respectivamente, pelos modificadores *three hours* e *unlikely*, tornam-se expressões agramaticais no inglês, o que permite aos autores afirmarem que essas conjunções são gramaticais.

O segundo parâmetro considerado por Hengeveld e Wanders (2007) é a possibilidade de combinação. Segundo os autores, conjunções gramaticais só podem ser combinadas com conjunções lexicais ou vice-versa, como se observa em (1-34).

(1-34) a *She stayed **untill three hours after** he left.*

Ela ficou **até três horas depois que** ele saiu.

b *She didn't leave **untill the very moment** he arrived.*

Ela não saiu **até o momento exato em que** ele chegou.

(HENGEVELD; WANDERS, 2007, p. 215)

Em (1-34a), a conjunção *untill* e *after* podem ser combinadas pelo fato de possuírem estatuto léxico-gramatical distinto, enquanto a primeira pertence ao grupo das conjunções gramaticais, a segunda pertence ao grupo das conjunções lexical. A combinação de *untill* e *the very moment*, em (1-34b), também é possível pelo fato dessas conjunções não compartilharem o mesmo estatuto léxico-gramatical.

Esses dois parâmetros propostos por Hengeveld e Wanders (2007) para distinguir as conjunções gramaticais das lexicais não se mostram consistentes quando aplicados aos dados reais de uso da língua (PÉREZ QUINTEIRO, 2006; OLIVEIRA, 2008). No que diz respeito ao primeiro parâmetro, Oliveira (2008) afirma que definir o estatuto léxico-gramatical de uma conjunção a partir da possibilidade de modificação é bastante questionável, uma vez que conjunções gramaticais também podem ser modificadas, como mostra o exemplo em (1-35).

(1-35) **Muito embora** reconheça que esta é uma missão extremamente importante que hoje estamos cumprindo, considero também que tenho muito mais a obrigação, tão, importante quanto esta, perante o Plenário da Câmara dos Deputados. FL-O

(OLIVEIRA, 2008, p. 116)

No exemplo em (1-35), a conjunção gramatical *embora* pode ser modificada pelo advérbio *muito*, o que evidencia que, no português, conjunções gramaticais podem receber modificação. Pérez Quinteiro (2006), nesse direcionamento, afirma que a capacidade de receber modificação está mais ligada à relação semântica expressa pelo conectivo do que ao estatuto gramatical do conectivo em si. Segundo a autora, a relação temporal (expressa pelo conectivo *before*) está mais suscetível à modificação que outras relações, como a condicional e causal. Oliveira (2008), dessa forma, defende que esse parâmetro deve ser desconsiderado na classificação das conjunções lexicais e gramaticais, pois ele é aplicável à apenas algumas conjunções adverbiais, não a todas.

Assim, Oliveira (2008), ao analisar as conjunções condicionais no português com base no modelo da GDF, defende que essas conjunções podem ser organizadas em dois grupos, a saber: (i) as conjunções que não apresentam um conteúdo lexical, como *se*; (ii) conjunções que apresentam um conteúdo lexical, como *caso*, *a não ser que*, *somente se*, *desde que*, entre outras. Para classificar as conjunções a partir de seu estatuto léxico-gramatical, Oliveira (2008) propõe alguns critérios que são apresentados no quadro (1-5).

Quadro 1-5. Conjunções gramaticais x conjunções lexicais

Conjunções Gramaticais	Conjunções Lexicais
Não é viável para o subato atributivo;	É viável para o subato atributivo;
Marca relação;	Especifica a relação;
Não passível de decomposição lexical gradual;	É passível de decomposição lexical gradual;
Não está disponível para regras de formação de predicado;	Está disponível para regras de formulação de predicado;
Tem sentido generalizado, básico;	Tem significado lexical;
Grande variabilidade de contextos de uso;	Restrições de contextos de uso;
Introduz um ato de fala;	Não pode introduzir um ato de fala;
Pode assumir função retórica no nível interpessoal.	Não pode assumir função retórica no nível interpessoal.

Fonte: Oliveira (2008, p. 127).

O quadro elaborado por Oliveira (2008), ao contrário de Hengeveld e Wanders (2007), distingue as conjunções gramaticais das lexicais com base em questões de natureza semântico-pragmática, não de natureza morfossintática. Essa proposta parece mais coerente se se pensar no modelo descendente da GDF, em que as questões pragmáticas e semânticas são tratadas em níveis superiores, Nível Interpessoal e Nível

Representacional, respectivamente, em relação aos aspectos morfossintáticos, que são tratados em um nível inferior, Nível Morfossintático. Com base na proposta de Oliveira (2008), é possível definir uma conjunção como mais lexical ou mais gramatical à medida com que ela apresenta mais características de conjunções lexicais ou de conjunções gramaticais.

Apesar de propor uma divisão binária entre conectivos lexicais e gramaticais, a proposta de classificação elaborada por Oliveira (2008) abre espaço para uma visão mais gradiente da distinção léxico-gramatical. Nessa proposta, uma conjunção tem seu estatuto léxico-gramatical estabelecido com base em certos traços ligados ao seu funcionamento semântico-pragmático. Nesse sentido, uma conjunção pode apresentar todos (ou grande parte) os traços de conjunção gramatical, o que a faz totalmente gramaticalizada, ao passo que outra conjunção pode apresentar um número menor de traços gramaticais, sendo, portanto, menos gramaticalizada – a mesma explicação vale às conjunções lexicais. Essa proposta remete à teoria dos protótipos, de Taylor (1989), em que todas as categorias linguísticas são entendidas como gradientes. Segundo Taylor (1989), um item é alocado em uma dada categoria com base em traços definidores da categoria, dessa forma, quanto mais traços definidores um item compartilhar com uma dada categoria, mais prototípico dessa categoria ele será. Ainda nessa perspectiva, um item linguístico pode compartilhar traços com mais de uma categoria, o que mostra que esse item é um elemento marginal e se encontra no entremeio de duas categorias. Com o passar do tempo, esse elemento pode deixar uma categoria e migrar para outra definitivamente, evidenciando, assim, um processo de mudança linguística.

Assim como Oliveira (2008), Pezatti *et al* (2009), ao analisarem as preposições simples do português, defendem a ideia de que a distinção léxico-gramatical é gradiente. Com base em estudos cognitivo-funcionais, os autores (PEZATTI *et al*, 2009, p. 106) defendem

o princípio de que as categorias contêm membros contínuos sem limites claros entre si, de modo que alguns membros compartilham traços comuns, que os definem como protótipos da categoria, e outros, que, por não compartilharem todos os traços comuns, constituem membros marginais.

A partir dessa proposta, Pezatti *et al* (2009) advogam que, no português, algumas preposições constituem predicados de um-lugar (cf. MACKENZIE, 1992; PÉREZ QUINTEIRO, 2004), também chamados de predicados adposicionais, e por isso são

elementos lexicais, enquanto outras preposições são usadas para estabelecer algum tipo de função semântica, e, portanto, são gramaticais. Os autores, para classificar as preposições entre lexicais e gramaticais, partem, principalmente, da possibilidade de a preposição funcionar como um Subato Atributivo. Segundo Pérez Quinteiro (2004), todas as preposições podem funcionar como um Subato Atributivo, uma vez que estabelecem relações entre duas entidades. Pezatti *et al* (2009), no entanto, discordam do posicionamento da autora, defendendo que apenas as preposições lexicais funcionam como um Subato Atributivo, designando, no Nível Representacional, um predicado adposicional. As preposições gramaticais, segundo os autores, não configuram Subatos Atributivos, dessa forma, no Nível Representacional, representam uma função semântica. Na proposta dos autores, as preposições *ante, após, até, contra, desde, entre, sob e sobre* são membros do grupo de preposições lexicais, enquanto que *a, para, de, em, por, com e sem* são membros das preposições gramaticais.

Ilari *et al* (2015) também classificam as preposições do português com base no seu estatuto léxico-gramatical. Segundo os autores, as preposições são classificadas como mais gramaticais e menos gramaticais, sendo *contra* a preposição menos gramaticais e *de* a preposição mais gramatical. Ilari *et al* (2015) atestam a alta gramaticalidade de *de* pelos seguintes critérios: (i) pode ser facilmente amalgamada a outros itens na língua, como artigos em *da* (*de + a*) e *do* (*de + o*); (ii) apresenta valor semântico de mais difícil apreensão, ou seja, o significado semântico de *de* não é tão facilmente recuperado; (iii) pode funcionar como introdutora de argumentos e de adjuntos; e (iv) é altamente frequente em relação as outras preposições.

Trabalhos como de Oliveira (2008), Taylor (1992), Pezatti *et al* (2009), Ilari *et al* (2015) mostram que uma análise do estatuto léxico-gramatical dos conectivos se torna mais coerente se a distinção léxico-gramática for entendida de um ponto de vista mais gradiente. Assim, fica um questionamento: como tratar a gradiência em um modelo como o de Hengeveld e Mackenzie (2008), que prevê uma nítida distinção entre léxico e gramática? Conforme propõem Oliveira (2008) e Pezatti *et al* (2009), é possível tratar a distinção entre léxico e gramática como um contínuo, porém nenhum desses trabalhos oferecem mecanismos para operacionalizar a gradiência no modelo da GDF. Nesse ponto, os trabalhos de Keizer (2007) e de Fontes (2016a) apresentam propostas mais consistentes para descrever a distinção gradual entre léxico e gramática na GDF.

Keizer (2007), ao tratar da distinção léxico-gramática na GDF, defende que os elementos linguísticos podem ser distribuídos em quatro categorias: (i) *elementos lexicais*

primários, como nomes, verbos plenos, adjetivos e advérbios; (ii) *elementos lexicais secundários*, como expressões idiomáticas e formas lexicalizadas; (iii) *elementos gramaticais secundários*, como pronomes, preposições, numerais, demonstrativos e algumas preposições; (iv) *elementos gramaticais primários*, como modais, artigos e algumas conjunções e preposições. A proposta da autora é ilustrada pela figura (1-8), logo abaixo.

Figura 1-8. Contínuo entre léxico e gramática

Itens conteúdo		> Palavras Gramaticais		> Afixos flexionais
Elementos lexicais primários	Elementos lexicais secundários	Elementos gramaticais secundários	Elementos gramaticais primários	
Verbo pleno, adjetivo, substantivo	Expressões idiomáticas, formas lexicalizadas	Numerais, demonstrativos, pronomes	Artigos, modais, algumas conjunções e preposições	- <i>s</i> - <i>ed</i> - <i>ing</i>
Modificadores		?????????	Operadores e funções	

Fonte: adaptado de Keizer (2007, p. 47).

Na proposta de Keizer (2007), elementos lexicais primários e secundários, em termos de primitivos da formulação, correspondem a modificadores, elementos gramaticais primários e afixos flexionais são operadores e funções. Segundo a autora, os elementos gramaticais secundários, contudo, não correspondem a nenhum primitivo da formulação na GDF, pois, na proposta da autora, são justamente esses elementos que estão entre o léxico e a gramática – elementos esses não previstos por Hengeveld e Mackenzie (2008). Dessa forma, Keizer (2007) propõe um novo tipo de primitivo da formulação, os *operadores lexicais*. De acordo com a autora, operadores lexicais são elemento menos lexicais que modificadores, porém nem tão gramaticais quanto operadores e funções.

Fontes (2016a), ao analisar o item *ainda* e formas perifrásticas formadas a partir desse item (*ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*) com base no modelo da GDF, defende que a distinção entre léxico e gramática deve ser entendida de forma gradual, aplicando, assim, a proposta de Keizer (2007) em seus dados. O autor distingue quatro diferentes usos do elemento *ainda* no português (1-36), a saber: *ainda* fasal, *ainda* polar, *ainda* enfático e *ainda* expansivo.

- (1-36) a Daí porque acho que melhorei muito. **Até a esquerda, que fez parte do MDB não melhorou ainda.** Continua confrontando, questionando, ao invés de sentar na mesa e dar solução. (19Or:Br:Intrv:Pov)
NR: (não e₁: (*ainda* f^c₁: [(f₁: melhorarV (f₁)) (x₁: a esquerda, que fez parte do MDB (x₁)_A]) (f^c₁)) (e₁))
- b No meu aniversário de 11 anos, fui apresentado ao Prestes que me deu sua foto com uma dedicatória, **a qual ainda guardo.** (19Or:Br:Intrv:ISP)
NR: (*ainda* e₁: a qual guardo (e₁))
- c Outra relação difícil, **mais complicada ainda** no passado, é com o diretor Chico Lopes. (19Or:Br:Intrv:ISP)
NI: (*emph* T₁: complicada (T₁): (T₂: mais (T₂)) (T₁))
- d Sei que o nosso voto vale tanto quanto o dos demais, mas acontece que o analfabetismo e a pressão psicológica em que a pessoa do campo vive, são muito fortes. **E ainda tem a fome.** Ninguém consegue pensar de barriga vazia. (19 Or:Br:Intrv:Com)
NI: (A₁: (C₁: tem a fome (C₁)_{ContExp}) (A₁))

(FONTES, 2016a, p. 55)

Os exemplos em (1-36) ilustram os quatro usos de *ainda* no português. Os primeiros usos de *ainda* (1-36a-b) atuam no Nível Representacional na camada do Estado-de-Coisas, enquanto os dois últimos (1-36c-d) atuam no Nível Interpessoal nas camadas do Subato Atributivo e do Conteúdo Comunicado, respectivamente. Em (1-36a), *ainda* marca que o evento descrito pelo Estado-de-Coisas *até a esquerda, que faz parte do MDB não melhorou* já ocorria em um tempo anterior e continua a ocorrer no momento em que foi enunciado, nesse tipo de uso, *ainda* corresponde a um operador lexical. Em (1-36b), *ainda*, além de marcar que o evento descrito pelo Estado-de-Coisas *a qual guardo* se dava num momento anterior e se mantém no momento em que foi enunciado, pressupõe que a situação descrita deveria ser diferente, nesse uso, assim como no anterior, *ainda* corresponde a um operador lexical. No exemplo em (1-36c), *ainda* não marca mais uma relação de fasalidade como nos dados em (1-36a-b), mas sim intensifica a comparação estabelecida pelo Subato Atributivo *mais complicado*, nesse uso, *ainda* corresponde a um operador de ênfase. Por fim, em (1-36d), *ainda* é usado para introduzir uma nova informação, *e tem a fome*, nesse uso, *ainda* corresponde a uma função, mais especificamente, a função contraste expansivo (cf. PEZATTI, 2014). Os usos de *ainda* em (1-36a-d) correspondem, respectivamente, a *ainda* fasal, *ainda* polar, *ainda* enfático e *ainda* expansivo.

Segundo Fontes (2016a), esses usos são distribuídos no seguinte *cline* de gramaticalizadade: *ainda* fasal > *ainda* polar > *ainda* enfático > *ainda* expansivo, sendo

ainda fasal o mais lexical e *ainda* expansivo o mais gramatical. Uma diferença da proposta de Fontes (2016a) para a proposta de Keizer (2007) é o fato de que o autor, além de mapear as distinções dos usos de *ainda* com base em primitivos da formulação, também considerar em sua análise a classe de palavras dos distintos usos de *ainda* no Nível Morfossintático. Fontes (2016a) argumenta que usos de *ainda* fasal e polar, no Nível Morfossintático, correspondem a Palavras Lexicais, mais especificamente a um Advérbio, já os usos de *ainda* enfático e expansivo, no Nível Morfossintático, correspondem a Palavras Gramaticais, especificamente a uma Partícula Gramatical. Assim, a proposta de distinção léxico-gramatical de Fontes (2016a) traça um paralelo entre o tipo de primitivo da formulação de *ainda* e a sua classe gramatical no Nível Morfossintático.

Neste trabalho, assim como nos trabalhos de Keizer (2007), Oliveira (2008), Pezatti *et al* (2009), Pezatti e Camacho (2010), Fontes (2016a), assume-se que a distinção léxico-gramatical deve ser entendida a partir de um contínuo que vai do elemento mais lexical ao mais gramatical, passando por elementos de estatuto léxico-gramatical intermediário. Assim, defende-se, com base em Mackenzie (1996), Pérez Quintero (2004) e Pezatti *et al* (2009), que os conectivos lexicais funcionam, no Nível Representação, como uma Propriedade Configuracional de um-lugar (predicado adposicional), os conectivos gramaticais funcionam como uma função, e os conectivos de estatuto intermediários atuam como operadores lexicais. Já no Nível Morfossintático, os conectivos lexicais são codificados por meio de uma Palavra Lexical, enquanto os conectivos gramaticais são codificados por meio de uma Palavra Gramatical.

1.3. Construções e Conectivos Finais

Muitos trabalhos já analisaram as construções e conectivos finais nas mais diversas línguas (cf. DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010; AVEZEDO, 2000; ANTONIO, 2011; FONTES, 2015; 2016b; NEVES, 2018b; LEITE; 2015; TORREGO, 1988; CRISTOFARO, 2003; THOMPSON, 1985; CABRILLANA, 2009, dentre outros). Esses trabalhos ora focalizam as construções finais, ora os conectivos que introduzem as orações finais.

Segundo Mateus *et al* (2003, p. 715), as construções finais “exprimem uma relação de dependência semântica entre duas proposições, a oração principal, antecedente (A), e a oração final, a conseqüente (B)”. Nesse direcionamento, Neves (2018b) afirma

que as orações finais codificam a finalidade do que foi expresso pela oração nuclear, como se observa em (1-37).

(1-37) Fugiste *para que ele não te visse*.

(MATEUS *et al*, 2003, p. 715)

No exemplo em (1-37), a oração final *para que ele não te visse* (consequente) codifica a finalidade de um sujeito agentivo e controlador ao desempenhar a ação de *fugir*, expressa na oração nuclear (antecedente). Essa relação de finalidade ocorre num plano semântico, pois expressa a finalidade entre eventos, isto é, entre Estado-de-Coisas. Além disso, observa-se que a relação de finalidade na construção final em questão se estabelece a partir de um esquema de movimento típico das construções finais, descrito por Dias (2001, p. 25) da seguinte maneira:

o movimento de uma origem para uma meta, objeto da finalidade, no mundo das intenções. Normalmente, o mundo não-físico se sobrepõe ao mundo físico, mas pode ocorrer que o deslocamento se dê apenas no mundo das intenções, ou ainda um deslocamento direcionado para o próprio ato de fala, quando o sujeito agentivo remete ao locutor que projetou o movimento da finalidade.

Essa noção de movimento em direção a um objeto de finalidade expressa pelas construções finais pode ser verificada em outras línguas, além do português, como, por exemplo, no Tzotzil, língua maia falada por indígenas no estado mexicano de Chiapas (AISSSEN, 1984). Aissen (1984) argumenta que, em Tzotzil, essas construções geralmente são acompanhadas de um verbo de movimento, como se ilustra no exemplo abaixo.

(1-38) Tal nak[a]l-uk li krischanoe
 CAME LIVE-subj THE PEOPLE
 The people came to live [there]
 As pessoas vieram para morar lá.

(AISSSEN, 1984, p. 560)

Nesse exemplo, a construção final descreve o movimento de um sujeito (*as pessoas*) com uma finalidade (*morar em outro lugar*), codificando o esquema *origem-trajetória-meta* proposto por Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010). Além das construções finais, o esquema *origem-trajetória-meta* pode ser observado em outros tipos de construções que expressam a finalidade, como nas *construções de movimento com propósito* (cf. ORÉFICE, 2014).

Oréface (2014) caracteriza as construções de movimento com propósito (doravante CMCP) como construções formadas de dois verbos justapostos (V1 e V2), em que o *slot* do primeiro verbo (V1) é necessariamente preenchido por um verbo de movimento nas formas finitas ou não-finitas, enquanto o segundo *slot* é preenchido por um verbo na forma não-finita. Segundo a autora, esse padrão construcional é usado para indicar finalidade, como se observa no exemplo em (1-39).

- (1-39) Eu sou meio caseiro mais **saio ver** o movimento das ruas e o verde das praças.
Sou bucólico mais ou entusiasta que um dia iremos viver na Guarapuava que
queremos e merecemos

(ORÉFACE, 2014, p. 66)

No exemplo em (1-39), a construção *sair ver* indica o deslocamento marcado pelo verbo *sair* de um sujeito (*eu*) com a finalidade de *ver o movimento das ruas*. Nota-se que entre os dois verbos que compõem a construção não há presença de conectivo, o que diferencia as CMCPs das construções finais (ORÉFACE, 2014). Conforme aponta Oréface (2014; 2019) e Oréface e Rodrigues (2016), as CMCPs emergem na língua a partir das construções finais via gramaticalização e construcionalização.

Assim, como apontam Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), Aissen (1984), Oréface (2014; 2019) e Oréface e Rodrigues (2016), subjaz à relação de finalidade a noção de movimento em direção a um objeto de finalidade, representada pelo esquema *origem-trajetória-meta* (DIAS; 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010).

Além da noção de deslocamento, pode estar associada às construções finais outro tipo de noção/significado: o de volição (CRISTOFARO, 2003; CABRILLANA, 2009; MATEUS *et al*, 2003). Cristofaro (2003) define a finalidade como uma relação adverbial formada de dois Estados-de-Coisas, em que um (o dependente) expressa a meta de outro (o principal). Segundo a autora, essa noção de meta, assinada pelas orações finais, aproxima a relação semântica de finalidade à relação semântica dos predicados desiderativos. Nesse sentido, Cabrillana (2009), ao estudar as orações finais no latim, argumenta que a oração final designa um Estado-de-Coisas (in)desejado que motiva a relação do Estado-de-Coisa designado pela oração nuclear, como mostrado pelo exemplo (1-40).

- (1-40) *Itin. Eger. 27,6: nam ut semper populus discat legem, et episcopus et presbyter praedicant assidue*

in order that the people may always be instructed in the law, both the bishop and the priest preach diligently

Para que o povo seja sempre instruído na lei, tanto o bispo como o padre pregam diligentemente

(CABRILLANA, 2009; p. 24)

Em (1-40), a oração final *para que o povo seja sempre instruído na lei* designa um evento desejável, que faz com que *o bispo e padre preguem diligentemente*, evento designado pela oração nuclear. Essa relação de volição sancionada pelas construções finais, além do latim, pode ser observada em diferentes línguas, como no inglês e em línguas nativas da Austrália (CRISTOFARO, 2003) e no Português (MATEUS *et al*, 2003).

Dessa forma, defende-se, neste trabalho, que estão em jogo na relação de finalidade duas noções: (i) a de movimento de uma origem em direção a um objeto de finalidade, e (ii) a de volição. Em determinadas construções, uma relação pode receber maior destaque que outra (como se mostrará na seção 3 desta dissertação).

Em muitos trabalhos, como os acima mencionados, a finalidade é definida em termos de função semântica, dado que a oração final codifica o propósito da realização de um evento. Contudo, a relação de finalidade, para além de função semântica, pode desempenhar, na interação verbal, papéis mais discursivo-pragmáticos (cf. THOMPSON, 1985; AZEVEDO, 2000; 2002; NEVES, 2018b; FONTES, 2015; 2016b).

Thompson (1985), ao analisar as orações finais no inglês, argumenta que as posições assumidas por essas orações dentro da construção final não é um fator de livre escolha do falante, mas sim condicionada ao papel desempenhado pela oração final. Segundo a autora, as orações finais se posicionam, prototipicamente, na posposição, obedecendo a princípios de iconicidade. Nesse contexto, a oração final desempenha apenas a função semântica finalidade, uma vez que marca a finalidade do evento enunciado na oração nuclear. Já quando ocorrem na anteposição, posição marcada, a oração final não marca somente uma função semântica, mas, também, atua na organização da interação. Nesse caso, a oração final apresenta um problema cuja a solução é oferecida na oração nuclear, antecipando, assim, o assunto que será tratado na oração nuclear.

Azevedo (2000; 2002), ao investigar os padrões de ordenação das orações finais no português, defende que essas orações assumem comportamento semelhante às orações finais do inglês descritas por Thompson (1985). Na proposta do autor, as orações finais

podem assumir três diferentes posições a depender de seu papel na interação: (i) anteposição (cf. 1-41a); posposição (cf. 1-41b); e intercalação (cf. 1-41c).

- (1-41) a ***Para que as Nações Unidas cumpram plenamente suas magnas funções, como centro de decisões políticas de interesse coletivo***, será necessário encorajar a participação equitativa de todos os Estados no processo político
- b Mas também é verdade que essa oposição deve resolver-se em um contraponto ***para que o quadro social seja coerente consigo***.
- c Do vento da globalização, surgiu aquilo que ficou conhecido como neoliberalismo. E este, ***para melhor confundir os incautos***, tratou de fantasiar-se

(AZEVEDO; 2002, p. 14-15)

No exemplo em (1-41a), a oração final *para que as Nações Unidas cumpram plenamente suas magnas funções, como centro de decisões políticas de interesse coletivo*, anteposta à nuclear, apresenta um problema (*as Nações Unidas cumpram plenamente suas magnas funções*), no qual a solução é oferecida pela oração nuclear *será necessário encorajar a participação equitativa de todos os Estados no processo político*. Segundo Azevedo (2000; 2002), a relação de finalidade em (1-41a) é enfraquecida, pois ela desempenha uma função mais discursiva que semântica. Já em (1-41b), a anteposição da oração final *para que o quadro social seja coerente consigo* indica que essa oração sinaliza a finalidade pela qual o falante enuncia *mas também é verdade que essa oposição deve resolver-se em um contraponto*. No exemplo em (1-41c), a oração final *para melhor confundir os incautos* ocorre intercalada ao sujeito e ao predicado da oração nuclear *e este tratou de fantasiar-se*, causando, assim, uma interrupção no fluxo tópico da oração nuclear. Azevedo (2000; 2002) afirmar que, da mesma forma que a oração final anteposta, a intercalada também tem seu significado de finalidade enfraquecido, uma vez que, além de marcar a finalidade de um evento, exerce alguma função discursiva no enunciado, como a de colocar em evidência a informação contida da oração final.

Neves (2018b), com base na proposta de Sweetser (1990), defende que as orações finais podem atuar em três diferentes domínios conceituais: (i) *domínio de conteúdo*; (ii) *domínio epistêmico*; e (iii) *domínio de Ato de Fala*. No primeiro domínio, a relação de finalidade se projeta no plano semântico, visto que a finalidade é estabelecida entre dois eventos. No domínio epistêmico, a relação de finalidade ainda se dá em um plano semântico, tendo em vista que, nesse domínio, a relação de finalidade se instaura entre constructos mentais, isto é, crenças, dúvidas e conhecimentos dos falantes. Por fim, no

domínio de Ato de Fala, a relação de finalidade exerce um papel mais discursivo-pragmático, uma vez que, nesse contexto, a oração final sinaliza o motivo pelo qual o falante enuncia algo. Nos exemplos em (1-42), Neves (2018b) ilustra as orações finais nos domínios de conteúdo, epistêmico e de Ato de Fala, respectivamente.

- (1-42) a O diagnóstico deve localizar a disfunção certa, ***a fim de poder tratá-la.***
 b Vamos fazer uma abordagem objetiva e clara ***para que todos compreendam esta matéria***
 c ***Para ser sincero***, no fundo todos nós temos uma raiz no lugar em nascêssemos.

(NEVES, 2018b, p. 1016)

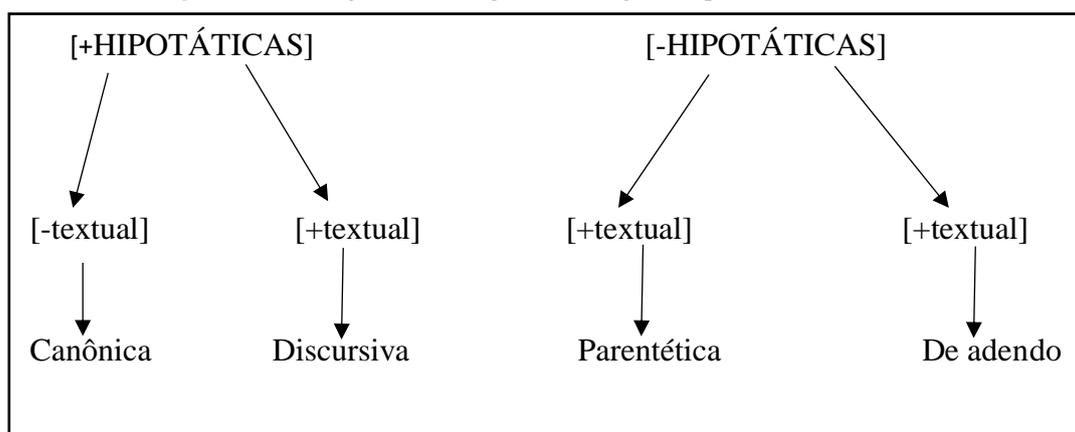
De acordo com Neves (2018b), em (1-42a) a oração final *a fim de poder tratá-la* designa um Estado-de-Coisas que toma como objeto de finalidade o Conteúdo Proposicional descrito pela oração nuclear *o diagnóstico deve localizar a disfunção certa*. A oração nuclear, nessa ocorrência, designa um Conteúdo Proposicional por corresponder a uma crença do falante marcada pelo verbo *dever*. Essa ocorrência se encaixa no domínio de conteúdo pelo fato da oração final designar um Estado-de-Coisas. Na ocorrência (1-42b), a oração final *para que todos compreendam esta matéria* descreve um constructo mental, isto é, um Conteúdo Proposicional, que expressa a finalidade do Conteúdo Proposicional designado pela oração nuclear *vamos fazer uma abordagem objetiva e clara*. Por designar um Conteúdo Proposicional, a oração final atua no domínio epistêmico. Por fim, em (1-42c), a oração final *para ser sincero* não indica mais a finalidade de um evento ou de um constructo mental do falante, mas sim sinaliza o objetivo do falante (*ser sincero*) ao enunciar a oração nuclear *no fundo todos nós temos uma raiz no lugar em nascêssemos*, atuando, dessa forma, no domínio de ato de fala.

Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), em sua tipologia das orações finais¹¹, defende que essas orações podem desempenhar usos mais semânticos ou mais discursivos. A autora, para classificar as orações finais, parte de dois traços, um de natureza formal [\pm hipotática] e outro de natureza funcional [\pm textual]. No que diz respeito ao primeiro traço, a autora avalia a presença ou ausência de uma oração nuclear morfossintaticamente expressa ligada à oração final, assim, nos casos em que é possível verificar a presença de uma oração nuclear, as orações finais são classificadas como [+hipotáticas], já quando não é possível verificar a realização de uma oração nuclear, as

¹¹ Em seus trabalhos, Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010) não usa o termo *orações finais*, mas sim *cláusulas de finalidade*, contudo, optou-se, neste trabalho, por denominar essas estruturas de orações finais.

orações finais são classificadas como [-hipotáticas]. No que tange ao segundo traço, as orações finais são classificadas pela sua função na comunicação, em que é avaliada a possibilidade de a oração final desempenhar alguma função textual [+textual] ou não [-textual]. A partir da correlação entre esses dois traços, Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), propõe quatro tipos de orações finais, a saber: (i) *oração hipotática de finalidade canônica* (que apresenta o subtipo *delimitadora de resultados*); (ii) *oração hipotática de finalidade discursiva*; (iii) *oração de finalidade parentética*; e, por fim, (iv) *oração de finalidade de adento*. A figura (1-9) ilustra como os traços [+hipotática] e [+textual] são aplicados nas orações finais.

Figura (1-9). Orações finais segundo os traços [+hipotática] e [+textual]



Fonte: Dias (2010, p. 157).

Conforme Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), as orações hipotáticas de finalidade canônica manifestam os traços [+hipotáticas] e [-textuais]. Segundo a autora, essas orações finais são as mais recorrentes tanto na língua escrita quanto na falada, sendo assim, a oração final prototípica. Nesse tipo de oração final, a relação de finalidade que se instaura entre a oração nuclear e a subordinada é de natureza semântica, já que o evento da oração final indica a finalidade do evento da nuclear. A autora complementa que nessas orações, a relação de finalidade pode ocorrer no mundo das intenções ou no mundo real, como se observa no exemplo (1-43).

(1-43) No início de 1941, Adorno muda-se para Los Angeles **para trabalhar com Horkheimer no projeto** que levará à publicação, em 1944, da primeira versão da ‘Dialética do Esclarecimento’.

(DIAS, 2010, p. 159)

Em (1-43), a oração final *para trabalhar com Horkheimer no projeto* codifica o propósito de um sujeito agentivo e controlador, *Ardono*, ao realizar o evento expresso pela oração nuclear *mudar-se para Los Angeles*. Nota-se, nesse exemplo, que o movimento no mundo físico de um ponto A no espaço (o local de origem de Adorno) em direção a um ponto B (Los Angeles), marcando pelo esquema *origem-trajetória-meta*.

As orações hipotáticas de finalidade canônicas apresentam um subtipo, *as orações hipotáticas de finalidade delimitadora de resultados*. Nesse subtipo, a oração final expressa a finalidade, em um plano semântico, de uma série de eventos, indicando que, para a finalidade descrita pela oração final ser alcançada, é necessário que o sujeito executasse uma sequência de ações, como ilustrado no dado em (1-44).

- (1-44) Em Teresina, a cearense Jovita, de 18 anos, cortou o cabelo, vestiu roupa de homem e se apresentou como voluntário da pátria **para bater-se contra os monstros paraguaios**.

(DIAS, 2001a; p. 70)

Em (1-44), a oração final *para bater-se contra os monstros paraguaios* exprime a finalidade de um sujeito agentivo e controlador (*Jovita*) ao *cortar o cabelo, vestir roupa de homem e e se apresentar como voluntária da pátria*. É possível verificar, nesse dado, que a movimento expresso pelo esquema *origem>trajetória>meta* se realiza no mundo das intenções e se sobrepõe ao mundo real.

Segundo Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), as orações hipotáticas de finalidade canônica e delimitadoras de resultados expressam unicamente a finalidade em perspectiva semântica, dessa forma, respeitando o esquema *origem-trajetória-meta*, essas orações, iconicamente, ocorrem em posposição. Assim, a posição posposta, segundo a autora, é a posição não-marcada na relação de finalidade.

O segundo tipo de oração final proposto pela autora, orações hipotáticas de finalidade discursiva, apresenta os traços [+hipotáticas] e [+textuais]. Ao contrário das orações hipotáticas de finalidade canônica, nesse tipo de relação final, além de desempenhar uma função semântica, a de expressa a finalidade de um evento, a oração final desempenha um papel pragmático, o de tópico discursivo, marcando, desse modo, o domínio de referência da oração nuclear. O exemplo em (1-45) ilustra uma oração hipotática de finalidade discursiva.

- (1-45) A música, como toda música protestante, guarda sempre alguma coisa de severo e de implacável, de premeditado e de frio. As ondas sonoras, com menos paixão do que imolação, exigem, imploram, a recusa do amor, a recusa da vida, proibem-nos aos outros, reclamam a morte, como se a morte fosse o maior dos benefícios'. E ainda: 'Prazer, êxtase - eles parecem incapazes de suportá-los. **Para fugir deles**, eles conhecem apenas a violência, a embriaguez, as batalhas, a prece'. E ainda: 'Nessas condições, por que a sua religião não os levaria a crucificar a si mesmos, e a crucificar-se mutuamente?'
(DIAS, 2010, p. 160)

Em (1-45), a oração final *para fugir deles*, além de estabelecer uma relação de finalidade com a oração nuclear *eles conhecem apenas a violências, a embriaguez, as batalhas, a prece*, retoma uma informação já disponível no discurso, a de quais cenas religiosas devem ser evitadas. Assim, a oração final não marca apenas a função semântica finalidade, mas também a função discursiva *tópico*, retomando uma informação já disponível. Por desempenhar o papel de tópico, a oração final ocorre em anteposição, posição preferida pelos constituintes tópicos (PEZATTI, 2014).

As orações finais de adendo apresentam os traços [-hipotáticas] e [+textuais], dado que não apresentam uma oração nuclear formalmente realizada e cumprem um papel na organização textual da interação. Para Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), as orações finais de adendo sinalizam a adição do falante de novas informações para complementar as informações já disponíveis na interação, como se observa no exemplo em (1-46).

- (1-46) A: Eu adoro ler, sabe, me amarro mesmo, sabe?
 B: Ah é? Que que você gosta de ler?
 A: Ah. Ler assim texto, sabe? me amarro ler texto, livros, sabe? Me amarro ler.
 B: Você lembra assim algum livro que você tenha lido recentemente?
 A: Foi - é - (hes) foi Escaravelho - Escaravelho é - do diabo.
 C: Escaravelho do Diabo.
 B: Foi na escola que mandaram ler?
 A: Foi. **Para fazer uma prova**, sabe? (ININT)
 C: Você se lembra da história, qual era?
 B: Sobre o que que era?
 A: Ai gente, eu fico (ININT). Olha, acho que não me lembro não.
 (DIAS, 2010, p. 164)

O exemplo (1-46) é extraído de uma interação entre três interactantes (A, B e C), que estão discutindo sobre o hábito de ler. Nesse exemplo, a oração final *para fazer uma prova* expande a resposta de A (*foi*) sobre a pergunta polar feita por B (*foi na escola que mandaram ler?*). Nessa ocorrência, segundo Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), não

é possível verificar a posição da oração final em relação a nuclear, pois ela não é dependente morfossintaticamente de nenhuma oração. A autora ainda ressalva que esse tipo de oração final é mais recorrente na língua falada.

Por fim, o último tipo de oração final proposto por Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010) é a oração final parentética, que apresenta os traços [-hipotáticas] [+textuais], já que não apresenta uma oração nuclear morfossintaticamente expressa e contribuem na organização textual dos enunciados. As orações finais parentéticas correspondem a voz do próprio locutor tecendo algum comentário sobre alguma informação da interação. Segundo a autora, nesse tipo de oração final, o falante rompe de algum modo a continuidade tópica do enunciado, visto que, por meio das orações finais parentéticas, o locutor pode fazer ressalvas, avaliações e esclarecimentos sobre alguma informação, como se nota no exemplo em (1-47).

- (1-47) Mas havia um homem capaz de trancar todos os seus problemas numa caixa e agir como se não tivesse uma única preocupação no mundo senão ser bom, eficaz e consciente em todos os seus compromissos. Não admira que ele fosse o presidente. Sim, ele afinal convencera o povo americano. Talvez ele tenha-se furtado a envergar o uniforme de soldado, mas ainda era um homem. Porque agora mostrava ser capaz de aparecer em público e exibir graça sob pressão. Nos Estados Unidos, importamo-nos apenas com heróis. Graça sob pressão sugere que você é um dos garotos que merece ser convidado para o clube. Clinton fora até então - **para usar o termo mais suave**- um animal de estimação para os republicanos; eles nunca admitiriam isso, mas ele foi maravilhoso para eles. O programa de saúde que propusera vergou sob a sua própria complexidade -e isso porque tentara agradar a gregos e troianos. É claro, ele nunca comeu por muito tempo o pão que o diabo amassou para dizer: ‘Bem, não resta senão pagar para isso. É melhor encostar a cabeça no travesseiro sabendo que os idosos e os doentes também podem dormir. Se somos uma nação judia e cristã, transformemos em atos as nossa idéias’. Não; ele manteve a complicação de seu programa de saúde e perdeu. Mas nesse caso perdera antes mesmo de começar.

(DIAS, 2010, p. 166-167)

Em (1-47), a oração final *para usar o termo mais suave* é usada pelo locutor com intuito de sinalizar ao ouvinte que o termo *um animal de estimação para os republicanos*, associado a Clinton, é uma atenuação, indicando que há termos piores a se associar a Clinton, mas que, com o objetivo de ser polido, não vai usa-los. De acordo com Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), como essa oração sinaliza a voz do locutor fazendo algum comentário, elas não são morfossintaticamente dependentes de outra oração.

Fontes (2015; 2016b), com base nos trabalhos de Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), Neves (2011) e Antonio (2011), propõe uma tipologia das orações finais partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da GDF. Assim como os trabalhos anteriormente citados, Fontes (2015; 2016b) defende que a relação de finalidade pode ser de natureza semântica ou discursiva. Dessa forma, o autor defende que, a depender do escopo das orações finais nas camadas do Nível Representacional e do Nível Interpessoal, elas podem desempenhar as seguintes funções: (i) função semântica; (ii) função retórica; e (iii) função interacional, representadas respectivamente pelas ocorrências pelas ocorrências em (1-49)

- (1-49)
- a Fingiu de dorminhoco *para que Sofia se distraísse*
NR: (e_i: - fungiu de dorminhoco – (e_i) (e_j: - Sofia se distraísse (e_j)_{Finalidade}) (e_i))
- b E preste bem atenção, *para que depois não se assuste*
NI: (M_I: [(IMP A_I: preste bem atenção (A_I)) (DECL A_J: depois não se assuste (A_J)_{Finalidade}]) (M_I))
- c sim. Essa *para ser verdadeira* era um bocado, mas isso deve ser preciso uma paciência de Job para estar ali parado numa porta à espera que o pato passe
NI: (D_I: [(M_I: essa era um bocado, mas isso deve ser preciso uma paciência de Job para estar ali parado numa porta à espera que o pato passe (M_I)) (M_J: ser verdadeira (M_J)_{Finalidade}]) (D_I))

(FONTES, 2015; p. 8-17)

Na representação de Fontes (2015) em (1-50a), a construção final é constituída de dois Estado-de-Coisas, em que o evento *Sofia se distraísse* expressa a finalidade do sujeito *fingir de dorminhoco*. As construções finais eventivas podem, ainda, ser formadas de um Estado-de-Coisas que escopa uma sequência de Estados-de-Coisas, isto é, um Episódio, como em (1-50).

- (1-50) Em Teresina, a cearense Jovita, de 18 anos, cortou o cabelo, vestiu roupa de homem e se apresentou como voluntário da pátria *para bater-se contra os monstros paraguaios*.
NR: (ep_i: [(e_i: ele foi lá (e_i)) (e_j: pegou (e_j)) (e_k: colocou um outro prato com a mesma carne (e_k)) (e_x: tampou com uma gaze muito fina (e_x)): (e_z: [(bater-se contra os monstros paraguaios) (e_z)_{Finalidade}])]) (ep_i))

(FONTES, 2015, p. 9-10)

Em (1-50), a oração final *bater-se contra os monstros paraguaios* designa um Estado-de-Coisas que escopa todo o Episódio em *em Teresina, a cearense Jovita, de 18 anos, cortou o cabelo, vestiu roupa de homem e se apresentou como voluntário da pátria*, indicando que a oração final é resultado de uma série de ações tomadas por *Jovita*.

As orações finais epistêmicas designam, no Nível Representacional, um Conteúdo Proposicional que escopa outro Conteúdo Proposicional ou um Estado-de-Coisas, como se observa nos exemplos em (1-51).

- (1-51) a *É preciso haver liberdade de espírito para que possa haver educação intelectual*
 NR: (pi: -é preciso haver liberdade de espírito - (pi): (pj: - possa haver educação intelectual- (pk)Finalidade) (pi))
- b *agora o que eu acho é que o povo deve 'conscienciar' que nós devemos trabalhar para fortalecer essa democracia, para desenvolver o país.*
 NR: (ei: - nós devemos trabalhar - (ei): (pi: - fortalecer essa democracia- (pi)Finalidade) (ei))

(FONTES, 2015, p. 11-12)

Em (1-51a), a oração final *para que possa haver educação* designa uma crença do falante, portanto, um Conteúdo Proposicional, assim, como a oração nuclear *é preciso haver liberdade de espírito*. Esses dois Conteúdos Proposicionais estão numa relação de núcleo-modificador, em que a oração final desempenha a função semântica finalidade em relação à nuclear. Já em (1-51b), a oração final *para fortalecer essa democracia* designa um Conteúdo Proposicional que escopa o Estado-de-Coisas *nós devemos trabalhar*, numa relação de finalidade.

No exemplo em (1-49b), o Ato da oração final *para que depois não se assuste* justifica a ordem dada pelo falante no Ato na oração nuclear *preste atenção*. Nesse sentido, não há mais uma relação de finalidade semântica, mas sim retórica em que o Ato subsidiário desempenha a função retórica *finalidade* em relação ao Ato nuclear (FONTES, 2015; 2016b).

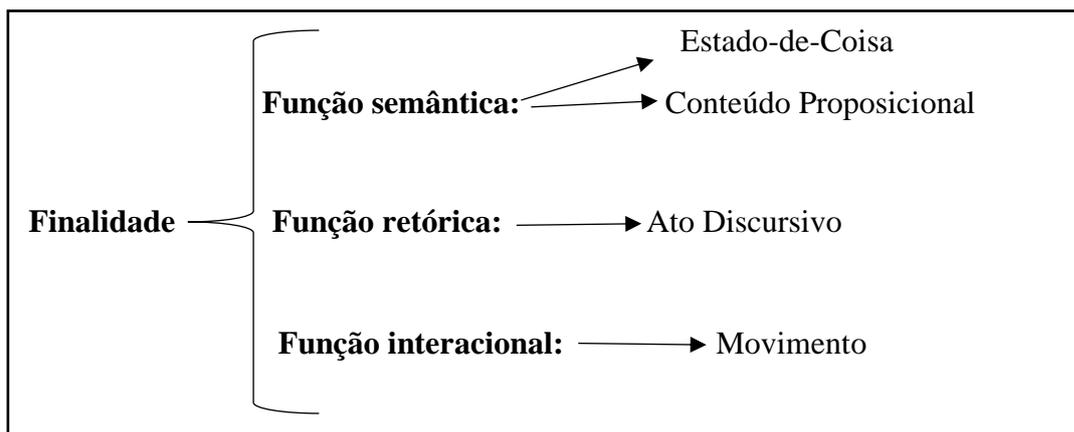
Por fim, em (1-49c), a oração final *para ser verdadeiro* evoca um Movimento que se relaciona ao Movimento evocado pela oração nuclear *era um bocado, mas isso deve ser preciso uma paciência de Job para estar ali parado numa porta à espera que o pato passe*. Nessa ocorrência, a oração final indica a voz do falante traçando um comentário sobre o conteúdo da oração seguinte, uso bem semelhante ao que Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010) descreve como cláusulas de finalidade parentéticas. Fontes (2015; 2016b), com base no trabalho de Stassi-Sé (2012), defende que, nesse contexto, as orações

finais desempenham um papel mais voltado à organização da interação, atuando como uma subordinada discursiva.

Stassi-Sé (2012) define as orações subordinadas discursivas como orações subordinadas que não apresentam uma oração nuclear morfossintaticamente expressa, contudo, subordinam-se, pragmaticamente, à interação. A autora defende que, na GDF, as subordinadas discursivas, por apresentarem dependência pragmática, devem ser tratadas no interior do Nível Interpessoal. Segundo a autora, essas construções evocam, no Nível Interpessoal, Movimentos que, discursivamente, são dependentes de outros Movimentos, desempenhando, assim, uma função interacional. Para tratar da relação entre Movimentos na GDF, que prevê relações a partir da camada do Ato Discursivo, Stassi-Sé (2012) propõe uma nova camada no Nível Interpessoal, a camada do *Discurso*, que pode ser formada de um ou mais Movimentos.

Em suma, a proposta de Fontes (2015; 2016b) oferece uma tipologia das orações finais com base nas relações de escopo do Nível Interpessoal e Nível Representacional. Assim, o autor divide essas orações em três grupos a partir da função que essas orações desempenham na interação: função semântica, função retórica e função interacional, como se observa na figura (1-11).

Figura 1-11. Tipologia das construções finais segundo Fontes



Fonte: adaptado de Fontes (2015, p.18).

SEÇÃO II – MATERIAL E MÉTODO DE ANÁLISE

Esta seção tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos que envolvem a coleta e a análise dos dados. Na primeira subseção, apresentam-se o *corpus* de análise e a forma que se realizou a coleta dos dados. Na segunda subseção, discutem-se os parâmetros de análise funcionais e formais usados para alcançar os objetivos do trabalho.

2.1. Material de análise e coleta dos dados

As ocorrências que compõem a amostragem de dados deste trabalho são coletadas a partir do banco de dados do *Corpus* do Português, em sua versão *Web/Dialetos* (DAVIE; FERREIRA, 2016), disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Esse *corpus* é formado por, aproximadamente, um bilhão de palavras, retiradas de cerca de um milhão de páginas disponíveis na *internet* de quatro países que têm o português como língua oficial, a saber: Brasil, Portugal, Moçambique e Angola. Para este trabalho, apenas os dados do português brasileiro atual foram coletados, recorte que se justifica pelo fato de que não se tem a pretensão, nesta pesquisa, de propor uma comparação dos usos das construções e conectivos finais em diferentes variedades do português.

Dois fatores motivaram a escolha do *corpus*: (i) o tipo de material que compõe o *corpus*: os dados que compõem as amostras do *corpus* são retirados de *blogs* e páginas da *web* que tratam dos mais diversos temas e contemplam os mais diversos gêneros textuais (notícias, entrevistas, tutoriais, entre outros), o que possibilita uma amostra de dados mais variada, apresentando dados tanto de linguagem formal quanto de linguagem informal, além disso, os dados são extraídos de contextos reais de uso linguístico (ponto bastante importante tendo em vista a orientação funcionalista do trabalho); e (ii) a forma de busca de dados no *corpus*: a ferramenta de busca com que se operacionaliza o *corpus* facilita a localização dos dados, uma vez que basta inserir o dado que se deseja buscar e o próprio *corpus* gera as entradas com as ocorrências. Ademais, na modalidade *Web/Dialetos*, o *Corpus* do Português permite que o pesquisador selecione a variedade do português a partir do país, função não permitida pelas outras modalidades do *corpus*.

Os dados foram buscados no *corpus* a partir do conectivo que introduz a oração final (*para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*). No processo de coleta de dados, apenas dados que configuram uma construção final foram considerados, dessa forma, orações

introduzidas por *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que* que não corresponderam a uma adverbial final não foram coletadas. Os exemplos em (2-1) ilustram ocorrências descartadas neste trabalho.

- (2-1) a Eu não tenho dinheiro *para* viajar.
 b A dica é *para que* os pais fiquem atentos, pois pode acontecer uma grave queimadura (007blog.net)
 c Eu estou *a fim de* comer bolo.
 d Eu estou *a fim de que* chova hoje.

Em nenhuma ocorrência em (2-1), é possível verificar o que aqui está se chamando de construção final. Em (2-1a), mesmo *para* mantendo seu valor de finalidade, o que é comum em construções do tipo *para+INF* (TORRENT, 2009), ele não introduz uma oração adverbial final, mas sim uma completiva nominal; *para viajar*, nessa ocorrência, escopa apenas o nome *dinheiro*. Em (2-1b), *para que* também não introduz uma adverbial final, mas sim a oração predicativa *os pais fiquem atentos*. Em (2-1c), *a fim de* sequer funciona como conectivo, nesse exemplo, *a fim de* é uma expressão que marca volição, mais especificamente, o desejo de *comer o bolo*. Assim como em (2-1c), *a fim de que*, em (2-1d), também marca volição, especificamente, o desejo pela chuva.

Os conectivos *para que*, *a fim de* e *a fim de que* foram coletados sem nenhum tipo de recorte em relação ao tipo de página da web. Para as construções finais com *para*, no entanto, foi necessário realizar um recorte um pouco mais detalhado. Devido à alta frequência do item *para*, o *corpus* não permitiu que as entradas fossem geradas automaticamente, exigindo, assim, algum tipo de recorte para essa etapa. Tentando contornar esse problema, o *corpus* ofereceu duas soluções: (i) especificar a entrada com uma possível combinação de *para* e outro elemento linguístico, como, verbos, substantivos, entre outros; ou (ii) especificar o tipo de página da *web* em que os dados seriam coletados, como *blogs*, redes sociais, entre outros. Como a primeira solução afeta a organização interna das construções finais com *para*, optou-se por seguir a segunda solução e recortar apenas as entradas geradas a partir de *blogs*, uma vez que esse recorte não afetava diretamente a construção final com *para* e por grande parte de dados com os outros conectivos serem, também, gerados a partir de *blogs*.

Para cada conectivo final, extraiu-se do *corpus* um total de cem ocorrências, o que, ao final da coleta, totalizou quatrocentas ocorrências de construções finais. Optou-se por coletar o mesmo número de dados para cada conectivo pelo fato de que o trabalho

busca, em linhas gerais, entender como os conectivos finais atuam na articulação de orações e como eles instauram o valor de finalidade, não verificar qual conectivo é mais frequente¹². Assim, as quatrocentas ocorrências de construções finais permitem identificar as características mais gerais das construções finais, enquanto as cem ocorrências de cada conectivo permitem mapear as propriedades específicas de cada conectivo final.

2.2. Parâmetros de análise

Nesta subseção, discutem-se os procedimentos que envolvem as análises dos dados. Os parâmetros de análise aqui apresentados foram pensados tendo em vista os objetivos propostos pelo trabalho e o aparato teórico-metodológico assumido para conduzir as análises. Assim, à luz do modelo da GDF, pretende-se em relação às construções finais com *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*: (i) propor uma tipologia de construções finais tendo em vistas avanços recentes entre os estudiosos da GDF a respeito de orações adverbiais; (ii) determinar o grau de vinculação semântico-sintática entre as orações das construções finais articuladas por meio de *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*; (iii) especificar de que modo os diferentes conectivos finais podem instaurar valores finais distintos e diversificados..

Os parâmetros de análise estão divididos em dois conjuntos, a saber: os *parâmetros funcionais* de análise e os *parâmetros formais* de análise. Com os parâmetros funcionais de análise, buscou-se examinar as propriedades discursivo-pragmáticas e semânticas que subjazem à formulação das construções finais com *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*, o que se determina nos níveis Interpessoal e Representacional. Já com os parâmetros formais, buscou-se verificar a estruturação formal das construções aqui estudadas, especificamente os aspectos ligados à codificação morfossintática, tratados, na GDF, no Nível Morfossintático. Essa divisão entre propriedades funcionais e formais se justifica pela arquitetura hierárquica do modelo da GDF, organizada de modo descendente. Como os níveis de análise da GDF são compreendidos como módulos separados, mas que interagem entre si, as propriedades funcionais das construções finais

¹² ¹² Para um maior detalhamento sobre a frequência desses conectivos na língua escrita e falada, ver Dias (2001a; 2001b; 2002, 2005; 2010).

refletem em sua estrutura morfossintática, partindo de aspectos próprios à sua formulação até as determinações em sua codificação morfossintática.

2.2.1. Parâmetros funcionais de análise

2.2.1.1. Entidade/camada designada/evocada pela oração final

Nos estudos sobre orações adverbiais, sobretudo nos estudos com base na GF, as orações podem ser classificadas a partir das entidades que elas designam (HENGEVELD, 1993; 1996; 1998; PÉREZ QUINTEIRO, 2002). A classificação da GF é baseada em quatro tipos de entidades: (i) entidade de primeira ordem, que designam Indivíduos; (ii) entidade de segunda ordem, que designam Estados-de-Coisas; (iii) entidade de terceira ordem, que designam Conteúdos Proposicionais; e (iv) entidade de quarta ordem, que designam, Ato de Falo. Pérez Quinteiro (2002) ressalva que, no caso das orações adverbiais, deve-se desconsiderar as entidades de primeira ordem, uma vez que elas são designadas por um termo da oração, não pela oração como um todo.

Na GDF, essas entidades podem ser avaliadas com base nas camadas dos níveis da formulação, isto é, nas camadas dos níveis Interpessoal e Representacional. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015), as camadas do Nível Representacional são avaliadas em termos de *designação*, uma vez que elas designam elementos do mundo extralinguístico. Já as camadas do Nível Interpessoal devem ser avaliadas em termos de *evocação*, uma vez que elas representam algum elemento evocado pelo falante com base nos seus objetivos comunicativos. Fontes (2015; 2016b), com base no modelo da GDF, defende que as orações finais podem atuar tanto nas camadas do Nível Representacional quanto das camadas do Nível Interpessoal, como se mostra nos exemplos em (2-2).

- (2-2) a então começaram a dizer que realmente al[...], muito tempo atrás, não foram definidos, **tiraram amostras de pedras, não sei mais o quê, para saber há quanto tempo que realmente aquela piscina tinha sido, sido cavada**, não é, engraçado. (FONTES, 2015, p. 8)
- b **É preciso haver liberdade de espírito para que possa haver educação intelectual** (NEVES, 2011, p. 888)
- c **E preste bem atenção, para que depois não se assuste**. (NEVES, 2011, p. 889)

Nos exemplos em (2-2a-b), as orações finais designam, no Nível Representacional, um Estado-de-Coisas (2-2a) e um Conteúdo Proposicional (2-2b). Já em (2-2c), a oração final evoca, no Nível Interpessoal, um Ato Discursivo. Dessa forma, assume-se, nesta pesquisa, que as orações podem, no Nível Representacional, designar as seguintes entidades/camadas: (i) Conteúdo Proposicional, (ii) Episódio; (iii) Estado-de-Coisas, (iv) Propriedade Configuracional e (v) Propriedade Lexical. Já no Nível Interpessoal, as orações finais podem evocar as seguintes entidades/camadas: (i) Movimento, (ii) Ato Discursivo, (iii) Conteúdo Comunicado, (iv) Subato Atributivo, (v) Subato Referencial.

2.2.1.2. Entidade escopada pela oração final

Na GDF, as orações finais, enquanto modificadores adverbiais e, portanto, constituintes hierárquicos, podem escopar diferentes entidades dos níveis Representacional e/ou Interpessoal, designadas/evocadas pela oração nuclear. Assume-se aqui a noção de escopo de Hengeveld (2017), que a entende em termos das diferentes camadas que compõem os níveis da formulação, Interpessoal e Representacional.

Nos exemplos em (2-2), repetidos como (2-3), pode-se notar que a oração final toma outra (a nuclear) como seu escopo, que, por sua vez, pode evocar/designar diferentes camadas do Nível Interpessoal e do Nível Representacional. Em (2-3a), a oração escopada pela oração final (*iraram amostras de pedras, não sei mais o quê*) designa, no Nível Representacional, um Estado-de-Coisas. Em (2-3b), a oração nuclear *é preciso haver liberdade de espírito*, tomada como escopo pela oração final, designa, no Nível Representacional, um Conteúdo Proposicional. Por fim, em (2-3c), a oração final escopa a oração *e preste bem atenção*, que evoca, no Nível Interpessoal, um Ato Discursivo.

- (2-3) a então começaram a dizer que realmente al[...], muito tempo atrás, não foram definidos, **tiraram amostras de pedras, não sei mais o quê, para saber há quanto tempo que realmente aquela piscina tinha sido, sido cavada**, não é, engraçado. (FONTES, 2015, p. 8)
- b **É preciso haver liberdade de espírito para que possa haver educação intelectual** (NEVES, 2011, p. 888)
- c **E preste bem atenção, para que depois não se assuste.** (NEVES, 2011, p. 889)

Dessa forma, com base na proposta de Hengeveld (2017), assume-se aqui que a oração final toma como escopo uma oração nuclear que pode evocar/designar as mais diferentes camadas dos níveis Interpessoal e Representacional. No Nível Representacional, as orações nucleares podem designar as seguintes entidades/camadas: (i) Conteúdo Proposicional, (ii) Episódio; (iii) Estado-de-Coisas, (iv) Propriedade Configuracional e (v) Propriedade Lexical. Já no Nível Interpessoal, elas podem evocar as seguintes entidades/camadas: (i) Movimento, (ii) Ato Discursivo, (iii) Conteúdo Comunicado, (iv) Subato Atributivo, (v) Subato Referencial.

2.2.1.3. Oração final na formulação

Nesse parâmetro, busca-se verificar o papel que a oração final desempenha enquanto primitivo da operação de formulação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), as orações adverbiais podem desempenhar uma função retórica, quando, no Nível Interpessoal, evocam um Ato Discursivo, ou uma função semântica, quando, no Nível Representacional, designam Estados-de-Coisas, Conteúdo Proposicional ou um Episódio.

Keizer (2018; 2020), ao analisar casos de insubordinação (casos que Stassi-Sé (2012) denomina como subordinação discursiva), argumenta que as orações finais, além das funções já previstas por Hengeveld e Mackenzie (2008), podem desempenhar o papel de modificadores interpessoais, escopando um Ato Discursivo ou uma Ilocução. Defende-se, aqui, que, para além de Atos Discursivos ou Ilocuções, as orações finais, enquanto modificadores interpessoais, podem escopar outras entidades interpessoais, como Subatos e Conteúdos Comunicados.

Dessa forma, partindo de Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2018; 2020), assume-se que as orações finais, em termos de primitivos da formulação, podem atuar como: (i) função semântica; (ii) função retórica; e (iii) modificador interpessoal. Esses diferentes papéis das orações finais podem ser rastreados em interação com os dois parâmetros anteriores, isto é, a partir do mapeamento das camadas e dos níveis envolvidos na formulação de uma construção final.

2.2.1.4. Relações e sequências temporais entre as orações que formam a construção final

Nesse parâmetro, busca-se identificar os tipos de relação e de sequência temporal estabelecidos entre a oração nuclear e a oração final. A relação temporal é entendida como

a correlação entre a referência temporal (passado, presente, futuro) da oração nuclear e da oração final. A partir dessa relação entre o tempo das orações das construções finais, chega-se ao tipo de sequência temporal (não-cotemporal, simultânea, prospectiva) da construção final.

Ao investigar as orações completivas, Givón (2001) argumenta que as sequências temporais podem ser de dois tipos: (i) *sequências temporais cotemporais*, que são aquelas em que o evento descrito pela oração subordinada se realiza posteriormente em relação ao evento da oração matriz (como relações do tipo presente na matriz e futuro na subordinada); e (ii) *sequências temporais não-cotemporais*, que são aquelas em que o evento descrito pela oração subordinada ocorre anteriormente ao evento descrito pela oração matriz (como relações do tipo presente na matriz e passado na subordinada). Para Givón (2001), a cotemporalidade entre os eventos de uma dada construção complexa está ligada ao maior grau de integração semântico-sintática, ao passo que a não-cotemporalidade marca a menor vinculação semântico-sintática.

Sousa (2007), ao analisar as orações completivas introduzidas por *se* no português, adiciona à proposta de Givón (2001) um terceiro tipo de sequência temporal, as *sequências temporais simultâneas*, nas quais o evento descrito pela oração subordinada ocorre simultaneamente ao evento descrito pela oração matriz (como relações do tipo: presente na matriz e presente na subordinada). A proposta da autora é ilustrada pelo quadro (2-1) e pelos dados (2-4).

Quadro 2-1. Tipos de seqüências temporais

Seqüências temporais cotemporais	Seqüências temporais prospectivas	(1) Presente na nuclear – Futuro na subordinada (2) Passado na nuclear – Futuro na subordinada
	Seqüências temporais simultâneas	(3) Presente na nuclear – Presente na subordinada (4) Passado na nuclear – Passado na subordinada (5) Futuro na nuclear – Futuro na subordinada
Seqüências temporais não-cotemporais	Seqüências temporais não-cotemporais	(6) Passado na nuclear – Passado anterior na subordinada (7) Presente na nuclear – Passado na subordinada (8) Futuro na nuclear – Presente na subordinada (9) Futuro na nuclear – Passado na subordinada (10) Passado na nuclear – Presente na subordinada

Fonte: Adaptado de Souza (2007).

- (2-4) a **Presente na matriz – futuro na completiva**
espero que comprireis com a vossa de maneira que se de inteira satisfacam a justica com exemplo [= de maneira que exemplarmente se faca justica].
- b **Passado na matriz – futuro (do pretérito) da completiva**
 Achei-o eu mal doente, u jazia desacordado todo com o mal; e non **cuidava que guareceria** [= sararia];
- c **Presente na matriz – presente na completiva**
 Assi o rreligioso depois que **sente del que he be obediete** [=sente que o pecador e obediente] e que tornara sempre a ssa orde con proveyto...o leixa en as voontade pera ir hu quer que melhor poder procurar a prol do seu mõeiteiro.
- d **Futuro na matriz – futuro na completiva**
 teuero por be os santos padres e ordinaro que os que dere a peedenca [=penitencia] quando pregutasse ao pecador pera saber delle os pecados que fezera que **lhy dissessem** primeiramente **que nõ negasse ne hua cousa do que sabia em que errara**.
- e **Passado na matriz – passado na completiva**
 E aquella sazom que os cavalleiros vierom [= naquela ocasio em que os cavaleiros vieram] stava el rei acostado a ua freesta em seu paaco. E quando os vio assi armados vir e sem conpanha, **conhoceo que eram cavaleiros andantes**.
- f **Passado na matriz – passado anterior na completiva**
 Ah! se la estou com os meus atenienses! - Zeus, Dionisos, Afrodita... murmurava de quando em quando. **Lembrou-me então que ele fora uma vez/ acusado de desacato aos deuses** e perguntei a mim mesmo donde

vinha aquela indignação postuma, e naturalmente postica. Esquecia-me, - um devoto do grego!

g **Presente na matriz – passado na completiva**

Por testemunho do historiador Damiao de Gois **sabemos que, em 1513, Jorges Lopes Bixorda apresentara a El-Rei D. Emanuel três índios brasilienses**, que tinham vindo no seu navio do contrato, vestidos de penas a moda do país, aos quais servia de interprete um português versado no seu idioma.

h **Futuro na matriz – presente na completiva**

Diga a Judite que estou à espera dos cobres que ela me deve.

i **Futuro na matriz – passado na completiva**

Ainda não tenho os elementos precisos para saber qual será o meu dever, mas tenho a firme resolução de não sofisma-lo e de não evita-lo, mas de cumpri-lo todo. Isso talvez por muito tempo me tenha afastado de Londres, para onde é também possível que eu possa em breve voltar. Mas, presente ou ausente, **nunca hei de esquecer que tive em sua casa o lugar de um filho.**

j **Passado na matriz – presente na completiva**

Por uma informação do "Estado" **soube que há intenção do Itamarati de mandar o Dr. Toledo para a Itália.** De-lhe meus parabéns pela vitória.

Os exemplos em (2-4a-b) correspondem a sequências temporais prospectivas, marcando, respectivamente, relações do tipo *presente na matriz + passada na completiva* e *passado na matriz + futuro na completiva*. Os exemplos em (2-4c-e) correspondem a sequências simultâneas, marcando as seguintes relações temporais: *presente na matriz + presente na subordinada*, *passado na matriz + passado na subordinada*, *futuro na matriz + futuro na subordinada*. Por fim, os exemplos em (2-4f-j) constituem sequências não-cotemporais, marcando as relações temporais a seguir: *passado na matriz + passado anterior na subordinada*, *presente na matriz + passado na subordinada*, *futuro na matriz + presente na subordinada*, *futuro na matriz + passado na subordinada*, *passado na matriz + presente na subordinada*.

Givón (2001) e Sousa (2007) defendem a hipótese de que quanto mais cotemporais forem os eventos descritos pela oração matriz e pela oração completiva, mais vinculadas semântica-sintaticamente essas orações serão, uma vez que, mais facilmente, esses eventos vão ser compreendidos como um único evento. Segundo Sousa (2007), o grau de vinculação entre os eventos a partir das sequências temporais deve ser entendido como um contínuo: sequências não-cotemporais apresentam baixo grau de vinculação; sequências cotemporais prospectivas apresentam um grau intermediário de vinculação; sequências cotemporais simultâneas apresentam um alto grau de vinculação.

Apesar das propostas de Givón (2001) e Sousa (2007) serem pensadas tendo em vista as orações completivas, Galbiatti (2008) e Fontes (2016a) demonstram que é possível estender e aplicar essa questão às orações adverbiais. Fontes (2016a), por exemplo, em seu trabalho sobre as orações concessivas e concessivo-condicionais introduzidas por *ainda que*, mostra que esses tipos de orações apresentavam sequências temporais distintas: enquanto as orações concessivas apresentam maior cotemporalidade, as orações concessivo-condicionais preferem sequências não-cotemporais. Esse resultado, segundo o autor, corrobora a hipótese de que as construções concessivas com *ainda que* são mais gramaticalizadas do que as construções concessivo-condicionais. Assim, neste trabalho, busca verificar se há diferenças de relações e sequências temporais nas construções finais com os diferentes conectivos.

2.2.1.5. Tipo de referência temporal

Esse parâmetro busca identificar o tipo de referência temporal estabelecida entre a oração nuclear e a oração final. Hengeveld (1996), ao analisar as construções completivas, defende que há dois tipos de referências temporais: (i) *referência temporal dependente* (RTD) e (ii) *referência temporal independente* (RDI). Nas construções completivas temporalmente dependentes, o tempo da oração subordinada é dependente do tempo da oração matriz, isto é, a realização do evento subordinado depende da realização do evento matriz. Já nas construções completivas temporalmente independentes, o tempo da oração subordinada não depende mais do tempo da oração matriz, sendo assim, a realização do evento subordinado independe da realização do evento matriz.

Os exemplos em (2-5), extraídos de Hengeveld (1996), ilustram orações completivas com referência temporal dependente e independente.

- (2-5) a I saw him leave. (RTD)
Eu o vi sair.
- b *I saw him have left. (RTI)
Eu vi que ele saiu.
- c I regret that he leaves today. (RTI)
Eu lamento que ele parta hoje.
- d I regret that he leaves yesterday. (RDI)
Eu lamento que ele tenha partido ontem.

Segundo Hengeveld (1996), tanto *see* quanto *regret* designam Estados-de-Coisas, contudo, os eventos encaixados por esses predicados ocorrem com referências temporais diferentes. Enquanto o evento encaixado em *see* ocorre simultaneamente ao evento designado pelo predicador, o evento encaixado em *regret* não ocorre de forma dependente ao evento designado pelo predicador. Em (2-5c-d), por exemplo, o evento *he leaves* ocorre independentemente do evento *I regret*.

Em seu estudo, Hengelved (1996) aplica a noção de referência temporal às orações completivas, entretanto, como mostram Pérez Quinteiro (1998; 2002), Oliveira (2008) e Fontes (2016b), é possível estender a noção de referência temporal às orações adverbiais. Os exemplos em (2-6) ilustram casos de orações adverbiais temporalmente dependentes e independentes.

- (2-6) a *He cut himself while shaving* (RTD).
Ele se cortou enquanto se barbeava.
- B *The streets are wet because it is raining/because it is has been raining* (RTI).
As ruas estão molhadas porque estava/esteve chovendo.
- (PÉREZ QUINTEIRO, 1998, p. 52)

Em (2-6a), o evento descrito pela oração adverbial temporal *while shaving* é temporalmente dependente ao evento descrito em *he cut himself*. Já os eventos descritos pelas orações em (2-6b) são temporalmente independentes, uma vez que o evento em *the streets are wet* pode ocorrer simultaneamente (*because it is raining*) ou posteriormente (*because it is has been raining*) ao evento descrito pela oração da adverbial. Fontes (2016b), por seu turno, afirma que as orações adverbiais finais são sempre temporalmente dependentes, porém, o autor analisa apenas as orações finais introduzidas pelos conectivos gramaticais *para* e *para que*; dessa forma, este trabalho busca verificar se as orações finais com *a fim de* e *a fim de que* também são temporalmente dependentes em relação à oração nuclear.

2.2.1.6. Factualidade da oração final

Nesse parâmetro, busca-se verificar a factualidade das orações finais introduzidas por *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. Segundo Pérez Quinteiro (1998; 2002), a factualidade pode ser aplicada a qualquer tipo de entidade, nesse sentido, uma oração pode ser factual se designar um Estado-de-Coisas real, um Conteúdo Proposicional

verdadeiro, ou um Ato de Fala assertivo, ou não-factual se designar um Estado-de-Coisa irreal, um Conteúdo Proposicional não verdadeiro, ou um Ato de Fala não assertivo (HENGEVELD, 1998; PÉREZ QUINTEIRO, 1998; 2002). De acordo com, Pérez Quinteiro (1998; 2002) e Hengeveld (1998), nas orações adverbiais, a factualidade pode ser avaliada independentemente do tipo de referência temporal das orações. Os exemplos abaixo (2-7) retratam orações factuais e não-factuais.

- (2-7) a *The fuse blew because we had overload the circuit.* (Factual)
 O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito.
 B *I'll come tomorrow in case Ann wants me.* (Não-factual)
 Eu virei amanhã no caso de que Ann me queira
 (PÉREZ QUINTERO; 1998, p. 164)

Em (2-7a), a oração *because we had overload the circuit* designa um Estado-de-Coisas real, ou seja, factual, pois essa oração apresenta o real motivo pelo qual o fusível explodiu (*the fuse blew*). Já em (2-7b), o Estado-de-Coisas *in case Ann wants me* designa um evento hipotético, não-real, ou seja, não-factual, pois essa oração designa a condição do que foi expresso na oração *I'll come tomorrow*.

Hengeveld (1998) e Pérez Quinteiro (1998; 2006), ao examinar as orações adverbiais finais, classificam as orações finais como sendo sempre não-factuais por conta de sua natureza prospectiva, assim, essas orações designam Estados-de-Coisas não-realizados e Conteúdo Proposicionais não-verdadeiros e evocam Atos Discursivos não assertivos. Juntas às orações finais no grupo de não-factuais estão as orações condicionais, já no grupo das orações factuais estão as causais, as concessivas e as explicativas. Como os dados de Hengeveld (1998) e Pérez Quinteiro (1998; 2006) são referentes ao inglês, neste trabalho, buscou-se verificar se as orações finais no português, no que diz respeito à factualidade, comportam-se de forma semelhante às orações finais de outras línguas.

2.2.1.7. Identidade de participantes

Esse parâmetro busca verificar se as orações que constituem uma construção final compartilham (+) ou não (-) seus participantes. A identidade de participantes ocorre quando, dentro de uma construção subordinada, os eventos descritos pelas orações principal e subordinada compartilham algum participante, como, por exemplo, o sujeito,

o objeto, ou o adjunto. De acordo com Lehmann (1988), quando duas orações compartilham algum traço do seu significado semântico (como seus participantes), elas tendem a ser mais vinculadas semântica e, conseqüentemente, sintaticamente. Nesse sentido, Givón (2001) afirma que, quando há identidade de participantes entre dois eventos, eles são mais facilmente interpretados como um único evento. Em outros termos, a identidade de participantes pode auxiliar no estabelecimento do grau de entrelaçamento semântico-sintático entre orações. Nos exemplos em (2-8), é ilustrada como se aplica o parâmetro de identidade de participantes em construções adverbiais.

- (2-8) a Sabia, por exemplo, que **ela ia discutir o caso dele, Delfino, com padre Estêvão, ainda que o mundo viesse abaixo**
- b Talvez por isso mesmo, os antigos limitassem os mandatos executivos ao mínimo, como os romanos, que os fixavam em um ano apenas. **Ainda que o chefe de governo; fosse o mais idôneo e o mais sábio dos homens, a sua permanência no poder, para além de seu mandato, seria a negação da democracia.**

(FONTES, 2016a, p. 179-180)

Nos exemplos em (2-8), há um caso de não-identidade de participantes (2-7a) e um caso de identidade de (2-8b). Em (2-8a), nenhum referente da oração principal *ela ia discutir o caso dele, Delfino, com o padre Estêvão* é recuperado semanticamente na oração adverbial *ainda que o mundo viesse abaixo*. Já em (2-8b), o referente *o chefe de governo*, sujeito da oração adverbial, é retomada pelo pronome *sua* na oração nuclear.

Neste trabalho, assume-se, no que diz respeito à identidade de participantes entre as orações da construção final, que:

- (i) A oração final pode não compartilhar nenhum referente com a oração nuclear (não-identidade de participantes);
- (ii) A oração final pode compartilhar algum(ns) referente(s) com a oração nuclear (identidade de participantes), em casos que:
- O sujeito da oração nuclear é objeto/adjunto da oração final;
 - O objeto/adjunto da oração nuclear é sujeito da oração final;
 - O sujeito da oração nuclear é o sujeito da oração final.

2.2.1.8. Correferencialidade de sujeitos

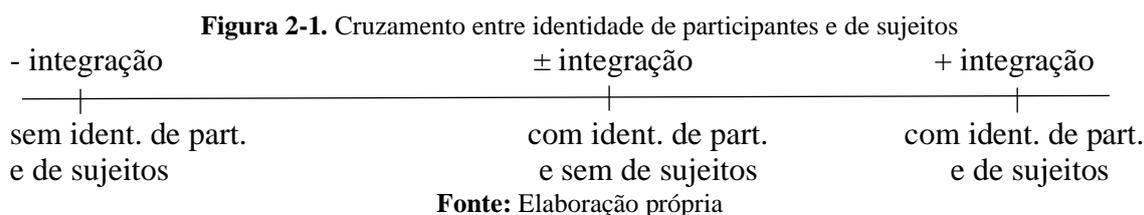
A partir do parâmetro anterior, e tendo em vista os casos de identidade de participantes, este parâmetro busca verificar se há (+) ou não (-)

identidade/correspondência entre os sujeitos das orações que constituem a construção final. A distinção deste parâmetro com o anterior se justifica pelo fato de que nem sempre a identidade de participantes implica na identidade de sujeitos, como se observa em (2-8b). Por outro lado, a correferencialidade de sujeitos, necessariamente, implica a identidade de participantes, uma vez que ao compartilhar seu sujeito com oração final, a oração nuclear compartilha com a final um dos seus participantes. No exemplo em (2-9), a identidade de sujeitos é ilustrada.

(2-9) Estado – *Ainda que Øi se trate de pura ficção, sua literatura remete o leitor diretamente à realidade brasileira.* (19Or:Br:Intrv:ISP)
(FONTES, 2016a, p. 180)

No exemplo em (2-9), tanto a oração *ainda que se trate de pura ficção* quanto a oração *sua literatura remete o leitor diretamente à realidade brasileira* compartilham o mesmo sujeito, *sua literatura*. É importante destacar que, apesar de, na oração adverbial, não haver a presença de um sujeito morfossintaticamente expresso, é possível inferir, semanticamente, que o sujeito dessa oração é o mesmo da oração nuclear, uma vez que a correferencialidade de participantes e sujeito é uma noção semântica, não formal.

Vale destacar, também, que, assim como o parâmetro (2.2.1.8.), o parâmetro de identidade de sujeito permite verificar o grau de vinculação sintático-semântica entre as orações da construção final. Assim, é possível pensar nesses parâmetros como contínuos, em que a não-identidade representa o menor grau de integração, a identidade de participantes (e não de sujeito) representa um grau intermediário, a identidade de sujeitos representa o maior grau de integração (SOUSA, 2007), como se observa pela figura (2-1).



2.2.2. Parâmetros formais de análise

2.2.2.1. Camadas de codificação das orações dentro da construção final

Nesse parâmetro, busca-se verificar a camada em que as orações nuclear e final são codificadas no Nível Morfossintático. Na GDF, as orações, a depender do escopo no Nível Interpessoal e Nível Representacional, podem ser codificadas nas camadas da Oração (CI) ou da Expressão Linguística (Le). As construções formuladas no Nível Interpessoal são geralmente codificadas, no Nível Morfossintático, na camada da Expressão Linguística. Já as construções formuladas no Nível Representacional são normalmente codificadas na camada da Oração. Nos dados em (2-10), ilustram-se ocorrências de construções finais na camada da Expressão Linguística (2-10a) e na camada da Oração (2-10b).

- (2-10) a **Para desvendar o caleidoscópio de possibilidades oferecidos por os espaços a que chamamos cidade, eu recomendo um nome: Ítalo Calvino.** (abr-casa.com.br)
NI: (M_I: [(A_I: - desvendar o caleidoscópio de possibilidade oferecidos por os espaços a que chamamos cidade - (A_I)_{Orientação}) (A_J: - eu recomendo um nome: Ítalo Calvino - (A_J))] (M_I))
NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para (Gw_i)) (desvendar o caleidoscópio de possibilidades oferecidos por os espaços a que chamamos cidade)) (^{dep}Cl_j)) (Cl_i: - eu recomendo um nome: Ítalo Calvino - (Cl_i))] (Le_i))
- b Eu gostaria que a informação fosse limpa e sóbria, invés de ataques de publicidade e sensacionalismo. **Os jornais funcionam para promover emissoras**
NR: (e_i: - os jornais funcionam - (e_i): (e_j: - promover emissoras - (e_j)_{Purpose}) (e_i))
NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: - os jornais - (Np_i)) (Vp_i: - funcionam - (Vp_i)) (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para (Gw_i)) (Vp_i: promover (Vp_i)) (Np_i: - as emissoras - (Np_i))] (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i))

Dessa forma, partindo dos parâmetros (2.2.1.1) e (2.2.1.2.), busca-se verificar se as orações finais são codificadas nas camadas da Expressão Linguística ou da Oração no Nível Morfossintático.

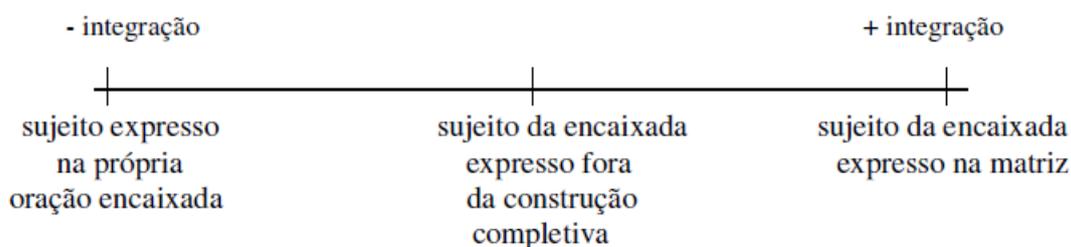
2.2.2.2. Formas da expressão do sujeito das construções finais

Esse parâmetro busca verificar como o argumento sujeito é formalmente expresso na construção final. Para tanto, parte-se de quatro tipos de manifestação de sujeito: **(i)** sujeito lexicalmente expresso, quando o sujeito é expresso por meio de um sintagma nominal; **(ii)** sujeito pronominalmente expresso, quando o sujeito é expresso por meio

de algum pronome; **(iii)** sujeito expresso oracionalmente, quando o sujeito é expresso por meio de uma oração; **(iv)** sujeito expresso fora da construção final, quando o sujeito é expresso fora dos domínios da construção final.

A forma da expressão do sujeito auxilia no estabelecimento do grau de vinculação semântico-sintática de orações das construções finais. Lehmann (1988, p. 208), ao analisar as orações completivas, afirma que “se orações principais e subordinadas estão entrelaçadas por partilharem um elemento de sua estrutura, isso não será especificado na oração subordinada, ficando a especificação suprida na oração principal”¹³. Partindo do pressuposto de Lehmann (1988), Sousa (2007) argumenta que se pode pensar em um contínuo de integração em que o sujeito formalmente expresso na oração nuclear indica o maior grau de integração e o sujeito formalmente expresso na oração subordinada indica o menor grau de integração, já o sujeito formalmente expresso fora da construção final indica um grau intermediário de integração, conforme mostrado na figura (2-2).

Figura 2-2. Escala de integração conforme a forma de expressão do sujeito



Fonte: (SOUSA, 2007, p. 121).

Apesar de Lemann (1988) e Sousa (2007) utilizarem a forma de expressão do sujeito para analisar o grau de integração entre orações de construções completivas, Fontes (2016a) defende que é possível aplicar esse parâmetro às orações adverbiais, conforme se ilustra em (2-11).

- (2-11) a Estado - ***Ainda que Øi se trate de pura ficção, sua literaturai remete o leitor diretamente à realidade brasileira.*** Em O Feitiço da Ilha do Pavão, você vai falar de um Brasil ideal e não real
- b Em sua nova cidade residencial, ***Maxi*** mantivera os mesmos hábitos dos seus tempos de estudante. ***Ainda que Øi tivesse um maior círculo de relações, freqüentando muito as colônias árabe, japonesa e italiana, era com os judeus que Øi entretinha as mais estreitas ligações***

¹³ No original: If main and subordinate clauses are interlaced by sharing an element of their structure, this will be left unspecified in the subordinate clause, the specification being supplied by the main clause.

- c Gente que tinha contato direto com o dia-a-dia, com a realidade imediata. **Tínhamos muitas portas de acesso aos acontecimentos, ainda que, muitas vezes por culpa da censura, não pudéssemos passar esse conhecimento à frente.** Somos uma geração marcada pelo sentimento de poder, pelo desejo de mostrar um país oculto, de mostrar os porões do Brasil. (FONTES, 2016, p. 187, grifos do autor)

Segundo Fontes (2016a), todos os exemplos em (2-11) apresentam sujeitos correferenciais, contudo, a forma que esses sujeitos são expressos nas construções adverbiais é diferente. No exemplo em (2-11a), tanto na oração nuclear quanto na oração adverbial, o sujeito é *sua literatura*, entretanto, ele apenas recebe uma codificação formal na oração nuclear. Em (2-11b), o sujeito da construção adverbial, apesar de ser correferencial, não recebe codificação formal nem na oração nuclear nem na oração adverbial. Nesse caso, o sujeito é codificado pelo SN *Max*, que se encontra fora da construção adverbial. Por fim, em (2-11c), a posição de sujeito não é preenchida nem pela oração nuclear e nem pela adverbial, mas, na verdade, na morfologia verbal em *tínhamos* e *pudéssemos*.

2.2.2.3. Tempo e modo verbal das construções finais

Esse parâmetro busca identificar a relação modo-temporal da oração nuclear e da oração final. Dessa forma, considerou-se os seguintes tempos e modos verbais: **(A)** Presente do Indicativo; **(B)** Pretérito Perfeito do Indicativo; **(C)** Pretérito Imperfeito do Indicativo; **(D)** Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo; **(E)** Futuro do Presente; **(F)** Futuro do Pretérito; **(G)** Presente do Subjuntivo; **(H)** Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; **(J)** Futuro do Subjuntivo; **(K)** Infinitivo; **(L)** Particípio; **(M)** Gerúndio; **(N)** Imperativo Afirmativo; **(O)** Imperativo Negativo.

2.2.2.4. Posição da oração final dentro da construção final

Esse parâmetro busca verificar a posição da oração adverbial final em relação à oração nuclear. Thompson (1985) defende que a posição da oração final em relação à núcleo obedece a princípios de natureza discursiva. Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010) e Azevedo (2000; 2002) também associam a posição da oração final ao papel que elas desempenham na interação verbal. Segundo esses autores, as orações finais ocorrem

prototipicamente pospostas à nuclear, respeitando princípios de iconicidade do esquema *origem* (oração nuclear)>*trajetória*>*meta* (oração final). Quando a oração final ocorre em anteposição, ela desempenha algum papel discursivo-pragmático, como o de tópico discursivo. Os exemplos em (2-12) ilustram orações finais em posposição e anteposição.

- (2-12) a É. Não apareceu, mas nem aparece, não é? **Dizem que Passat eles gostam muito para vender lá para fora, não é?** Uruguai, Paraguai Não apareceu mesmo. Carro era um carro novo, não é? Era oitenta. Agora já estou com outro. (DIAS, 2001a, p. 68, grifos meus)
- b Ao escrever, Lygia gosta de ouvir música clássica. "Mas não pode ser música com letra, porque aí não me concentro." **Para não se desconcentrar, precisou deixar Lili Carabina, sua gata, com a vizinha.** "Eu a amo, mas ela estava me roubando muito a atenção. (DIAS, 2001a, p. 79, grifos meus)

Em (2-12a), a construção final, no que diz respeito à ordenação das orações, encontra-se em sua forma canônica (cf. DIAS, 2001a), uma vez que ela codifica o esquema de movimento de uma origem (expressa pela oração nuclear *os ladrões preferem Passat*) para um objeto de finalidade (expressa pela oração final *para vender lá para fora*), esse movimento se realiza no mundo das intenções. Como, em (2-12a), a oração não desempenha uma função discursiva, mas sim uma função semântica, ela ocorre posposta à oração nuclear. Já no dado em (2-12b), a construção final também codifica o movimento de uma origem (expressa pela oração nuclear *precisou deixar Lili Carabina, sua gata, com a vizinha*) em direção a um objeto de finalidade (*para não se desconcentrar*), todavia, nessa ocorrência, além de marcar a finalidade, a oração final, ao retomar uma informação já disponível (*não me concentro*), desempenha o papel de *tópico discursivo*, o que faz com que essa oração ocorra em anteposição.

Com base no modelo da GDF, neste trabalho, partindo da hipótese que, no Nível Morfossintático, as orações finais podem ser codificadas nas camadas da Expressão Linguística ou da Oração, assume-se que as essas orações podem ocorrer nas posições: P^{Pré}; P^{Centro}; P^{Pós}; ou P^I; P^M; P^F¹⁴. O primeiro conjunto de posições (Pré, Centro; Pós) são ocupadas por constituintes extraoracionais, ou seja, Expressões Linguísticas, já o segundo (Inicial; Medial; Final), por constituintes oracionais, isto é, Orações (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), conforme mostra o esquema abaixo.

¹⁴ Apesar da proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008) considerarem quatro posições para constituintes oracionais (P^I; P²; P^M; P^F), neste trabalho, parte-se da proposta de Pezatti (2014) que, para os constituintes oracionais do português, prevê apenas três posições (P^I; P^M; P^F).

Figura 2-3. Padrões de ordenação na Expressão Linguística e na Oração

EXPRESSÃO LINGUÍSTICA:	P^{Pré}	P^{Centro}			P^{Pós}
ORAÇÃO:		P^I	P^M	P^F	

Fonte: Elaboração própria.

Esses padrões de ordenação são ilustrados pelas ocorrências a seguir.

(2-13) dói muito para nós, as senhoras

(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 168)

P^{Centro}	P^{Pós}
dói muito para nós	as senhoras

(2-14) açúcarinha, como é que se faz?

(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 168)

P^{Pré}	P^{Centro}
Açucarinha	como é que se faz?

As Expressões Linguísticas ocupam a posição **P^{Centro}** e **P^{Pós}** em (2-13) e **P^{Pré}** e **P^{Centro}** em (2-14), pois, como já mencionado, são constituintes extraoracionais. Já para os constituintes oracionais do português, Pezatti (2014) propõe três posições possíveis: **P^I**; **P^M**; **P^F**, e suas expansões à esquerda (**P^{n-x}**) ou à direita (**P^{n+x}**). A autora ainda destaca que o português é uma língua de predicado medial, ou seja, no processo de predição, a primeira posição a ser ocupada é a **P^M**, ocupada sempre pelo predicado, as outras posições são preenchidas apenas quando **P^M** já foi preenchida (cf. (2-15)).

(2-15) você não consegue arrancar um pé de capim, por mais fraquinho que seja

(PEZATTI, 2014, p. 122)

P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}	P^F
você	não	consegue arrancar	um pé de capim	por mais fraquinho que seja

Assim, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Pezatti (2014), neste trabalho, parte-se da hipótese de que as orações finais, quando codificadas como Expressões Linguísticas podem ocupar as posições **P^{Pré}** ou **P^{Pós}**, já quando são codificadas

por meio de Orações, podem ocupar as posições P^I ou P^F, bem como suas expansões à esquerda ou à direita.

Como mencionado anteriormente, esses parâmetros de análise foram pensados tendo em vista os objetivos do trabalho¹⁵. Assim, parâmetros como *entidade designada/evoca pela oração final*; *entidade designada/evocada pela oração nuclear*; *oração final na formulação*; *factualidade da oração final*; *relação e sequencia temporal das construções finais*; *tipo de referência temporal*; *camada da codificação das orações finais*; *posição da oração final na construção final* ajudam a entender o funcionamento funcional e formal das construções finais e a entender a natureza da relação de finalidade. Já os parâmetros *identidade de participantes*; *correferencialidade de sujeito*; e *formas de expressão do sujeito* ajudam a determinar o grau de vinculação entre os eventos da construção final e, conseqüentemente, o estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais.

Após a análise dos dados, as quatrocentas ocorrências de construções finais foram rodadas no programa *Goldvarrb X*, a fim de buscar um detalhamento do comportamento das construções e dos conectivos finais. Foram realizadas cinco rodadas no programa: uma rodada geral com os quatrocentos dados, em seguida, quatro rodadas com cem ocorrências selecionadas pelo conectivo que introduz a oração final. A rodada com todos os dados permite aferir quais propriedades gerais das construções finais, já as rodadas individuais permitem verificar as propriedades das construções finais a partir dos conectivos. Os resultados obtidos com a análise dos dados são apresentados na próxima seção.

¹⁵ Ver introdução desta dissertação.

SEÇÃO III – ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção se ocupa da análise dos dados e da interpretação dos resultados a que se pode chegar nesta pesquisa. Assim sendo, a seção é organizada em três subseções: a primeira subseção (3.1.) apresenta a tipologia das construções finais, bem como as questões que tratam da relação de finalidade como um todo; a segunda subseção (3.2.) discute o estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais, tendo em vista a natureza composicional e a analisabilidade dos conectivos e os graus de vinculação semântico-sintático das orações articuladas por esses conectivos; a última subseção (3.3.) propõe um modo de representar os resultados alcançados nas outras subseções em conformidade ao modelo gramatical da GDF.

3.1. Tipologia das orações finais

Nesta subseção, apresenta-se uma tipologia das orações finais com base no modelo da GDF. A proposta de tipologia aqui assumida se baseia em dois parâmetros (i) entidade designada/evocada pela oração final e (ii) o papel da oração final enquanto primitivo da formulação. Além desses dois parâmetros, analisou-se a (iii) entidade escopada pela oração final, que, em outros termos, significa avaliar a entidade designada/evocada pela oração nuclear e (iv) a factualidade da oração final. Vale destacar que, neste primeiro momento das análises, o foco recai sobre as construções finais, isto é, a natureza da relação de finalidade instaurada entre a oração nuclear e a oração final, e não sobre os conectivos aqui investigados.

Levando em consideração o cruzamento desses parâmetros, observa-se que a natureza da relação de finalidade sancionada pelas orações das construções finais pode se realizar em dois planos diferentes: (i) num plano semântico e (ii) num plano discursivo-pragmático. Nas construções finais de natureza semântica, a oração final expressa a finalidade de eventos ou proposições do mundo extralinguístico, enquanto nas construções finais de natureza discursivo-pragmática, as orações finais desempenham funções voltadas ao monitoramento da interação ou se configuram como meios pelos quais o falante alcança seus objetivos comunicativos. Esses dois campos de atuação das construções finais (semântica e pragmática) são propostos por diversos autores, como Thompson (1985), Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), Fontes (2015; 2016b); Neves (2018), entre outros.

Esses dois tipos de relações finais abrigam cinco tipos diferentes de orações finais: (i) *eventivas*; (ii) *epistêmicas*; (iii) *de motivação*; (iv) *de orientação* e (v) *modificadoras interpessoais*. Os parâmetros fundamentais para propor essa tipologia foram a entidade designada/evocada pela oração final e o papel da oração final na formulação, contudo, os parâmetros entidade designada/evocada pela oração nuclear e a factualidade da oração final dão pistas sobre o funcionamento da construção final como um todo. A Tabela (3-1) apresenta quantitativamente os cinco tipos de orações finais aqui detectadas.

Tabela 3-1. Tipologia das orações finais

Tipos de oração final	Subtipos	Total	
		n	%
Eventivas	Factuais (13 – 3,25%)	284	71
	Não-factuais (271 – 67,75%)		
Epistêmicas		77	19,25
Motivação		24	6
Orientação		13	3,25
Modificadoras interpessoais	Modificadoras de Ato Discursivo (1 – 0,25%)	2	0,5
	Modificadoras de Conteúdo Comunicado (1 – 0,25%)		
		400	100

Fonte: elaboração própria.

Conforme ilustrado na Tabela (3-1), as orações finais eventivas são as mais recorrentes dentre todos os tipos, apresentando 284 ocorrências (sendo 13 do subtipo eventivas factuais, e 271 das eventivas não-factuais), o que representa 71% de todos os dados. Em contrapartida, as orações finais modificadoras interpessoais são as menos frequentes, com apenas duas ocorrências (uma para cada subtipo: modificadora de Ato Discursivo e modificadora de Conteúdo Comunicado), o que corresponde a 0,5% das ocorrências. As orações finais epistêmicas, de motivação e de orientação apresentam, respectivamente, 77, 24 e 13 ocorrências, representando, nessa ordem, 19,25%, 6% e 3,25% dos dados.

3.1.1. Orações finais eventivas

As orações finais eventivas designam, no Nível Representacional, Estados-de-Coisas e funcionam como modificadores adverbiais, tomando como escopo a entidade designada pela oração nuclear, que pode ser um outro Estado-de-Coisa, um Episódio ou um Conteúdo Proposicional. Enquanto modificadores adverbiais, atribui-se à oração final eventiva a função semântica *finalidade*. Os dados em (3-1) ilustram casos em que ambas orações da construção final designam Estados-de-Coisas.

- (3-1) a Farei apenas algumas postagens pra terminar a série de contos (parte 1, parte 2), que eu havia começado, e por falta de tempo (te a bem corrido mesmo) eu não consegui dar seqüência. **Estou levantando dados para prosseguir com a série**, aguardem as próximas postagens!! (001pontodevista.zip.net)
- b Há um grande número de pessoas que acreditam que a o ver horas e minutos iguais as mesmas terão sorte, ou azar. Por isso, **estão sempre prestando atenção em os relógios a fim de visualizar horas e minutos iguais**. (007blog.net)

Nas duas ocorrências em (3-1), as construções finais são formadas por dois Estados-de-Coisas, um designado pela oração nuclear e outro designado pela oração final. Em (3-1a), o Estado-de-Coisas da oração final *para prosseguir com a série* expressa a finalidade que levou o sujeito da oração nuclear realizar o evento descrito pelo Estado-de-Coisas *estou levantando dados*. No dado em (3-1b), o sujeito do Estado-de-Coisa designado pela oração nuclear *sempre presta atenção nos relógios* tem em vista alcançar a meta descrita pelo Estado-de-Coisas designado pela oração final *a fim de visualizar horas e minutos iguais*, pois acredita que isso lhe dará sorte. Observa-se que em ambas ocorrências em (3-1) as orações finais indica a finalidade da oração nuclear, desempenhando, assim, uma função semântica, mais especificamente, a função *purpose*.

Enquanto modificadores adverbiais, as orações finais eventivas podem escopar uma oração nuclear que designa uma entidade diferente de um Estado-de-Coisas, como se observa nos dados em (3-2), em que a oração final modifica um Episódio (cf. (3-2a)) ou um Conteúdo Proposicional (cf. (3-2b)).

- (3-2) a **Para ser pesquisador capaz, ele precisa balancear a prática com a teoria, renovar- se sempre, desenvolver por escrito a inovação que ele formulou e mostrar a os colegas suas experiências, a o participar de eventos para expor sua descoberta**. (alb.com.br)
- b Com a aproximação de o parto, o feto pressiona o colo de o útero e o tampão pode se soltar "», conta o dr. Eduardo. O bebê continua protegido

por a bolsa d'água e ainda pode demorar 15 dias para nascer. Em a calcinha, o tampão aparece como um corrimento amarelado ou esverdeado. É normal que contenha um pouco de sangue. **Em todos esses casos é importante ligar para o seu médico a fim de que ele acompanhe todos os sinais.** (einstein.br)

Na construção final eventiva em (3-2a), a oração final *para ser pesquisador capaz* designa um evento que não mais modifica um único Estado-de-Coisa, mas sim uma série de eventos, que, na GDF, corresponde a um Episódio. Nota-se que *para ser pesquisador capaz* descreve uma meta, que, para ser alcançada, é necessário seguir uma série de passos (*balancear a prática com a teoria, renovar-se sempre, desenvolver por escrito a inovação...*). Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010) classifica esse tipo de construção final como *orações hipotática de finalidade delimitadora de resultado*. Segundo a autora, a sentido completo da oração final só pode ser apreendido se se considerar toda uma sequência de eventos que ela escopa.

Já em (3-2b), a oração final *a fim de que ele acompanhe todos os sinais* designa um Estado-de-Coisas que modifica um Conteúdo Proposicional, designado pela oração nuclear. Nessa ocorrência, o falante, na oração nuclear, expressa uma crença, a de que *é importante ligar para médico*, esse julgamento do falante toma como objeto de finalidade o evento descrito pela oração final *a fim de que ele acompanhe todos os sinais*.

Assim, como mostrados nos dados em (3-1) e em (3-2), as construções finais eventivas são formadas de uma oração final que designa, necessariamente, um Estado-de-Coisas (PÉREZ QUINTEIRO, 2002) e que pode modificar diferentes tipos de entidades semânticas designadas pela oração nuclear, como Estado-de-Coisas, Episódios e Conteúdos Proposicionais, como ilustrado na tabela (3-2).

Tabela 3-2. Tipo de entidade escopada pela oração final em construções finais eventivas

Tipo de entidade escopada	Total	
	n	%
Estado-de-Coisas	196	68.29
Episódios	38	13.24
Conteúdo Proposicional	53	18.47
Total	284	100

Fonte: Elaboração própria.

Os percentuais expostos na tabela acima revelam que as orações finais eventivas preferem escopar uma entidade da mesma ordem, isto é, outro Estado-de-Coisas (196 ocorrências). Em seguida, vem as orações finais eventivas cujo escopo recai sob uma

oração nuclear designa um Conteúdo Proposicional (53 das ocorrências). E, por fim, as construções finais eventivas com orações nucleares que designam Episódios (38 ocorrências).

As orações finais eventivas podem, ainda, ser avaliadas em termos de factualidade. Essas orações finais podem ser factuais se designarem um Estado-de-Coisas real, ou não-factuais se designar um Estado-de-Coisas irreal (HENGEVELD, 1998; PÉREZ QUINTEIRO, 1998; 2002). Hengeveld (1996) e Pérez Quinteiro (1998; 2006) defendem que as orações finais são, por natureza, não-factuais, uma vez que descrevem Estados-de-Coisas que, em relação à oração nuclear, são prospectivos, e que, dessa forma, não se realizaram. Contudo, os autores assumem a não-factualidade como característica categórica das orações finais a partir de dados do inglês e do espanhol. Neste trabalho, buscou-se verificar se as orações finais no português brasileiro apresentam o mesmo comportamento no que diz respeito à factualidade que as orações finais em outras línguas. Em (3-3), dispõem-se ocorrências de oração final eventiva factual (cf. 3-3a) e de oração final eventiva não-factual (3-3b).

- (3-3) a **Os jornais funcionam para promover emissoras**, a notícia foi banalizada. (001pontodevista.zip.net)
 b E enquanto assim for, **eu vou cuidar muito bem, para que assim elas sejam minhas**, mesmo que não sendo... (001pontodevista.zip.net)

Na ocorrência em (3-3a), o Estado-de-Coisa final *para promover emissoras* designa um evento real, portanto, factual, uma vez que o falante assume que esse evento é o motivo do evento *do funcionamento dos jornais*, designado pela oração nuclear. Já em (3-3b), o Estado-de-Coisas designado pela oração final *para que assim elas sejam minhas* descreve um evento irreal, isto é, não-factual, visto que a meta descrita por essa oração não foi ainda atingida tendo em vista o evento designado pela oração nuclear *eu vou cuidar muito bem*.

Dessa forma, pode-se dizer que, ao contrário das orações finais eventivas do inglês e do espanhol, as orações finais no português brasileiro podem designar um Estado-de-Coisas real ou irreal, como evidenciam as ocorrências em (3-3). Ao se observar a factualidade em termos frequenciais, nota-se (cf. tabela (3-3)) que as orações finais eventivas não-factuais (271 ocorrências das 284 desse tipo) são muito mais recorrentes em relação às orações finais eventivas factuais (13 ocorrências das 284). A alta frequência das orações finais eventivas não-factuais pode ser explicada pela natureza prospectiva da

relação de finalidade. Como afirmam diversos autores (MATEUS *et al*, 2003; TORREGO, 1989, dentre outros), as orações finais designam eventos que ocorrem posteriormente aos eventos designados pelas orações nucleares, o que, de certo modo, colabora que as orações finais instaurarem eventos irreais.

Tabela 3-3. Factualidade das construções finais eventivas

Factualidade das construções finais eventivas	Total	
	n	%
Factuais	13	4,57
Não-factuais	271	95,43
Total	284	100

Fonte: Elaboração própria.

É importante salientar que, em todas as ocorrências de construções finais eventivas factuais, a articulação entre a oração nuclear e a oração final foi realizada por meio do conectivo *para*, o que pode ser justificado pelo fato de que *para* é o conectivo final prototípico (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010; TORRENT, 2009; ANTONIO, 2010) e, assim, atua em contextos de usos mais amplos.

3.1.2. Orações finais epistêmicas

Orações finais epistêmicas designam Conteúdos Proposicionais que, numa relação núcleo-modificador, escopam Estados-de-Coisas ou Conteúdos Proposicionais, designados pela oração nuclear. Nesse caso, a oração final projeta, como finalidade do que se desenvolve na oração nuclear, uma entidade que faz referência às crenças, dúvidas e conhecimentos do falante. Nesse tipo de oração final, o Conteúdo Proposicional designado pela oração final desempenha uma função semântica (*purpose*) em relação à entidade designada pela oração nuclear. As ocorrências em (3-4) ilustram casos em que tanto a oração final quanto a oração nuclear designam um Conteúdo Proposicional.

- (3-4) a Setembro vou realizar o sonho de a minha vida que é conhecer Paris. Vou estudar alguns dias em Amsterdã, vai ser muito bom para o meu crescimento profissional, e depois farei uma extensão por a França e Itália. **Concebi um roteiro para conhecer Paris**, e achei que nada melhor do que estar em sintonia com a cidade de a luz. (001pontodevista.zip.net)
- b E para obter as armas de que necessita para vencer em essa luta -- as verdades de a Palavra -- **o homem deve estudar pacientemente a Palavra, a fim de alcançar a compreensão de seus ensinamentos.** (24.229.2.221)

Em (3-4a), a oração final *para conhecer Paris* descreve a finalidade do sujeito da oração nuclear *conceber um roteiro*. Nessa construção final, ambas as orações (nuclear e final) designam Conteúdos Proposicionais, isto é, constructos mentais próprios ao falante: na oração nuclear, o falante enuncia que *concebeu um roteiro*, no sentido de criar mentalmente uma lista de atividades, que tem como finalidade *conhecer Paris*, uma atividade mental. Já em (3-4b), a oração nuclear *o homem deve estudar pacientemente a Palavra* descreve o que o sujeito (o homem) precisa fazer para atingir a finalidade descrita na oração final *a fim de alcançar a compreensão de seus ensinamentos*. Nota-se que a oração nuclear corresponde a uma crença do falante, marcada, pelo modalizador deôntico *dever*, já a oração final descreve uma atividade mental do sujeito da nuclear (*alcançar a compreensão de seus ensinamentos*), que o falante acredita ser desejada pelo sujeito.

Enquanto modificador adverbial, as orações finais epistêmicas também podem escopar um Estado-de-Coisas, designado pela oração nuclear, como se observa nos dados abaixo em (3-5).

- (3-5) a Em uma livraria, em a sessão guias de viagens, todas as pessoas que procurassem um guia e **consultassem em o leitor de preços a fim de saber o valor** de o mesmo eram surpreendidas com ofertas de viagens relacionadas com o guia de viagem em questão. (watermelonmonkey.blogspot.com)
- b Pode- se, por consequência, ficar admirado de que estas leis universalmente conhecidas sobre a terra tenham sido promulgadas em meio de tantos milagres, de o alto de a montanha de o Sinai, por JEHOVAH Mesmo. "...
"... Mas escuta: **elas foram promulgadas em meio a tantos milagres a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas**, e que transgredir- las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus (24.229.2.221)

Na ocorrência em (3-5a), a oração final *a fim de saber o valor* designa um Conteúdo Proposicional, marcado pelo verbo *saber*, já a oração nuclear *consultassem no leitor de preços* designa um Estado-de-Coisas. No dado em (3-5b), a oração final *a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas* designa um Conteúdo Proposicional que expressa a finalidade do Estado-de-Coisas designado pela oração nuclear *elas foram promulgadas em meio a tantos milagres*.

Desse modo, como evidenciado pelas ocorrências em (3-4) e (3-5), as construções finais epistêmicas são formadas de uma oração final que designa um constructo mental do falante, isto é, um Conteúdo Proposicional, que desempenha a função semântica

finalidade em relação à entidade por ela escopada (designada pela oração nuclear), que pode ser um Conteúdo Proposicional ou um Estado-de-Coisas. A Tabela (3-4) demonstra quantitativamente as entidades escopadas pelas orações finais epistêmicas.

Tabela 3-4. Entidade escopada pela oração final em construções finais epistêmicas

Tipo de entidade escopada	Total	
	n	%
Estado-de-Coisas	21	27,27
Conteúdo Proposicional	56	72,73
Total	77	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se observa pela tabela em (3-4), as orações finais epistêmicas preferem escopar uma entidade da mesma ordem, isto é, um outro Conteúdo Proposicional. Além de entidade da mesma ordem, as orações finais epistêmicas podem escopar, em menor grau, um Estado-de-Coisas.

Assim como as orações finais eventivas, as orações finais epistêmicas podem ser avaliadas em termos de factualidade. De acordo com Hengeveld (1998) e Pérez Quinteiro (1998; 2002), Conteúdos Proposicionais são factuais à medida que designam um constructo mental avaliado como verdadeiro, ou não-factuais, ao passo que designam um constructo mental não-verdadeiro. Nas orações finais epistêmicas, o Conteúdo Proposicional designado é sempre não-verdadeiro, como ilustram os dados em (3-6).

- (3-6) a Perdoem a falta de classe com a qual abordo o assunto, mas diga-se de passagem, merda é merda e não vamos enrolar! Em outrora já escrevi sobre as Leis de Murphy, mas nem ele sabia que merda pouca era bobagem. **Tentei entender essa semana o contexto e o entorno em que eu estava inserido para saber o porque de tanta merda junta!** (001pontodevista.zip.net)
- b Se o procurador não tiver solicitado as medidas previstas em o presente artigo mas o juízo de instrução considerar que tais medidas são necessárias para preservar meios de prova que lhe pareçam essenciais para a defesa em o julgamento, **o juízo consultará o procurador a fim de saber se existem motivos poderosos para este não requerer as referidas medidas.** (gddc.pt)

Na oração final em (3-6a), o Conteúdo Proposicional *para saber o porquê de tanta merda* configura o objetivo de *tentar entender o contexto e o entorno em que eu estava inserido*. Esse Conteúdo Proposicional designado pela oração final não é verdadeiro, portanto, não-factual, uma vez que o evento de *saber o porquê de tanta merda* pode ou não ter ocorrido a partir do que foi enunciado pela oração nuclear. Em (3-6c), a oração

final *a fim de saber se existem motivos poderosos para este não requerer as referidas medidas* é o motivo pelo qual o *juiz consultará o procurador*. Nessa oração final, o Conteúdo Proposicional é entendido como não-factual, pois o fato de *o juiz consultar o procurador* não, necessariamente, implica na verdade de *saber se existem motivos poderosos para não requerer as medidas*. A natureza não-factual das construções finais epistêmicas se dá pelo caráter prospectivo da própria relação de finalidade. Nesse tipo de construção final, o Conteúdo Proposicional designado pela oração final se realiza posteriormente ao que foi enunciado pela oração nuclear, o que favorece a não-factuality.

3.1.3. Orações finais de motivação

Para além dos usos semânticos (como nas orações finais eventivas e epistêmicas), as orações finais podem desempenhar funções mais discursivas, voltadas ao gerenciamento da interação verbal. Conforme Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), em usos discursivos, o valor de finalidade licenciado pela oração final é projetado no próprio Ato de Fala, indicando o propósito pelo qual o falante enuncia um conteúdo. Esses tipos de uso correspondem ao que, neste trabalho, denominou-se orações finais de motivação, o que, na GDF, pode ser descrito no interior do Nível Interpessoal (cf. (3-7)).

Nesse tipo de construção final, entre a orações final e a nuclear, não mais se estabelece uma articulação semântica do tipo núcleo-modificador, mas sim uma relação de dependência entre dois Atos Discursivos, um Nuclear, evocado pela oração nuclear, e um Subsidiário, evocado pela oração final.

- (3-7) a A dor de cabeça de a ressaca normalmente é latejante, e piora com a tosse ou quando fazemos movimentos rápidos com a cabeça. * Antes de beber, ingira frutose (o açúcar: ar de as frutas); * **Faça uma inalação de oxigênio a 100 % a fim de ajudar a combater a ressaca**; (007blog.net)
- b Fica sempre a dúvida: essa guerra ali, essa guerra acolá, porque há guerras em todos os lugares, é realmente uma guerra por problemas ou é uma guerra comercial para vender essas armas em o comércio ilegal? ", reagiu o papa. Francisco pediu ainda que todos mantenham as orações por a paz. "« **Rezemos a fim de que, sobretudo em a Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação** "» (acritica.uol.com.br)

Na construção final em (3-7a), o falante dá instruções ao ouvinte de como amenizar os impactos causados pela ressaca. Nesse contexto, a oração nuclear *faça uma*

inalação de oxigênio a 100% evoca um Ato Discursivo Imperativo, que descreve uma instrução do falante ao ouvinte, já a oração final *a fim de ajudar a combater a ressaca* evoca um Ato Declarativa que justifica a instrução dada pelo falante no Ato anterior. Já em (3-7b), a oração nuclear *rezemos* evoca um Ato Discursivo de natureza exortativa, uma exortação direcionada pelo Papa Francisco aos seus fiéis, e a oração final *a fim de que, sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação* corresponde um Ato Discursivo Declarativo que justifica o motivo pelo qual o Papa ordena que os fiéis rezem.

Observa-se que, nas duas ocorrências em (3-7), além de apresentarem Ilocuções diferentes, os Atos Discursivos ali articulados apresentam estatuto comunicativo diferente. Enquanto o Ato Discursivo evocado pela oração nuclear carrega a informação central, que expressa a intenção comunicativa do falante, o Ato Discursivo evocado pela oração final carrega uma informação subsidiária, de natureza circunstancial, já que sustenta e auxilia o falante a atingir seus propósitos comunicativo.

Essa configuração dos dois Atos Discursivos dentro do Movimento corresponde a uma relação de dependência entre Atos, em que o Ato Subsidiário desempenha uma função retórica em relação ao outro. Fontes (2015; 2016b), ao analisar as construções finais à luz da GDF, defende que as orações finais como as em (3-7) devem ser tratadas no interior do Nível Interpessoal como um caso de função retórica *Finalidade*, uma vez que elas configuram uma estratégia comunicativa do falante em justificar o que comunicado pelo Ato Nuclear, como se observa no exemplo em (3-8), extraído por Fontes (2015) de Neves (2011, p. 889).

(3-8) Cuidemos ***para que o sol não vos queime a pele.***

(NEVES, 2011, p. 889)

No exemplo em (3-8), Fontes (2015) argumenta que o Ato Discursivo evocado pela oração final *para que o sol não vos queime a pele* apresenta a finalidade do Ato Discursivo *cuidemos* evocado pela oração nuclear. Nessa construção final, o Falante dirige uma ordem ao seu Ouvinte por meio do Ato Nuclear que tem como justificativa o Ato Subsidiário. Assim, os dois Atos Discursivos estão em uma relação de dependência, na qual é atribuída ao Ato Subsidiário, o evocado pela oração final, a função retórica *Finalidade* (FONTES, 2015; 2016b).

Em seu trabalho, Fontes (2015; 2016b) considera apenas os conectivos finais *para* e *para que*, por serem os conectivos finais prototípicos e que melhor representam a categoria. Contudo, como revelam os dados em (3-7), as orações finais encabeçadas pelos conectivos finais *a fim de* e *a fim de que* também são capazes de, no Nível Interpessoal, desempenhar uma função retórica. Outra problemática da proposta de Fontes (2015; 2016b) está no fato do autor propor uma nova função retórica (Finalidade), que não é prevista pelo modelo da GDF. Hengeveld e Mackenzie (2008), ao estabelecer as funções retóricas entre Atos, já apresentam uma função em que o Ato Subsidiário apresenta uma justificativa ao Ato Nuclear: a função retórica Motivação (cf. (3-9)).

(3-9) vai-te embora **que a minha mãe não, não me deixa conversar.**
(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 173)

No exemplo em (3-9), todo o período corresponde a um Movimento composto de dois Atos Discursivos numa relação de dependência. O Ato Discursivo *vai-te embora* corresponde a uma ordem/pedido do Falante a seu Ouvinte, já o Ato *que a minha mãe não, não me deixa conversar* apresenta a justificativa da ordem dado no Ato Discursivo anterior. Nesse direcionamento, o primeiro Ato apresenta a informação mais central e, portanto, corresponde ao Ato Nuclear, enquanto o segundo Ato apresenta a informação fundo, que sustenta o que foi enunciado antes e, dessa forma, é classificado como Ato Subsidiário. Essa mesma função detectada em (3-9) pode ser observada nas construções finais em (3-10).

(3-10) Para utilizar o Baby Liss, lembre- se de estar com os cabelos totalmente secos. **Aplique em apenas uma pequena mecha, para ter uma boa ondulação.** Quanto maior for a largura de o Baby liss, maiores serão os cachos. (007blog.net)

Em (3-10a), o Falante dá a seu Ouvinte instruções sobre o uso de um *baby liss*. É nesse contexto que o Falante faz uso da construção final: a oração nuclear *aplique em apenas uma pequena mecha* corresponde a sua ordem/sugestão ao Ouvinte, já na oração final *para ter uma boa ondulação* apresenta a justificativa da ordem dada. Assim, a construção final corresponde a um Movimento composto de dois Atos Discursivos, que apresentam forças ilocucionárias diferentes (o que corrobora a articulação de dois Atos distintos) e pesos comunicativos distintos (o que comprova que esses dois Atos estão numa relação de dependência). Enquanto o Ato Discursivo expresso pela oração nuclear

use sua intuição apresenta força ilocucionária Imperativa, o Ato Discursivo da oração final manifesta força ilocucionária Declarativa. Observa-se, ainda, que o Ato da oração nuclear carrega a informação mais central, sendo assim, o Ato Nuclear, já o Ato da oração final apenas apresenta uma justificativa ao que foi comunicado pelo Ato anterior, portanto, sendo classificado com Ato Subsidiário que desempenha uma função retórica, a de Motivação.

Assim, defende-se neste trabalho que as construções finais como as exemplificadas pelas ocorrências (3-7), (3-8) e (3-10) correspondem, no Nível Interpessoal, a um Movimento composto de dois Atos Discursivos numa relação de dependência, em que o Ato expressado pela oração nuclear é o Ato Nuclear e o Ato expressado pela oração final, o Subsidiário, que desempenha uma função retórica. Ao contrário de Fontes (2015; 2016b), defende-se, aqui, que a relação retórica estabelecida entre o Ato nuclear e o Ato subsidiário é a de Motivação, e não a de Finalidade, dado que o falante apresenta uma justificativa ao conteúdo anteriormente enunciado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

3.1.4. Orações finais de orientação

Além do uso como função retórica Motivação, as orações finais, dentro da construção final, podem desempenhar a função retórica Orientação, casos denominados, neste trabalho, como orações finais de orientação. Nesse uso, as construções finais são constituídas, no Nível Interpessoal, de dois Atos Discursivos, de tal forma que um, o Ato Subsidiário (oração final), desempenha uma função retórica, mais especificamente, a função Orientação, em relação a outro, o Ato Nuclear (oração nuclear), como se observa nos dados em (3-10).

- (3-10) a Existem atualmente vários modelos, que podem se adequar melhor a o eu tipo. Os preços vão depender muito de o que lhe é oferecido. Esse aparelho contém uma barra de metal que se esquentam, o que vai proporcionar os cachos. É necessário não deixar o cabelo muito exposto a temperatura, pois com o tempo o cabelo vai queimando, além de ficar mais fraco, tornando-se quebradiço. ***Para utilizar o Baby Liss, lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos.*** (007blog.net)
- b Um Naturalista-M Especulativo simplesmente não alega que os mecanismos explanatórios essenciais a a sua teoria -- que explicam por que os seres humanos pensam e agem de o modo como o fazem -- são sustentados por resultados científicos existentes. ***Para que fique claro, o***

que Nietzsche realmente faz é apelar para mecanismos psicológicos -- tais como o ódio inflamado característico de o ressentimento (cadernosnietzsche.unifesp.br)

Na construção final em (3-10a), o Ato Discursivo *para utilizar o Baby Liss* sinaliza ao ouvinte que o Ato Discursivo seguinte, *lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos*, é uma instrução do modo de utilização de um *baby liss*. Já em (3-10b), o Ato *para que fique claro*, evocado pela oração final, indica que o Ato Discursivo da oração nuclear *o que Nietzsche realmente faz é apelar para mecanismos psicológicos* é uma elucidação do assunto da interação.

Ambas ocorrências em (3-10) apresentam duas características centrais: os Atos articulados não compartilham a mesma força ilocucionária e manifestam estatutos comunicativos diferentes. Nessas ocorrências, as construções finais são Movimentos compostos de dois Atos Discursivos, em que o primeiro (o da oração final) contem uma Ilocução Declarativa, enquanto o segundo (o da oração nuclear), uma Ilocução Imperativa. Já em termos comunicativos, o Ato Discursivo enunciado na oração final apresenta uma informação que dá suporte à informação do Ato Discursivo expresso em seguida, o da oração nuclear. Dessa forma, pode-se afirmar que os Atos combinados nas construções finais em (3-10) estão numa relação de dependência, na qual o enunciado da oração nuclear evoca o Ato Nuclear e o da oração final, o Subsidiário, que desempenha uma função retórica. Nota-se que nessas ocorrências o Ato da oração final apresenta um referente que auxilia a compreensão do conteúdo do Ato da oração nuclear, que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), é um uso típico de e Atos que desempenham a função retórica Orientação (cf. (3-11)).

(3-11) **o testosterona...** ele inibe...né?

(PEZATTI; CAMACHO, 2017, p. 167)

No exemplo em (3-11), o Ato Discursivo *o testosterona*, dentro do Movimento, apresenta um referente ao Ouvinte, auxiliando na compreensão de quem o Falante se referente no Ato *ele inibe...né?*. Assim, o primeiro Ato corresponde a um Ato Subsidiário que desempenha a função retórica Orientação em relação ao Ato Nuclear. Essa propriedade de funcionar como ponto de referência para compreensão da informação subsequente é detectado nas orações finais como se observa em (3-12).

- (3-12) Cinco pastores se reuniram e escreveram um livro sobre o tema, A GRANDE BATALHA ESPIRITUAL. Considero esse o material mais bíblico que já li sobre a questão. O texto é disponibilizado gratuitamente, somente como livro eletrônico, e pode ser baixado em formato de PDF. O APENAS oferece esse e-book como presente a você. **Para fazer o download de o PDF basta clicar em a imagem de a capa de o livro, acima.** (apenas1.wordpress.com)

Em (3-12), o Falante discorre sobre um *e-book* que trata de uma temática religiosa. Na construção final, o Ato da oração final *para fazer o download do PDF* antecipa ao Ouvinte que o conteúdo do Ato *basta clicar na imagem da capa do livro, acima*, indicado que esse Ato é uma instrução de como adquirir o *e-book*. Nesse sentido, pode-se verificar que os dois Atos dentro do Movimento apresentam estatutos comunicativos diferentes. Enquanto o Ato Discursivo evocado pela oração final desempenha um papel comunicativo secundário, o Ato Discursivo evocado pela oração nuclear apresenta a informação mais importante, que contem o objetivo comunicativo do falante. Assim, esses dois Atos em (3-12) estão numa relação de dependência, em que o Ato Subsidiário (o evocado pela oração final) desempenha a função retórica Orientação em relação ao Ato Nuclear (o evocado pela oração nuclear).

É importante destacar que, na tipologia das orações finais de Fontes (2015; 2016b), o autor, mesmo considerando contextos em que a oração final desempenha uma função retórica, não prevê casos em que, ao Ato Discursivo enunciado pela oração final, é atribuída a função retórica Orientação.

3.1.5. Orações finais modificadoras interpessoais

Fora os usos como funções retóricas Motivação e Orientação, as orações finais, dentro das construções finais, podem, ainda, desempenhar uma terceira função, de natureza mais discursivo-pragmática, mais precisamente, a função de modificadoras interpessoais.

Keizer (2018; 2020), ao analisar orações condicionais insubordinadas com *if*, argumenta que esse tipo de construções adverbial, em certos contextos, desempenha o papel de um modificador interpessoal, mais precisamente, um modificador de Ato Discursivo ou de Ilocução. Neste trabalho, assume-se que, além de modificador de Ato Discursivo ou de Ilocução¹⁶, as orações finais podem ainda atuar como modificador de

¹⁶ Ver seção 1 desta dissertação.

Conteúdo Comunicado, sinalizando uma atitude subjetiva do falante sobre o que foi enunciado.

Ao analisar os quatrocentos dados que compõem a amostragem deste trabalho, encontraram-se apenas duas ocorrências de orações finais atuando como modificador interpessoal, uma de modificador de Ato Discursivo (cf. (3-13)) e uma de modificador de Conteúdo Comunicado (cf. (3-15)).

- (3-13) O objetivo de a Rede de Display do Google é fornecer conteúdo valioso e relevante para nossos usuários e anunciantes. Anteriormente, demos algumas dicas para criar sites de alta qualidade para o Google AdSense. **Para ampliar esse assunto, gostaria de compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e página mais adequados para a geração de receita.** (adsense-pt.blogspot.com)

Em (3-13), a oração final *para ampliar esse assunto* sinaliza que a informação subsequente é uma adição feita a partir de uma informação, anteriormente mencionada na interação. Nessa ocorrência, essa oração final evidencia que *compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e páginas* é uma ampliação de *demos algumas dicas para criar sites de alta qualidade para o Google AdSense*. De acordo com Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), essas orações funcionam como um *adendo*, oferecendo informações adicionais a algum assunto já tratado na interação, conforme se observa em (3-14).

- (3-14) E, quando eu saio, às vezes, só tem- só recebe coisa, não é? Que eu resolva, aí embola tudo. Aí confunde tudo e, aí, eu falo assim: Bem, então é melhor a gente não sair". Nem sai eu, nem sai ele para ir à praia. **Para ir a lugar nenhum, para fazer nada. Então a gente está esperando que as crianças cresçam mais, a gente ter a possibilidade de comprar um carro, não é?** (DIAS, 2001a; p. 85)

No exemplo em (3-14), Dias (2001a) argumenta que as orações finais *para ir a lugar nenhum, para fazer nada* funcionam como adendos, que reforçam as informações anteriormente mencionadas sobre as dificuldades de ir à praia, apresentando, na informação seguinte, uma conclusão de tudo que foi enunciado.

As orações finais em (3-13) e (3-14) marcam, assim, o estatuto do Ato Discursivo que escopam dentro do Movimento, sinalizando que esses Atos são uma expansão/adição ao que foi anteriormente enunciado. Esse tipo de funcionalidade é próprio aos modificadores de Atos Discursivos (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o que, então,

permite analisar as orações finais em (3-13) e (3-14) como modificadores interpessoais de Ato Discursivo. Além desse uso, a oração final pode funcionar como um modificador de Conteúdo Comunicado, como em (3-15).

- (3-15) Tenho preguiça de contar a história de a minha família (e isso é sempre fundamental) e o porquê de eu não dirigir. Mas não há outro jeito. **Só que o que dá mais preguiça -- para não dizer medo -- mesmo é o sexo.** (amelhordasintencoes.wordpress.com)

No dado em (3-15), a oração final *para não dizer medo* marca uma avaliação subjetiva do falante, atuando como um tipo de atenuação do falante sobre o que foi enunciado no Conteúdo Comunicado *só que dá mais preguiça mesmo é o sexo*. Nessa ocorrência, o falante sinaliza ao ouvinte que optou por usar um termo ao invés de outro, por julgar esse termo inapropriado no contexto da interação. Segundo Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), orações finais como em (3-15) operam como parênteses, dado que representam a voz do próprio locutor fazendo algum comentário sobre o conteúdo da interação, o que ocasiona uma quebra na continuidade tópica de seu enunciado (cf. (3-16)). Jubran (2015, p. 280) define elementos parentéticos como uma modalidade de inserção “definida como breves desvios de um tópico discursivo, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem”.

- (3-16) Setia como for, o efeito de contraste criado por essa complacência indiscriminada - **esse filistinismo, para usar um termo mais adequado – ao menos chama a atenção para um fato óbvio**, banal e desenhado: tão-somente por via de nossas de nossas reações particulares e concretas a certos momentos deste ou daquele filme, bem como por via do exame crítico e teórico desses encontros, é que poderemos desenvolver uma convicção genuína da dignidade do cinema enquanto objeto de estudo.

(DIAS, 2001a, p. 88)

Segundo Dias (2001a), a oração final *para usar um termo mais adequado* indica o grau de aproximação do locutor com o assunto tratado, assumindo que o significado do termo *filistinismo* pode não ser compartilhado com seu interlocutor, o que faz com que ele (o locutor) justifique o seu uso. Assim, nas ocorrências em (3-15) e (3-16), a oração final marca a atividade subjetiva do falante, sinalizando um desvio no contínuo tópico, que indica que o Falante julgou necessário usar um termo em detrimento de outro. Essa funcionalidade leva a classificar as orações finais em (3-15) e (3-16) como modificadoras de Conteúdo Comunicado, pois, conforme afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008),

sinalizam uma atitude subjetiva do próprio falante em relação ao Conteúdo Comunicado por ele escopado.

Vale destacar que, mesmo não sendo encontrada nenhuma ocorrência de oração final como modificadora de Ilocução nos dados deste trabalho, esses usos podem ser detectados em dados do português brasileiro, como demonstram Dias (2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), Fontes (2015; 2016b), Antonio (2011) e Neves (2018b). O exemplo em (3-17), extraído de Antonio (2011), permite visualizar tal funcionalidade.

(3-17) **pra ser sincera** acho que eu nunca pensei sobre isso.

(ANTONIO, 2011, p. 211)

Antonio (2011) classifica a oração final *pra ser sincero* em (3-17) como uma oração final de Ato de Fala, que apresenta força ilocucionária que modifica a asserção da oração nuclear *acho que eu nunca pensei sobre isso*. Observa-se que, mesmo desempenhando um papel mais voltado à interação, essa oração final não desempenha uma função semelhante às outras orações finais de natureza discursiva. Ao contrário das construções finais de motivação e orientação, que a oração final e a nuclear evocam Atos Discursivos em relação de dependência, em que o Ato enunciado pela oração final corresponde ao Ato Subsidiário, no qual se atribui uma função retórica (seja Motivação, seja Orientação), a ocorrência em (3-17) não é formada de dois Atos, uma vez que tanto a oração nuclear quanto a final se encontram sob a mesma força ilocucionária. Essa construção também não pode ser analisada como uma modificadora de Ato, visto que não marca o estatuto do Ato dentro de um Movimento. Muito menos configura a atitude subjetiva do falante, o que a impede de ser classificada como modificadora de Conteúdo Comunicado.

A oração final em (3-17) marca, na verdade, o desejo do falante em sinalizar que a declaração do Ato Discursivo da oração nuclear é feita de forma sincera. Assim, essas orações finais podem ser descritas como modificadoras de Ilocução, dado que afetam a força ilocucionária de um Ato Discursivo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Um fato que comprova que essas orações finais modificam a Ilocução de um Ato é a possibilidade de as parafrasear por advérbios ilocucionais (cf. (3-18)) (DIAS, 2001a; CASTILHO; CASTILHO, 1992).

(3-18) a **pra ser sincero** acho que nunca pensei sobre isso.

b *Sinceramente* acho que nunca pensei sobre isso.

Observa-se que em (3-18) que a oração final *pra ser sincero* e o advérbio *sinceramente* desempenham o mesmo papel comunicativo, o de sinalizar que a declaração *acho que nunca pensei sobre isso* é realizada de forma sincera/honesta. Dessa forma, orações finais como as de (3-17) podem ser classificadas, no Nível Interpessoal, como uma oração final modificadora de Ilocução.

Em linhas gerais, todas as construções finais acima definidas envolvem a combinação de duas orações, a nuclear e a adverbial final, em que a adverbial expressa a finalidade, num plano semântico ou discursivo-pragmático, do que foi enunciado da oração nuclear. Vale destacar, ainda, que essas construções finais apresentam algumas restrições no tipo de conectivo que articula uma oração a outra. A tabela (3-5) ilustra o quantitativo da correlação entre tipo de oração final e o conectivo que a introduz.

Tabela 3-5. Correlação entre o tipo de oração final e conectivo final

Oração final	<i>para</i>		<i>para que</i>		<i>a fim de</i>		<i>a fim de que</i>		total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Eventiva	70	24,64	72	25,36	87	36,64	55	19,36	284	100
Epistêmica	15	19,48	13	16,88	11	14,28	38	49,36	77	100
Motivação	9	32,19	10	35,71	2	7,1	7	25	28	100
Orientação	4	44,45	5	55,55	0	0	0	0	9	100
Mod. interpessoal	2	100	0	0	0	0	0	0	2	100
									400	100

Fonte: Elaboração própria.

A tabela em (3-5) apresenta os percentuais dos usos de conectivos finais pelo tipo da construção final. Nesse sentido, um primeiro resultado obtido pela tabela é o de que certos conectivos finais apresentam restrições de uso, não atuando em determinados contextos. Como se observa, apenas o conectivo *para* atua em todos os tipos de orações finais mapeados pela análise dos dados. Isso se dá pelo fato de que *para* é o conectivo final prototípico (cf. DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010; TORRENT, 2009) e também o mais gramaticalizado (como se mostra na subseção seguinte). Conforme afirma Bybee (2016), formas mais gramaticalizadas tendem a atuar em contextos mais amplos de usos linguísticos. Já o conectivo *para que* pode atuar em todos os contextos de orações finais, com exceção das construções modificadoras interpessoais. Esse fato pode ser

justificado pela proximidade de *para que* com o exemplar prototípico da categoria, o conectivo *para*, o que possibilita esse conectivo atuar em contextos mais variados de uso. Já os conectivos *a fim de* e *a fim de que* apresentam mais restrições no tocante ao contexto em que podem atuar. Ambos conectivos atuam somente nas construções finais eventivas, epistêmicas e de motivação. Segundo Oliveira (2008), conectivos lexicais, por carregarem alto conteúdo semântico, atuam em contextos mais reduzidos de uso, justamente por especificar a relação que eles licenciam.

Outro resultado ilustrado pela tabela (3-5)¹⁷ diz respeito à frequência de uso das orações finais. Nota-se que em termos de número de ocorrência, as orações finais que instauram uma relação de finalidade mais voltada para interação (de motivação, de orientação e modificadoras interpessoais), isto é, uma relação de finalidade discursivo-pragmática, ocorrem com menor frequência nos dados que compõem a amostragem deste trabalho. Já as orações finais de natureza semântica (eventivas e epistêmicas), mesmo representando menos tipos de construções finais, apresentam um número de ocorrência bem superior. A tabela (3-6) ilustra os percentuais de ocorrências de orações finais de natureza semântica e discursivo-pragmática.

Tabela 3-6. Frequência de uso de orações finais pela natureza da relação final

Natureza da construção final	Total	
	n	%
Construções finais semânticas	361	90,25
Construções finais discursivo-pragmáticas	39	9,75
Total	400	100

Fonte: Elaboração própria.

Como revela a tabela em (3-5), as orações finais cuja a relação de finalidade se instaura no plano semântico correspondem a quase todos os dados deste trabalho, abrigando 361 ocorrências (90,25% dos dados). Isso ocorre pelo fato desse tipo de relação final abrigar a oração final prototípica (a eventiva) e por ser a relação de finalidade não-

¹⁷ E também pela tabela (3-1), na página 88.

marcada (cf. DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010). As orações finais de natureza discursivo-pragmática apresentam um número significativamente menor em relação às de natureza semântica, com apenas 39 ocorrências (9,75% dos dados).

Essas distinções semântico e discursivo-pragmático dos tipos de oração final influenciam na forma com que as orações finais são codificadas no Nível Morfossintático. As orações finais eventivas e epistêmicas representam no Nível Representacional uma relação do tipo núcleo-modificador, o que faz com que essas orações sejam materializadas no Nível Morfossintático numa relação de subordinação. Os usos de orações finais de motivação e de orientação são formulados no Nível Interpessoal como uma articulação de dois Atos Discursivos numa relação de dependência. Essa configuração interpessoal dessas orações faz com que elas sejam representadas no Nível Morfossintático como um caso de cosubordinação. Por fim, os usos das orações finais modificadoras interpessoais são tratados no Nível Interpessoal, em que a oração final desempenha o papel de modificador de alguma camada desse nível. Já no Nível Morfossintático, essas orações são codificadas como um caso de insubordinação (KEIZER, 2018; 2020). Essas propriedades são discutidas na subseção 3.3. deste trabalho.

3.1.6. A natureza prospectiva das construções finais

Após se discutir os diferentes tipos de orações finais na subseção anterior, esta subseção se ocupa em discorrer sobre uma característica comum a todas as construções finais: a sua natureza prospectiva. Inicialmente, a proposta de analisar a sequência temporal das construções finais tinha como objetivo identificar o grau de gramaticalidade dos conectivos finais. No entanto, os resultados mostraram que independentemente do conectivo final ou do tipo de construção final, a relação temporal entre a oração nuclear e a oração final é sempre prospectiva, ou seja, o evento da oração final sempre ocorre posteriormente ao evento da oração nuclear. Isso ocorre, pois a prospecção é uma característica da própria relação de finalidade (TORREGO, 1989; MATEUS *et al*, 2003; NUEVA GRAMÁTICA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2003). Segundo afirmam Mateus *et al* (2003), a realização da finalidade só pode ocorrer em um cenário em que o evento designado pela oração final ocorra em um intervalo de tempo (*it*) posterior ao intervalo de tempo do evento da oração nuclear (*it + n*).

Para discorrer sobre a natureza prospectiva da relação de finalidade, esta subseção trata, precisamente, da correlação modo-temporal entre orações nuclear e final,

da relação temporal estabelecida entre as orações, e da dependência temporal da oração final em relação à nuclear. A análise, aqui, vai se organizar da seguinte forma: primeiro são analisadas as construções finais articuladas por meio de *para* e *a fim de*, uma vez que, por serem preposições, introduzem, necessariamente, uma oração reduzida de infinitivo, portanto, a correlação modo-temporal só será analisada na oração nuclear; em seguida, são analisadas as construções finais com *para que* e *a fim de que*, que, por serem conjunções, introduzem orações desenvolvidas a partir de verbos no subjuntivo, assim, a correlação modo-temporal é examinada nas duas orações da construção final.

Nas construções finais com *para*, identifica-se 10 tipos diferentes de correlações modo-temporais nas orações nucleares, já nas com *a fim de*, encontra-se 9 tipos de correlações modo-temporais, como é exposto nos dados em (3-19).

(3-19) **Presente do indicativo na nuclear + infinitivo na final**

a Olá Maurício Paz do Senhor, olha muito sensato de a sua parte, vou tomar como um exemplo a ser seguido, todos os seus post que recebo via email, **eu salvo em a minha pasta para imprimir** e vou imprimindo e lendo e quando posso venho aqui e comento algo, já aprendi muito com ti, tenha certeza vc é canal de bençãos para muitas vidas. (apenas1.wordpress.com)

b Como evitar a ressaca de o final de semana **Algumas medidas podem ser tomadas a fim de amenizar a ressaca de o final de semana**, veja informações dicas sobre o assunto em o post. (007blog.net)

Pretérito perfeito do indicativo na nuclear + infinitivo na final

c Não fizeram nada! Não somaram nada! Não são nada e o mundo pede: acabou, aqui não tem mais espaço! Enfim, estou voando mais, **precisei apanhar um pouco para crescer, tentar mudar**, e isso não é fácil, não significa que hoje sou a melhor pessoa de o mundo. (001pontodevista.zip.net)

d Todos nós temos uma tendência a nos sentirmos superiores a as outras pessoas, principalmente a as pessoas de quem discordamos. A tendência de nos sentirmos superiores a as outras pessoas é um de os nossos maiores inimigos. **A fim de ensinar esta lição a Jonas, o Senhor fez com que nascesse uma aboboreira**, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra por sua cabeça, a fim de o livrar de seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa de a aboboreira "». (24.229.2.221)

Pretérito imperf. do indicativo na nuclear + infinitivo na final

e Hoje, fazendo um balanço, vejo que não foram, pois mais me afastaram de Deus do que me aproximaram. Tirei muitas coisas positivas de elas, creio ter contribuído um pouco, mas chegou a hora de parar. Preciso respirar mais de o ar puro de a vida real e retornar a 1995, **quando os amigos marcavam um café para se encontrar**, nos telefonávamos, mandávamos cartões de Natal escritos a mão. (apenas1.wordpress.com)

f A imagem enorme de este "« porta-Cristo "» encontra-se em a parede de muitas igrejas de o Ocidente. A devoção popular achava que quem olhasse S.C.istóvão (em a sua imagem) estava resguardado de qualquer desgraça

- para esse dia. **Por isso era representado com enormes dimensões, a fim de poder ser visto a a distância.** (paroquiaovar.blogspot.com)
- Préterito mais que perf. ind. na nuclear + infinitivo na final**
- g Cada um de vocês está aqui para si mesmo, mas enquanto cresce e evolui, está ajudando a elevar a consciência de a humanidade. Vocês estão sustentando o movimento de a Terra, como o ser de luz que ela é, e estão contribuindo para os acontecimentos que afetam todo o seu sistema solar e mais além. Mas, **para fazer parte de esta transformação e contribuir com ela, vocês tiveram primeiro que encarnar em uma personalidade terrena**, com todo o peso de a tradição sobre seus ombros, para que lidassem com isso. (apos2012.blogspot.com)
- Préterito imperf. do subj. na nuclear + infinitivo na final**
- h Josué ignorou o pedido feito em maio. Em junho, quando a denúncia chegou a a Justiça, os mesmos parlamentares voltaram a pedir que **a ALE-AM abraisse procedimento investigatório interno para apurar as conclusões**, desta vez, não somente de o Ministério Público, mas também de perícia técnica de o Tribunal de Contas do Estado, que apontou superfaturamento de R\$ 5 milhões em a obra. (acritica.uol.com.br)
- i **Se pudéssemos tirar de nossa memória tudo o que sabemos de a Palavra a respeito de o Senhor Jesus Cristo, se pudéssemos esquecer todo doutrinal, toda instrução e todo ensinamento que recebemos em a Igreja, e fôssemos em seguida reexaminar a Palavra a fim de aprendermos sobre Ele, o que veríamos?** (24.229.2.221)
- Futuro do pret. do ind. na nuclear + infinitivo na final**
- j Uma discussão interessante de seu livro é o conceito de feminilidade, cuja linguagem não pertence nem a os homens nem a as mulheres. A feminilidade é inerente a quem? AL: Essa é uma pergunta difícil de responder de forma objetiva em poucas linhas. **Teríamos que adentrar em a teoria psicanalítica para responder- la**, são muitos detalhes. (2001video.empresarial.ws)
- k A federação Mineira de Futebol e os clubes em a sua maioria, dispõem de juristas de o mais alto gabarito e **que deveriam ser consultados a fim de evitar certos constrangimentos.** (blog.chicomaia.com.br)
- Futuro do pres. do indicativo na nuclear + infinitivo na oração final**
- l Os estudantes utilizaram a caixa de som que o professor havia deixado em sala de aula. A coordenadora de ensino de a escola, Carla Cristine, contou que não estava em a escola e reconheceu que houve falha em a fiscalização, pois a escola possui segurança particular e conta ainda com dois auxiliares em cada bloco. Carla Cristine garantiu que **haverá sindicância para apurar o fato e punir possíveis culpados.** -- O fato é isolado e não compromete o bom trabalho que temos desenvolvido em a escola -- afirmou. (altino.blogspot.com)
- m O fim é que, vendo os males, reconhecendo que estão em nós, e considerando- nos culpados por causa de eles, busquemos de o Senhor a vontade e a disposição espirituais para nos livrarmos de ele. Se fizermos isso e realmente lutarmos contra a infestação de esses males em nossa vontade, **o Senhor nos dará todo o poder que quisermos receber a fim de deixarmos o diabo e a suas obras**, e receber a vida espiritual. (24.229.2.221)
- Presente do Subjetivo na nuclear +infinitivo na final**

- n Assim passa a ser em minha vida agora. " Estou rodeada por a Luz de Deus. Estou envolta por o Amor de Deus. Estou protegida por o Poder de Deus. Onde eu estiver, Deus estará. Bom Deus, permita que minhas mãos sejam sempre mãos que curam, que através de elas **Sua Vida possa irradiar para diminuir a dor**, para renovar a paz e para curar sempre o que é necessário. (anjasmensagensdeluz.blogspot.com)
- o A Doutrina Celeste de a Nova Igreja faz um apelo constante a a nossa razão, a o nosso intelecto, **para que o usemos a fim de "« entrar intelectualmente em os mistérios de a fé "»**. (24.229.2.221)
Infinitivo na nuclear + infinitivo na final
- p A verdade é que me sinto desconfortável e sem me concentrar em o louvor, com demasiado ruído em minha volta (em a verdade não só em o culto, como em a vida secular, preciso de pouco ruído para **me concentrar para estudar**, ler, etc). (apenas1.wordpress.com)
- q Finalmente, com a festa de hoje, **a Igreja quer tributar a Jesus um preito de reparação, a fim de o desagravar de antas ofensas que Ele recebe continuamente em este divino Sacramento**. A Igreja vê que a maior parte de os homens recusa adora-Lo e reconhece-Lo por o que é em este adorável mistério. (adapostolica.org)
Imperativo afirmativo na nuclear + infinitivo na final
- r A dor de cabeça de a ressaca normalmente é latejante, e piora com a tosse ou quando fazemos movimentos rápidos com a cabeça. * Antes de beber, ingira frutose (o açúcar de as frutas); * **Faça uma inalação de oxigênio a 100 % a fim de ajudar a combater a ressaca**;
- s Bom, primeiro de tudo é importante lembrar que o hotel inaugura bem a tempo para a VnVNY2011. Abrindo parêntese: você já sabe de a que acontecerá aqui em NY em abril de o ano que vem, certo? Just in case, **dê um pulinho em a Majô para se inteirar de o assunto**. Fechando parêntese. (abrindoobico.com)

A partir das correlações modo-temporais expostas pelas ocorrências em (3-19), chega-se a três tipos diferentes de relações temporais entre a oração nuclear e a oração final. Nas construções finais em (3-19a-b), a oração nuclear descreve um evento que faz referência ao presente, enquanto a oração final descreve um evento com referência temporal futura. Assim, nessas construções finais, a relação temporal estabelecida entre as orações é *presente na nuclear + futuro na final*. Já em (3-19c-k), as construções finais são formadas de uma oração final que designa um evento que se realiza no passado, ao passo que a oração nuclear designa um evento futuro. Dessa forma, a relação temporal entre as orações da construção final é *passado na nuclear + futuro na final*. Por fim, nas ocorrências em (3-19l-s), a construção final é constituída de uma oração nuclear que faz referência ao tempo futuro e de uma oração final que também faz referência ao tempo futuro, entretanto, observa-se que o evento futuro descrito pela oração final se realiza posteriormente ao futuro da oração nuclear. Na ocorrência em (3-19p), por exemplo, o

Estado-de-Coisas designado pela oração final *para estudar* descreve uma ação que se realiza posteriormente à ação descrita pelo Estado-de-Coisas designado pela oração nuclear *me concentrar*. Desse modo, a relação temporal instaurada entre as orações das construções finais em (3-191-s) é *futuro na nuclear + futuro posterior na final*.

Todas as relações temporais das construções finais em (3-19) são de natureza prospectiva, uma vez que a oração final descreve um evento cuja realização se dá após a realização do evento da oração nuclear. No tocante à dependência temporal, as orações finais introduzidas por *para* e *a fim de* são temporalmente dependentes à oração nuclear, por serem sempre prospectiva e por encabeçarem orações reduzidas de infinito. Esses dois fatores indicam que a realização do evento final depende temporalmente da realização do evento da nuclear.

Já com as construções finais com *para que* foram detectadas 13 correlações modo-temporais diferentes, enquanto as com *a fim de que* foram encontradas 12 correlações modo-temporais. As construções finais com *para que* e *a fim de que* apresentam um número maior de correlações modo-temporais em relação a *para* e *a fim de* pelo fato da oração final com esses conectivos introduzem orações desenvolvidas.

(3-20) **Presente do ind. na nuclear + presente do subj. na final**

- a Assim, com a escolha correta de a maquiagem, você poderá usar qualquer cor de esmalte, desde os tons mais neutros até os tons mais vibrantes, o importante é você se sentir bem. Como escolher a roupa certa **A cor de a roupa deve combinar com a sua pele *para que exista harmonia e equilíbrio com os seus olhos, a cor de o seu cabelo e a maquiagem.*** (007blog.net)
- b Para o mesmo fim, nos deu Ele agora uma revelação final ou coroa de as revelações -- os Escritos da Nova Igreja. Podemos, assim, avaliar o quanto o Senhor nos ama. **Ele procura, por todos os modos, desviar nossas vidas de o mal, a fim de que, depois de a morte, caminemos para o lado de o abismo em que está Abraão.** Mas, em face de o livre-arbítrio com que nos dotou, o Senhor não pode conseguir levar- nos para o Céu, a não ser que cooperemos com Ele, isto é, que façamos a nossa parte. (24.229.2.221)

Presente do ind. na nuclear + pretérito imp. do subj. na final

- c Então, o senhor D.=Tarcísio=Bertone apresenta- lhe dois envelopes: um exterior que tinha dentro outro com a carta onde estava a terceira parte de o `segredo' de Fátima. Tocando esta segunda com os dedos, logo exclamou: `É a minha carta', e depois de a ler acrescentou: `É a minha letra'. " **O Vaticano, *para que não houvesse dúvida alguma sobre a autenticidade de sua interpretação e de o documento publicado, chega a dar até a cor de o envelope em que foi guardado o segredo,*** em a ocasião em que ele foi entregue a João Paulo II. (fimdostempos.net)

Presente do ind. na nuclear + futuro do subj. na final

- d A aranha respira em o centro de as próprias teias. A abelha pode viajar intensivamente, mas não descansa a não ser em os compartimentos de a própria colméia. Assim também o homem vive em o seio de as criações mentais a que dá origem. Nossos pensamentos são paredes em que nos enclausuramos ou asas com que progredimos em a ascese. Como pensas, viverás. Nossa vida íntima -- nosso lugar. ***A fim de que não perturbemos as leis de o Universo, a Natureza somente nos concede as bênçãos de a vida, de conformidade com as nossas concepções.*** (temporecord.wordpress.com)

Gerúndio na nuclear + presente do subj. na final

- e Saco gestacional: Outro sangramento pode acontecer devido o saco gestacional, que é onde o bebê se desenvolve até o dia de nascer, esse saco pode se deslocar ocorrendo um sangramento, em o caso deve- se procurar um médico com frequência, ***fazendo também repouso para que ele se fixe novamente,*** evitando mais complicações. (007blog.net)

Gerúndio na nuclear + pretérito do imp. subj. na final

- f Tais tentações foram causadas por o mal hereditário que o homem externo de o Senhor recebera de Maria, ***sendo por isso indispensável que o Senhor passasse por essas tentações e assim por a humilhação a fim de que fosse possível a plena expulsão de aqueles males herdados,*** e para que então o Senhor glorificasse o Seu Humano, fazendo- o Divino. (24.229.2.221)

Pretérito perf. do ind. na nuclear + presente do subj. na final

- g Telexfree diz que devolução de dinheiro a divulgadores é inviável A Ympactus Comercial Ltda-Telexfree não está disposta a ressarcir seus divulgadores. ***O Ministério Público Estadual (MPE / AC) ingressou com uma ação civil pública para que a empresa devolva o dinheiro investido por pessoas que pagaram para entrar em o sistema.*** Em um ano, a Telexfree atraiu mais de 40 mil pessoas em o Estado. (oaltoacre.com)

- h Jesus Cristo não se encaixava com essa imagem que eles criaram de o Messias; mas eles acreditaram que aquela era a imagem correta e se orgulhavam de seus conhecimento e inteligência superiores. Por isso, quando o Senhor disse: "***Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêm vejam, e os que vêm sejam cegos.***" (24.229.2.221)

Pretérito perf. do ind. na nuclear + pretérito imp. do subj. na final

- i Minha situação é o seguinte. O meu marido era socio de uma empresa ele vendeu a parte de ele para a outra pessoa, so que essa pessoa so estar dificultando as coisa para ele. ***O socio pegou o email que o meu marido usava de a empresa para trabalho e para outros fins, e o bloqueio para que ele não usasse mais*** sem mesmo avisas- lo do que iria fazer, o meu marido não teve direito nem de tirar os contato pessoais de ele. (007blog.net)

- j Pode- se, por consequência, ficar admirado de que estas leis universalmente conhecidas sobre a terra tenham sido promulgadas em meio de tantos milagres, de o alto de a montanha de o Sinai, por JEHOVAH Mesmo. "... "... Mas escuta: ***elas foram promulgadas em meio a tantos milagres a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas,*** e que

transgredir- las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus (24.229.2.221)

Pretérito imp. do ind. na nuclear + pretérito imp. do subj. na final

k A chuva sólida foi criada por o engenheiro químico mexicano Sergio Jesus Rico Velasco e pode ser a melhor alternativa para salvar as plantas e suas culturas de as secas intensas de os campos áridos. A seca é um de os piores problemas que acarreta o México, e Velasco percebeu que o polímero a a base de potássio poderia ser usado para resolver essa questão. **A ideia inicial de Velasco, no entanto, era encontrar um material absorvente para ser utilizado em fraldas para que se pudesse absorver muito líquido em um espaço pequeno.** (102fmmatal.com.br).

l Ao mesmo tempo as fraquezas de a má hereditariedade humana iam sendo gradativamente expulsas e o Humano ia sendo feito gradativamente Divino. Assim ia se fazendo uma união cada vez mais plena entre o Humano e o Divino. **Mas a fim de que a união fosse possível, o Senhor mesmo se humilhava e se esvaziava de Si mesmo quanto a o meramente humano**, com está amplamente mostrado em o sentido de a letra de a Palavra, quando Ele disse em João (24.229.2.221)

Futuro do pret. do ind. na nuclear + presente o subj. na final

m Se estes recursos humanos e materiais fossem postos em uso, não sealaria mais de escassez ou pobreza. Os níveis de vida poderiam subir substancialmente; a jornada de trabalho seria reduzida a meras horas; **a base material poderia ser organizada para que todos possam participar plenamente em o funcionamento democrático de a sociedade.** As inspiradoras lutas em a Grécia, Espanha e Portugal mostram a disposição de lutar por uma alternativa. (marxismo.org.br)

Futuro do pret. do ind. na nuclear + pretérito imp. do subj. na final

n O horizonte anuncia com o seu vitral, que eu trocaria a eternidade por essa noite "» (mas, se ele pudesse fazer voltar o tempo, ao invés de ficar apenas lembrando e resgatando lembranças, como quem, vê um filme desenhado em a sua mente "« os vitrais "», **ele faria o impossível para que essa pessoa não o deixasse)** (analisedelettas.com.br)

Futuro do pres. do ind. na nuclear + presente do subj. na final

o O caso está sendo apurado como tentativa de homicídio por a polícia de Araçatuba. Sobre a participação de o ex-marido, Cury acha que ele não é suspeito. "« O ex-marido não deve ser suspeito porque senão, a vítima não pediria ajuda para ele "», disse. De acordo com o delegado, a mulher deve ser ouvida ainda em esta segunda-feira. "« Ela passou por momento psicológico muito intenso, vamos dar um tempo para ela se recuperar e depois ouvir- la, **mas vamos tentar para que isso seja feito ainda hoje.** (180graus.com)

p **Nenhum grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio a a Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de o nosso objetivo primordial.**? A experiência provou que não podíamos sancionar qualquer empreendimento, por melhor que fosse (aabr.com.br)

Presente do subj. na nuclear + presente do subj. na final

q Durante o inverno estamos mais susceptíveis a gripes e resfriados e a outros problemas, por isso é importante nos mantermos atentos. É

necessário mantermos uma alimentação balanceada, **a qual nos proporcione nutrientes para que possamos repor nossas energias e nos proteja de doenças comuns de o inverno**, como gripes e resfriados. (007blog.net)

- r Peça-mos a o Senhor que nos dê a todos a graça e o grau de iluminação necessários para que **possamos conhecer e progredir em conhecer as Suas Leis, a fim de que melhor possamos aplicar- las em nossas vidas.** (24.229.2.221)

Infinitivo na nuclear + presente do subj. na final

- s Em o ato de o credenciamento para o evento, os participantes devem entregar um quilo de alimento não perecível. Para Patrícia Leal, o fórum tem vários objetivos, **a exemplo de conscientizar os participantes para que não tolerem nenhuma forma de agressão a os direitos de a mulher.** (180graus.com)

- t E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza de as revelações, foi-me posto um espinho em a carne, mensageiro de Satanás, **para me esbofetear, a fim de que não me exalte.** (admarcelinovieira.blogspot.com)

Infinitivo na nuclear + pretérito imp. do subj. na final

- u Tinha dois meios de dar- lhe&lhes o: ou introduzir- lhe&lhes o em o dedo, francamente, com a declaração de que era uma lembrança minha que deixara, ou **depositar- lo em o seu toucador para que, quando eu já estivesse fora, aquela lembrança a surpreendesse.** -- É romanesco, disse a viúva. (literaturabrasileira.ufsc.br)

- v Porque os que de antes conheceram também os predestinou para **serem conformes a a imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o PRIMOGÊNITO entre muitos IRMÃOS.** (adonayechad.forumeiros.com)

Imperativo na nuclear + presente do subj. na final

- w As mulheres são as que mais têm dúvidas em a hora de fazer a mala de viagem, onde em a maioria de as vezes acabam optando por levar um monte de roupas, de as quais usam somente algumas de elas. **Para que você não fique carregando peso à toa, opte por levar roupas mais básicas e que combinam com várias outras peças.**

- x Salvador, hóstia geográfica de o país, perdoa os que não sabem o que fazem, a o destruírem seu patrimônio histórico, suas belezas naturais, sua história. Mas, a o mesmo instante, **clame a os céus por justiça, a fim de que sejam punidos os que a agridem,** dia a dia, de todas as formas, como, por exemplo, a o brutalizarem as relações humanas, a o agredirem o seu meio ambiente, a o esquecerem- se de oferecer a a sua população a mobilidade urbana que ela necessita, os serviços a o nível de uma metrópole porta de entrada de o turismo de o Nordeste.

Futuro do subj. na nuclear + presente do subj. na final

- y Então, urge corresponder a a Tua escolha. E ela tem sido para que sigamos por o mundo e realizemos bons frutos, "« de modo que o nosso fruto permaneça "». Que revelação importante! Enaltecedora para os fiéis, **os que se conservarem de esse modo -- "« a fim de que tudo quanto pedirdes a o Pai em meu nome (Jesus), Ele vos conceda "».** (eshoje.jor.br)

As construções finais em (3-20a-f) envolvem a articulação de duas orações em que o evento da oração nuclear faz referência ao presente, enquanto o evento da oração final faz ao futuro. Tem-se, aí, uma relação temporal do tipo *presente na nuclear + futuro na final*. Em (3-20g-l), a oração nuclear designa um Estado-de-Coisa que faz referência ao passado, ao passo que o Estado-de-Coisas da oração final com referência temporal futura. Desse modo, a relação temporal instaurada nessas ocorrências é *passado na nuclear + futuro na final*. Por fim, nas construções finais em (3-20m-y), a oração nuclear designa um evento no futuro e a oração final designa um evento também no futuro, todavia, a realização do evento da oração final se dá em um futuro posterior ao evento da oração nuclear. Assim, a relação temporal entre a oração nuclear e a oração final é *futuro na nuclear + futuro posterior na final*.

Em todas ocorrências em (3-20), as construções finais apresentam sequências temporais prospectivas, dado que a oração final sempre se realiza num intervalo de tempo posterior ao da oração nuclear. Pela natureza prospectiva da relação de finalidade, as orações finais introduzidas pelas conjunções *para que* e *a fim de que* são sempre temporalmente dependentes, uma vez que, para a realização dessas orações, a oração nuclear deve, necessariamente, fazer referência a um evento anterior ao da oração final.

Assim, como se observa em (3-19) e (3-20), independentemente do formato da oração final (reduzida ou desenvolvida) e da correlação modo-temporal entre a oração nuclear e a oração final, a relação de finalidade sempre instaura uma relação temporal prospectiva e com dependência temporal. A tabela (3-7) apresenta detalhadamente os resultados obtidos ao se verificar a relação temporal, sequência temporal e dependência temporal das construções finais por conectivo.

Tabela 3-7. Tipos de relação temporal, sequência temporal, dependência temporal das construções finais

Conectivo	Relação temporal	Sequência temporal	Dependência temporal
<i>para</i>	Presente + Futuro (73-73%)	Sequência Temporal Prospectiva (100-100%)	Relação Temporal Dependente (100-100%)
	Passado + Futuro (20-20%)		
	Futuro + Futuro posterior (7-7%)		
<i>para que</i>	Presente + Futuro (63-63%)	Sequência Temporal Prospectiva (100-100%)	Relação Temporal Dependente (100-100%)
	Passado + Futuro (21-21%)		
	Futuro + Futuro posterior (16-16%)		
<i>a fim de</i>	Presente + Futuro (58-58%)	Sequência Temporal Prospectiva (100-100%)	Relação Temporal Dependente (100-100%)
	Passado + Futuro (29-29%)		
	Futuro + Futuro posterior (13-13%)		
<i>a fim de que</i>	Presente + Futuro (62-62%)	Sequência Temporal Prospectiva (100-100%)	Relação Temporal Dependente (100-100%)
	Passado + Futuro (21-21%)		
	Futuro + Futuro posterior (17-17%)		

Fonte: Elaboração própria.

Como se observa pela tabela (3-7), independentemente do conectivo que articula as orações em uma construção final, as orações finais sempre apresentam sequências temporais prospectivas e referência temporal dependente. Assim, pode-se afirmar que os traços *sequência temporal prospectiva* e *referência temporal dependente* são características categóricas das orações finais, ou seja, são naturais da própria relação de finalidade.

3.2. Estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais

Esta subseção descreve o estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. Para tanto, serão discutidos os seguintes pontos: (i) a constituição desses conectivos em termos de analisabilidade e de composicionalidade, com base em Bybee (2016); e (ii) o grau de vinculação semântico-sintática entre as orações articuladas por meio desses conectivos.

3.2.1. Composicionalidade e analisabilidade dos conectivos finais

Nesta subseção, avalia-se o grau de composicionalidade e de analisabilidade dos conectivos finais *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. Entende-se, por composicionalidade, o “grau em que o elo entre forma e significado é transparente” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 53), em outras palavras, a composicionalidade pode ser entendida pelo grau em que o conteúdo semântico de uma construção pode ser recuperado pelos aspectos formais dessa construção (BYBEE, 2016). Já, por analisabilidade, entende-se “o grau em que os falantes reconhecem, e tratam distintamente, essas partes componentes” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 55), em outros termos, a analisabilidade diz respeito ao grau em que o falante reconhece as fronteiras morfossintática entre os elementos que formam uma construção.

Fontes e Teixeira (*no prelo*) e Fontes (em elaboração), ao analisarem conjunções concessivas, também correlacionam o grau de gramaticalidade/lexicalidade de um conectivo com sua composicionalidade e sua analisabilidade. De acordo com os autores, conectivos gramaticais tendem a ser menos composicionais e menos analisáveis, dado que o valor circunstancial sancionado por esses conectivos não é resultado da soma das partes que os compõem. Os conectivos lexicais, por outro lado, tendem a ser mais composicionais e mais analisáveis, uma vez que o valor circunstancial que licenciam é resultado da soma de suas partes. Dessa forma, pode-se afirmar que quanto mais composicional e mais analisável um conectivo complexo for, maior seu estatuto lexical.

Nesse sentido, Brinton e Traugott (2005) afirmam que a perda de composicionalidade e de analisabilidade dos elementos linguísticos pode indicar que esse elemento está sofrendo um processo de mudança, mais especificamente de gramaticalização. As autoras definem a gramaticalização como

mudança por meio da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Com o tempo o item gramatical resultante pode vir a tornar-se mais gramatical, adquirindo novas funções gramaticais e expandindo sua classe de hospedeiros. (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 99)¹⁸

¹⁸ No original: the change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical item may become more grammatical by acquiring more grammatical functions and expanding its host-classes.

Frente a tais considerações, os conectivos finais aqui estudados são analisados em termos de sua complexidade formal e semântica, com o intuito de verificar se o valor de finalidade instaurado por eles é sancionado por algum componente desse conectivo e, assim, precisar seu estatuto categorial.

Inicia-se essa discussão pelo conectivo final prototípico, a preposição *para*. Conforme apontam diversos trabalhos (TORRENT, 2009; ILARI *et al*, 2015; GONÇALVES; WIEDEMER, 2017), *para* é um elemento simples que, no português, apresenta um comportamento multifuncional, sendo capaz de estabelecer diferentes funções semânticas, como se ilustra nos exemplos em (3-21).

- (3-21) a Ele mora *para* São Paulo.¹⁹
 b Fiz uma viagem daqui *pra* Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana.
 c Você vê esse crescimento de uns anos *pra cá*.
 d O pavimento em si é um pavimento mais espesso *pra* aguentar um tráfego mais pesado.

(ILARI *et al*, 2015, p. 254-256)

Em (3-21a), a preposição *para* estabelece uma relação de espaço físico e estático entre *ele mora* e *São Paulo*, marcando que o referente *ele* vive em *São Paulo*. No exemplo em (3-21b), *para* ainda marca uma relação de espaço físico, contudo, nesse caso, está em jogo uma relação de deslocamento no espaço de um ponto A (local de origem do falante) em direção a um ponto B (*Camaçari*). Essa noção de descolamento presente em (3-21b) se mantém em (3-21c), entretanto o descolamento não se realiza no mundo físico, mas sim de um tempo passado (*de uns anos*) para momento da interação (*cá*). Por fim, em (3-21d), a noção de descolamento ainda se mantém, no entanto, esse descolamento não se realiza nem no espaço, nem no tempo. Na verdade, nesse exemplo, *para* marca o descolamento de uma origem em direção a um objeto de finalidade (DIAS; 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), marcando uma relação de finalidade.

Os exemplos em (3-21) mostram que há uma abstratização dos usos de *para* no português, que vai de *espaço físico estático* > *deslocamento no espaço físico* > *deslocamento no tempo* > *descolamento de uma origem em direção a um objeto de finalidade* (ILARI *et al*, 2015; GONÇALVES; WIEDEMER, 2017). Essa trajetória de mudança pode ser considerada um caso de gramaticalização, que segue o *cline* de mudança

¹⁹ Nesse uso, muitas vezes, *para* pode vir acompanhado pelo elemento dêitico *lá* (ele mora *lá para* São Paulo).

proposto por Heine *et al* (1991), em que o item, em gramaticalização, obedece ao percurso de mudança *espaço* > (*tempo*) > *texto*. No caso de *para*, quando ele marca espaço físico (3-21a) ou deslocamento no espaço (3-21b), ele pertence ao domínio do espaço, quando marca deslocamento no tempo (3-21c), ao domínio do tempo, e, por fim, quando marca o movimento de uma origem em direção a um objeto de finalidade (3-21d), ao domínio do texto, atuando na conexão de orações.

É possível verificar que a noção de finalidade que *para* expressa não é prevista pela sua forma, mas sim é resultado de uma constante abstratização de seu uso, que, de contextos mais concretos, passa a atuar em contextos mais abstratos e, então, mais gramaticais. Desse modo, pode-se afirmar que a preposição *para* está em um processo de gramaticalização avançado e, assim, é um conectivo altamente gramatical.

Assim, é possível afirmar que *para* não é uma forma totalmente composicional no português. O valor de finalidade pareado a *para* é resultado da abstratização da noção de deslocamento no espaço, reinterpretada como descolamento no mundo das intenções. Percebe-se, também, que, em maior ou menor medida, os diferentes usos de *para* preservam a noção de meta. Dessa forma, *para* conectivo final conserva alguns traços semânticos de sua fonte (*para* espacial), embora muito abstratizados. No que diz respeito a sua composição estrutural, por ser uma forma simples, essa preposição não pode ser analisada em termos de sua analisabilidade.

A conjunção complexa *para que*, por sua vez, é formada pela combinação da preposição *para* e do complementizador *que*. Embora seja um conectivo complexo, o valor de finalidade expresso por *para que* é advindo apenas de um dos seus membros, o *para* (que, como já discutido anteriormente, é resultado de um processo avançado de gramaticalização). Dessa forma, o conectivo *para que* é uma forma não totalmente não-composicional, uma vez que a noção de finalidade é prevista por uma de suas partes. No que diz respeito à analisabilidade, nota-se que o conectivo *para que* não é mais recuperado pelo falante com uma forma complexa constituída da junção de *para* + *que*, mas sim interpretada como um único elemento, embora complexo. Nesse sentido, *para que*, enquanto conectivo complexo, pode ser considerado uma forma fixa no português.

O conectivo *a fim de*, por sua vez, é uma forma complexa formada a partir da junção da preposição *a*, do nome *fim* e da preposição *de*. Ao contrário dos conectivos *para* e *para que*, cuja relação de finalidade é resultado de um percurso de abstratização, a locução prepositiva *a fim de* possui o significado de finalidade já prevista pelo núcleo do conectivo, a palavra lexical *fim*, que somada aos outros elementos, atua com conectivo

final. Desse modo, o uso de *a fim de*, enquanto conectivo final, é resultado da combinação de *a + fim + de*, o que permite afirmar que esse conectivo é composicional. Já em termos de analisabilidade, é possível recuperar facilmente as fronteiras morfossintáticas de *a fim de*, principalmente, entre o núcleo do conectivo com os outros elementos.

Assim como *a fim de*, a locução conjuntiva *a fim de que* é um conectivo complexo, formado a partir da preposição *a*, do nome *fim*, da preposição *de* e do complementizador *que*, e possui o valor final previsto pelo núcleo do conectivo, a palavra lexical *fim*. O uso dessa construção como conectivo final que introduz uma oração desenvolvida é formado pela soma dos elementos que a compõe (*a + fim + de + que*), portanto, a locução conjuntiva *a fim de que* é composicional, uma vez que seu significado é recuperado pelas suas, e analisável, uma vez que é possível identificar as fronteiras morfossintáticas entre os conectivos.

Outro ponto que influi na determinação do grau de composicionalidade dos conectivos sob estudo diz respeito ao tipo de relação final por eles articulado. Defende-se, neste trabalho, que, enquanto *para* e *para que* sancionam uma relação final em termos do esquema *origem>trajetória>meta* (cf. DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), os conectivos *a fim de* e *a fim de que* marcam uma relação final em termos de volitividade, aproximando finalidade à volição (MATEUS *et al*, 2003; CRISTOFARO, 2003; CABRILLANA, 2009), o que, de certa maneira, correlaciona ao núcleo base de sua formação, o substantivo *fim*.

Hengeveld (2004) relaciona a modalidade volitiva a algo que é desejável por um sujeito. De acordo com o autor, a volição pode ser orientada para o participante, quando descreve um objeto de desejo de um participante (*Pedro quer ganhar o prêmio*), para o evento, quando descreve um evento desejável ou indesejável (*é desejável que todos venham hoje*), ou para proposição, quando descreve um falante que é fonte do desejo (*desejo que chova amanhã*). Nesse direcionamento, as construções finais com *a fim de* e *a fim de que* se associam à noção de volição à medida que descrevem um Estado-de-Coisas, um Conteúdo Proposicional ou um Ato Discursivo (designado/evocado pela oração nuclear) cujo objetivo/meta/propósito visa atingir algo desejável por um sujeito (designado/evocado na oração final). As ocorrências em (3-22) ilustram como os conectivos finais instauram diferentes tipos de finalidade.

- (3-22) a Ganhei a confiança de muitos de eles e sou ternamente grato. Setembro vou realizar o sonho de a minha vida que é conhecer Paris. Vou estudar

- alguns dias em Amsterdã, vai ser muito bom para o meu crescimento profissional, e depois farei uma extensão por a França e Itália. **Concebi um roteiro para conhecer Paris**, e achei que nada melhor do que estar em sintonia com a cidade de a luz. (001pontodevista.zip.net)
- b Aumento em o número de trabalhadores temporários Lembrando que o contrato de trabalho temporário deve ser feito individualmente entre a empresa e o trabalhador deixando de forma bem clara os direitos que são decorrentes de o trabalhador onde normalmente tem o prazo de três meses podendo ser prorrogado somente uma única vez. Contudo se você ainda tem alguma dúvida com relação a o trabalho temporário, **procure um profissional competente para que possa lhe esclarecer outras questões**. (007blog.net)
- c Em tempo de fortes críticas a a corrupção em a política brasileira, o longa revela um escândalo envolvendo enriquecimento ilícito e especulação imobiliária Sinopse: Atual prefeito de Nova York, Nick Hostetler disputa a reeleição e desconfia que sua esposa tem um amante. **A fim de evitar um escândalo, contrata um detetive particular**, Billy Taggart, para investigar- la. (2001video.empresarial.ws)
- d Pensemos em a força e em o poder que este ensinamento tem quando realmente cremos em ele. Este ensinamento pode nos dar paz. **O Senhor nos dá muitas verdades a fim de que nEle tenhamos paz**. Foi esta a razão por a qual Ele veio a o mundo. (24.229.2.221)

Em (3-22a), observa-se que a construção final é formada a partir do deslocamento do falante de um espaço A (seu local de origem) em direção a um espaço B (Paris), então, pode-se dizer que o movimento do falante no mundo das intenções se projeta no mundo real, codificando o esquema *origem>trajetória>meta*. Essa mesma noção de deslocamento é observada em (3-22b), em que a oração nuclear *procure um médico* indica um deslocamento no mundo das intenções. As duas construções finais em (3-22a-b) são articuladas, respectivamente, pelos conectivos *para* e *para que*, justamente, por esses conectivos emergirem na língua a partir de um esquema de deslocamento no espaço. Assim, o valor final de *para* e *para que* é sancionado pelo “movimento de uma origem para uma meta, objeto da finalidade, no mundo das intenções” (DIAS, 2001a; p. 25), representado pelo esquema *origem>trajetória>meta*.

Já em (3-22c), a construção final não se constrói a partir do esquema *origem>trajetória>meta*, uma vez que não é possível observar o deslocamento de uma origem em direção a um objeto de finalidade. A oração final *a fim de evitar um escândalo* licencia muito mais uma noção de volição que de deslocamento, já que ela codifica o desejo (*evitar um escândalo*) de um sujeito (o atual prefeito de Nova York) ao tomar determinada ação (*contratar um detetive particular*) expressa na oração nuclear. A mesma noção de volição é observada na construção final em (3-22d), a oração final *a fim*

de que nele tenhamos paz representa o desejo do sujeito (o Senhor) ao *nos dar muitas verdades*. Nota-se que, quando a construção final é formada a partir de um esquema de volição, a oração nuclear e a final são articuladas por meio dos conectivos *a fim de* e *a fim de que*, que, possivelmente, emergem na língua pela forma volitiva *a fim de*, como em *eu estou a fim de comer um bolo*.

Essas diferenças entre os conectivos finais quanto a sua composicionalidade e analisabilidade implica diferenciá-los também quanto a seu estatuto léxico-gramatical (FONTES; TEIXEIRA, *no prelo*; FONTES, *em elaboração*). Os conectivos *para* e *para que* são formas não composicionais e não analisáveis, dessa forma, de acordo com as propostas de Fontes e Teixeira (*no prelo*) e Fontes (*em elaboração*), esses conectivos são formas altamente gramaticalizadas. Já o fato de o valor final expresso pelos conectivos finais *a fim de* e *a fim de que* estar muito próximo ao valor da sua possível origem (a forma de volição *a fim de*) corrobora seu alto grau de composicionalidade e analisabilidade, o que é evidência de seu alto grau de lexicalidade.

3.2.2. Graus de vinculação semântico-sintática das orações articuladas pelos conectivos finais

Nesta subseção, discutem-se os graus de integração entre as orações das construções finais por conectivo. Para tanto, são analisados os seguintes traços: (i) a identidade de participantes entre as orações nuclear e final; (ii) a correferencialidade de sujeitos; (iii) a forma de expressão do sujeito na construção final. Parte-se da hipótese de que quanto mais vinculados semântico-sintaticamente são duas orações, maior o grau de gramaticalidade dos conectivos que as articulam.

No que diz respeito à identidade de participantes, os dados revelam que há diferenças entre as orações articuladas por meio de *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*, conformem demonstram os percentuais apresentados na tabela (3-8), ilustrados com os dados em (3-23).

Tabela 3-8. Identidade de participantes em construções finais

Conectivo	Sem identidade		Com identidade		Total	
	n	%	n	%	n	%
<i>para</i>	0	0	100	100	100	100
<i>para que</i>	48	48	52	52	100	100
<i>a fim de</i>	0	0	100	100	100	100
<i>a fim de que</i>	41	41	59	59	100	100
Total	89	22,25	311	77,75	400	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se observa pela tabela (3-8), as construções finais cuja articulação é expressa por meio de uma preposição, seja *para*, seja *a fim de*, manifestam, em todas as ocorrências, identidade de participantes, o que reflete no formato da oração final (sempre reduzidas de infinitivo). Já quando a articulação é realizada por meio de uma conjunção, *para que* ou *a fim de que*, as construções finais podem apresentar identidade de participantes ou não. No caso das construções finais com *para que*, das 100 ocorrências, 52 (52%) são com identidade de participantes, ao passo que as outras 48 ocorrências (48%) não apresentam identidade de participantes entre a oração nuclear e a oração final. Nas ocorrências de construções finais com *a fim de que*, 59 dos dados (59%) são de orações que apresentam identidade de participantes, ao passo que 41 dados (41%) não manifestam identidade de participantes.

- (3-23) a Além disso, ficar trancada dentro de a sala com o psiquiatra eu e meu marido, porque o profissional, achou melhor, e disse- nos milhares de faltas éticas, e não houve a consulta. O profissional, disse que não me daria as receitas, pois não houve consulta. **A coordenadora minha psicóloga tentou falar com ele para assinar minha receita**, mas foi em vão. (007blog.net)
- b As named tuples têm a mesma eficiência de as tuplas, já que a semântica de os dados (os nomes dos campos) não estão em cada instância, como ocorre com os dicionários. **Você pode herdar de uma named tuple para criar métodos que agem sobre os dados de alguma maneira**. (aprenda-python.blogspot.com)
- c Geralmente, essas frases são exibidas em novelas, programas de televisão, jornal, filmes, etc., as quais acabam se tornando extremamente populares. Elas são faladas de forma engraçada ou trazem um significado muito importante para a vida toda. **Muitos internautas navegam por a internet em busca de citações famosas para colocarem em o subnick de o Windows Live Messenger, em o perfil de o Facebook ou Orkut ou em páginas de outras redes sociais**. Quem é que nunca ouviu a frase (007blog.net)
- d Geralmente, a segunda opção é mais difícil, mas se realmente existe o amor ele irá superar tudo e vocês conseguirão seguir em frente com a relação. Esteja ciente de que deverá assumir a traição, não tente ficar

- escondendo o que aconteceu, isso apenas piora as coisas. O mais importante é que **você não volte a cometer o mesmo erro para que o relacionamento possa seguir em frente**. Caso contrário, mesmo que seja difícil o término de o relacionamento, ele é necessário para que ambos não sofram ainda mais. (007blog.net)
- e Porém, existem pessoas que são um pouco sem noção e inconvenientes, podendo comentar coisas que lhe deixem constrangido ou até mesmo publicar coisas em seu mural fazendo com que assim você se sinta envergonhado. Para resolver essa situação **você poderia bloquear esta pessoa, para que assim ela não tenha acesso a o seu Facebook**. (007blog.net)
- f Os sintomas iniciais de a gravidez podem variar de mulher para mulher, pois eles agem de forma diferente em cada organismo. Em alguns casos, a futura mamãe não apresenta sinais significativos e mal percebe que está gestante. Isso acontece, pois **o corpo vai se modificando aos poucos, para que ele possa adaptar a instalação e desenvolvimento de o feto**. Abaixo, você pode conferir alguns de os primeiros sintomas de a gravidez. (007blog.net)
- g O horóscopo nada mais é do que uma espécie de diagrama, em a qual as posições de os planetas e de os signos zodiacais então em determinadas posições que definem como pode ser o caráter de a pessoa. **Estes estudos de caráter e perfil são realizados por astrólogos a fim de estudar o perfil, caráter e possíveis fatos importantes em a vida de cada pessoa** (007blog.net)
- h Como evitar a ressaca de o final de semana **Algumas medidas podem ser tomadas a fim de amenizar a ressaca de o final de semana**, veja informações dicas sobre o assunto em o post. (007blog.net)
- i O que significa ver as horas e os minutos iguais Há um grande número de pessoas que acreditam que a o ver horas e minutos iguais as mesmas terão sorte, ou azar. Por isso, **estão sempre prestando atenção em os relógios a fim de visualizar horas e minutos iguais**. (007blog.net)
- j Ao mesmo tempo as fraquezas de a má hereditariedade humana iam sendo gradativamente expulsas e o Humano ia sendo feito gradativamente Divino. Assim ia se fazendo uma união cada vez mais plena entre o Humano e o Divino. **Mas a fim de que a união fosse possível, o Senhor mesmo se humilhava e se esvaziava de Si mesmo quanto a o meramente humano**, com está amplamente mostrado em o sentido de a letra de a Palavra (24.229.2.221)
- k O Senhor nos ensina, em as Doutrinas Celestes da Nova Igreja, que essas dificuldades vêm para que, por elas, **possamos conhecer e reconhecer nossos males a fim de que estes sejam em seguida removidos**. (24.229.2.221)
- l A palavra servir, em hebraico, é abad, e significa trabalhar, atuar, dando ideia que os pais devam se esforçar para repassar para os filhos os valores divinos. **O próprio Abraão foi escolhido por o Senhor "« a fim de que ele ordene a seus filhos e a sua casa depois de ele, para que guardem o caminho de o Senhor** (adpb.com.br)

Em (3-23a), o participante *ele*, objeto da oração nuclear, é recuperado, semanticamente, na oração final, desempenhando o papel de sujeito (*para (ele) assinar minha receita*). Já em (3-23b), o participante sujeito da oração nuclear *você* é retomado na oração final como sujeito (*para (você) criar métodos que agem sobre os dados de alguma maneira*). Por fim, na construção final em (3-23c), a oração nuclear e a oração final compartilham o mesmo participante sujeito *muitos internautas*. Na ocorrência (3-23d), nenhum participante da oração nuclear é retomado na oração final, dessa forma, nessa construção final, não há identidade de participantes. Na construção final em (3-23e), tanto o sujeito (*você*) quanto o objeto (*esta pessoa*) da oração nuclear são recuperados na oração final na forma dos pronomes *ela* e *seu*, contudo, nessa ocorrência, objeto da nuclear é sujeito da final e o sujeito da final é objeto da nuclear. Já em (3-23f), o participante sujeito da oração nuclear *o corpo* é retomado na oração final, também na posição de sujeito, pelo pronome *ele*.

No dado (3-23g), a oração nuclear e a oração final compartilham o participante *astrólogos*, que, na oração nuclear, desempenham a função de objeto e, na final, a função de sujeito. Em (3-23h), o sujeito da oração nuclear *algumas medidas* é retomado na oração final também como sujeito. Por fim, em (3-23i), tanto a oração nuclear quanto a oração final compartilham o mesmo sujeito, *pessoas que acreditam que ver horas e minutos iguais terão sorte ou azar*, expresso fora da construção final. Em (3-23j), a oração nuclear e a oração final não compartilham nenhum dos seus participantes, dessa forma, não há identidade de participantes. Já em (3-23k), a oração nuclear compartilha seu objeto *ossos males* com a oração final, que é retomado na posição de sujeito pelo pronome *estes*. No dado (3-23l), o participante sujeito da oração nuclear *o próprio Abraão* é recuperado na oração final pelo pronome *ele*, que ocupa a posição de sujeito da adverbial.

Os percentuais expostos na tabela (3-8) e ilustrados nas ocorrências em (3-23) revelam que as construções finais apresentam um grau de vinculação semântico-sintática diferente a depender do conectivo final. As construções finais com *para* e *a fim de* são as que manifestam um maior grau de integração, uma vez que, em todos os dados, a oração nuclear e a final compartilham algum dos seus participantes. Já as construções finais com *a fim de que* tendem a ser mais vinculadas que as com *para que*, visto que estas apresentam um percentual de identidade de participantes menor que àquelas.

As construções finais podem ainda ser analisadas em termos de correferencialidade de sujeitos, verificando se a oração nuclear e a final compartilham o mesmo sujeito ou não, como se observa pela tabela em (3-9).

Tabela 3-9. Correferencialidade de sujeitos das construções finais

Conectivo	Sujeitos correferenciais		Sujeitos não-correferenciais		Total	
	n	%	N	%	n	%
<i>para</i>	84	84	16	16	100	100
<i>para que</i>	18	18	82	82	100	100
<i>a fim de</i>	84	84	16	16	100	100
<i>a fim de que</i>	15	15	85	85	100	100
Total	201	50,25	199	49,75	400	100

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados obtidos na tabela (3-9), pode-se afirmar que as construções finais, ao se comparar a correferencialidade de sujeitos por conectivos, apresentam graus de integração distintos. As construções com *para* e *a fim de* apresentam um alto número de ocorrências em que há a correferencialidade. Em ambos os casos, 84 (84%) ocorrências são formadas por sujeitos correferenciais e 16 (16%) não correferencial. Já com as construções finais com *para que* e *a fim de que* o cenário é totalmente diferente. Na articulação de orações por meio de *para que*, apenas 18 ocorrências (18%) manifestam a correferencialidade de sujeito, enquanto 82 ocorrências (82%) são de sujeitos não-correferenciais. Já com as construções finais com *a fim de que* 15 ocorrências (15%) são de sujeitos correferenciais, ao passo que 85 ocorrências (85%) são de sujeitos não-correferenciais.

Observa-se, com base nesses percentuais, que as construções finais com *para* e *a fim de* apresentam um alto grau de integração entre os eventos. As construções finais com *para que*, mesmo apresentando uma baixa porcentagem de correferencialidade, fica logo atrás de *para* e *a fim de*, no que diz respeito ao grau de vinculação, com *para que* 18 (18%) ocorrências com correferencialidade de sujeitos e 82 (82%) com não-correferencialidade. Por fim, as construções finais *a fim de que* são as que apresentam o menor grau de vinculação com base na correferencialidade de sujeitos, com apenas 15 ocorrências (15%) com sujeitos correferenciais e 85 (85%) com sujeitos não-correferenciais.

Os resultados discutidos nas tabelas (3-8) e (3-9) podem, ainda, ser especificados se se examinar a correferencialidade de sujeitos apenas nas ocorrências em que há identidade de participantes entre a oração nuclear e a oração final. Esse resultado é ilustrado pela tabela (3-10).

Tabela 3-10. Correferencialidade de sujeitos em ocorrências com identidade de sujeitos

Conectivo	Ident. + corref. de suj.		Ident. + não-corref. de suj.		Total	
	n	%	N	%	N	%
<i>para</i>	84	84	16	10	100	100
<i>para que</i>	18	34,61	34	65,39	52	100
<i>a fim de</i>	84	84	16	16	100	100
<i>a fim de que</i>	15	25,42	44	74,58	59	100
Total	201	64,63	110	35,67	311	100

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a tabela (3-10), nota-se que não há diferenças dos percentuais com as construções finais com *para* e *a fim de*, a maior distinção fica a cargo das construções finais com *para que* e *a fim de que*, que tem seu número de ocorrências reduzido ao se examinar a identidade de participantes com a correferencialidade de sujeitos. Quando se observa apenas a correferencialidade de sujeitos em construções finais com *para que* com identidade de participantes, verifica-se que somente 34,61% dos dados (18 ocorrências de 52) apresentam sujeitos correferenciais, enquanto 65,39% dos dados (34 ocorrências de 38) não manifestam sujeitos correferenciais. Já nas construções finais com *a fim de que*, ao se recortar apenas os dados com identidade de participantes, nota-se que 25,42% das ocorrências (15 dados de 59) são de sujeitos correferenciais, e 74,58% dos dados (44 das 59 ocorrências) são de sujeitos não-correferenciais. Esse resultado corrobora a hipótese de que as orações articuladas por meio de *para que* são mais vinculadas semântico-sintaticamente que as orações articuladas por meio de *a fim de que*.

Outro modo de precisar o grau de vinculação semântico-sintático de construções finais é observar como o argumento sujeito é formalmente expresso na construção final. Conforme propõem Lehmann (1988) e Sousa (2007), construções complexas com alto grau de integração entre as orações tendem a apresentar o argumento sujeito morfossintaticamente expresso apenas na oração matriz, ao passo que construções com um grau de vinculação menor apresentam sujeito expresso fora dos domínios da construção ou, ainda, na oração subordinada. No que diz respeito à forma de expressão do sujeito, considerou-se as seguintes possibilidades: a) sujeito expresso formalmente na oração nuclear (pronome, sintagma nominal ou oração); b) sujeito expresso formalmente na oração final (pronome, sintagma nominal ou oração); c) sujeito expresso formalmente fora da construção final (pronome, sintagma nominal ou oração).

Conforme mostram os dados em (3-24), nas construções finais com *para*, o argumento sujeito não se manifesta formalmente na oração final, somente, na oração nuclear na forma de um sintagma nominal ou de um pronome, ou fora dos domínios da construção final.

- (3-24) a provas maçantes, entrega de trabalhos gigantescos, problemas de percurso, stress agudo, 4 noites sem dormir e mais problemas fuscálísticos (prov. de Fusca) acordar 9h30 de a manhã quando seu expediente se inicia as 8h. Deu pra sentir? Não! Não deu meesmo!! Enfim, hoje, apesar de ter acordado um pouquinho atrasado me sinto novo, é ultimo dia de provas e **o pessoal de a facu já combinou o "« beber cair e levantar "» para comemorar as tão esperadas Férias!** Cheguei a pensar que essa semana eu seria o primeiro Ser Humano que fosse presenciar um caso de vaca voadora, em que ela pousasse sobre minha cabeça e depositasse seus restos fecais! Ainda não me ocorreu! (001pontodevista.zip.net)
- b Olá Maurício Paz do Senhor, olha muito sensato de a sua parte, vou tomar como um exemplo a ser seguido, todos os seus post que recebo via email, **eu salvo em a minha pasta para imprimir** e vou imprimindo e lendo e quando posso venho aqui e comento algo, já aprendi muito com ti, tenha certeza vc é canal de bençãos para muitas vidas. (apenas1.wordpress.com)
- c Lá comento de tudo um pouco, de as tragédias a as comédias de o câncer entre outras coisas... bjs para ti e teu pai, Marilisa Oi Milena, gostei de descobrir teu blog. **Eu** tenho um maldito câncer que **estou fazendo de tudo para vencer.** Por enquanto estou somente com a medicina, mas vou apelar para o "« Santo Aveloz "». (adeuscancer.blogspot.com)

Em (3-24a), o sujeito da construção final é expresso uma única vez na oração nuclear, por meio do sintagma nominal *o pessoal da facu*. Já em (3-24b), o argumento sujeito recebe codificação apenas na oração nuclear na forma do pronome *eu*. Por fim, em (3-24c), o sujeito também é formalmente expresso pelo pronome *eu*, contudo, nessa ocorrência, o sujeito é codificado fora dos domínios da construção final, mais especificamente, na oração que antecede a construção final, *eu tenho um maldito câncer*.

As construções finais com *para que* podem apresentar sujeito formalmente expresso na oração nuclear, na oração final ou ainda fora da construção final, como se observa nos dados em (3-25).

- (3-25) a Aliás, isso é o que basta. Então, não preciso chamar algo de meu, uma vez, que nada me pertence, nem eu a mim mesmo. E o tempo é capaz de dar nomes a a todas as coisas, enquanto a mim, me encarrego de ter essas coisas, enquanto elas quiserem ser minhas. E enquanto assim for, **eu vou cuidar muito bem, para que assim elas sejam minhas,** mesmo que não sendo... (001pontodevista.zip.net)

- b A escolha de as músicas é algo extremamente importante, isso porque as músicas encantam o ambiente e motivam os convidados a dançarem. A escolha de as canções a serem tocadas em o dia de a festa é algo que deve ser decidido com muita antecedência. Para começar, você deve ter em mente a banda que irá tocar em o dia, **essa banda tem que estar com as músicas ensaiadas, para que em a hora não haja deslizes.** (007blog.net)
- c Estações Trocando as Estações "« Tu te tornas eternamente responsável por o que cativas "» Eu gosto de o Outono, não mais de o que o verão, mas aprendi a esperar e a ter paciência. **Eu não vou conseguir mudar o ciclo para que o verão volte antes de outras estações.** Já ouvi "« Não misture as estações "» e essa é a mais pura realidade. Já vivi um Outono perfeito, porque então me apegar a o verão? Quem sabe esse Outono não pode ser perfeito também? São apenas hipóteses, não quero reviver nenhuma estação, eu quero apenas tornar cada nova estação um pouco mais especial do que aquela que já passei. A paciência é uma virtude. Eu já estive errado em muitas coisas, mas tenho certeza plena (001pontodevista.zip.net)
- d Me lembro de ter sido um cara muito preocupado com a opinião pública, a imagem, quem eu sou para a sociedade, tenho que manter a boa conduta. Os olhos de a sociedade são caçadores vampiros esperando você entrar em um beco e rir de a sua cara dizendo que ali não tem saída. Depois de rir, **eles** vão sugar de você aquilo que é bom, **e te jogar em praça pública para que te apedrejem por não ser um exemplo de boa conduta.** (001pontodevista.zip.net)

Em (3-25a), tanto a oração nuclear quanto a oração final manifestam sujeitos expressos na forma de pronomes, *eu* na oração nuclear e *elas* na final. Na construção final em (3-25b), o sujeito só recebe codificação formal na oração nuclear, por meio do sintagma nominal *essa banda*. Nessa ocorrência, como o sujeito é correferencial, não há necessidade de expressá-lo na oração final. No dado em (3-25c), o sujeito é formalmente expresso na oração nuclear, por meio do pronome *eu*, e na oração final, por meio do sintagma nominal *o verão*. Por fim, em (3-25c), o sujeito não é expresso nem na oração nuclear nem pela oração final, mas sim fora da construção final, pelo pronome *eles* em *eles vão sugar de você aquilo que é bom*.

Em construções finais com *a fim de*, o sujeito pode ser expresso na oração nuclear, na forma de um pronome ou de um sintagma nominal, ou fora dos domínios da construção final. As ocorrências em (3-26) ilustram as formas de expressão de sujeitos nas construções finais com *a fim de*.

- (3-26) a Em Mama, Lucas (Nikolaj Coster-Waldau, de Game of Thrones) sequestra as duas filhas, Victoria e Lilly, logo após matar a esposa em um acesso de loucura. **Ele leva as meninas para uma cabana afastada em a floresta, a fim de matar- las também.** (2001video.empresarial.ws)

- b Como em seus outros trabalhos, o diretor expõe as dificuldades de a nova geração para se adaptar a as expectativas e anseios de os pais, colocando em risco a própria identidade. Em O Primeiro que Disse, **dois irmãos precisam vencer o dilema de seguir com suas vidas, revelando sua homossexualidade, ou esconder- la a fim de administrar os negócios de a família conservadora.** (2001 video.empresarial.ws)
- c Como o divórcio era proibido, o monarca solicitou a o Vaticano a anulação de seu casamento, só que o pedido foi negado. Teve início então uma ruptura sem precedentes entre parte de a monarquia inglesa e a Igreja Católica. Considerado um de os melhores intérpretes de Henrique, Richard Burton confere brutalidade e ao mesmo tempo um carisma sedutor a o **personagem** que, ***a fim de se casar novamente "« aos olhos de Deus "», foi capaz até mesmo de criar uma nova igreja*** -- a Igreja Anglicana -- para oficializar a união. (2001 video.empresarial.ws)

Na ocorrência em (3-26a), o sujeito da construção final, por ser correferencial, é codificado apenas uma vez, na oração nuclear, por meio do pronome *ele*. No dado (3-26b), o argumento sujeito da construção final é expresso na oração nuclear por meio do sintagma nominal *dois irmãos*. Já em (3-26c), o sujeito não é expresso na oração nuclear nem na oração final, mas sim fora da construção final, pelo sintagma nominal *personagem*.

Por fim, nas construções finais com *a fim de que*, o sujeito pode receber codificação formal na oração nuclear, na oração final ou, ainda, na fora dos domínios da construção final, como se nota nas ocorrências em (3-27).

- (3-27) a Ao findar cada uma de elas, o Senhor providenciava nova revelação, para que o homem pudesse escolher, sempre, o lado de o abismo em que está Abraão. Para o mesmo fim, nos deu Ele agora uma revelação final ou coroa de as revelações -- os Escritos da Nova Igreja. Podemos, assim, avaliar o quanto o Senhor nos ama. **Ele procura, por todos os modos, desviar nossas vidas de o mal, a fim de que, depois de a morte, caminhemos para o lado de o abismo em que está Abraão.** (24.229.2.221)
- b Esse teu marido, assim espero, sempre te tratará bem, porque, se não, meu fantasma o atacará como uma nuvem de negra fumaça, como um gigante insano, e o destroçará nervo por nervo. E não tenha pena de o C.Q. Era preciso escolher entre ele e o H.H., e **era desejável que H.H. existisse pelo menos alguns meses a mais a fim de que você pudesse viver para sempre em as mentes de as futuras gerações.** (acervo.revistabula.com)
- c **As palavras proferidas por o Senhor em o Sinai, conhecidas como os Dez Mandamentos ou Decálogo, contêm, em um sumário, todas as regras que o homem precisa observar a fim de que se torne um ser verdadeiramente humano** (24.229.2.221)
- d E é importante que, depois, permaneçamos orando e vigiando, atentos para que as falsidades e males uma vez julgados e banidos não retornem e tomem de novo lugar em nosso espírito. Hoje, celebramos o aniversário de

a instauração de a primeira organização de a Nova Igreja em território brasileiro. Reflitamos sobre este assunto. **O que podemos conscientemente fazer a fim de que esta Igreja se torne cada vez mais real em nossas vidas?** (24.229.2.221)

- e A punição em si é uma coisa má, e portanto não pode vir de o Senhor, mas de o homem, de o abuso de a liberdade de escolha sem a qual o bem não seria uma virtude. **O mal** não pode se mudar em bem, mas **é controlado e permitido por o Senhor a fim de que possa dar a surgir a condição para que exista um propósito bom.** E o mal chamado castigo é permitido por o Senhor -- Único que pode permitir sem desejar- apenas para que "« a obras de Deus se manifestem (24.229.2.221)

Na construção final em (3-27a), o sujeito é expresso na oração nuclear por meio do pronome *ele*. Em (3-27b), a posição de sujeito é preenchida na oração final através do pronome *você*. No dado (3-27c), a codificação do sujeito é feita na oração nuclear por meio do sintagma nominal *as palavras proferidas pelo Senhor no Sinai*. Em (3-27d), o sujeito também é codificado por meio de um sintagma nominal *esta igreja*, porém, na oração final. Por fim, em (3-27e), o sujeito é codificado fora da construção final pelo sintagma nominal *o mal*.

A tabela (3-11) apresenta os percentuais das formas de expressão formal do sujeito a partir do conectivo que articula a construção final.

Tabela 3-11. Forma da expressão do sujeito na construção final

Conectivo	Na oração nuclear		Na oração final		Fora da construção		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
<i>para</i>	57	57	0	0	43	43	100	100
<i>para que</i>	54	37,76	79	53,24	10	7	143	100
<i>a fim de</i>	54	54	0	0	46	46	100	100
<i>a fim de que</i>	68	47,88	50	41,55	15	10,57	142	100
Total	233	48,04	138	28,45	114	23,51	485	100

Fonte: Elaboração própria.

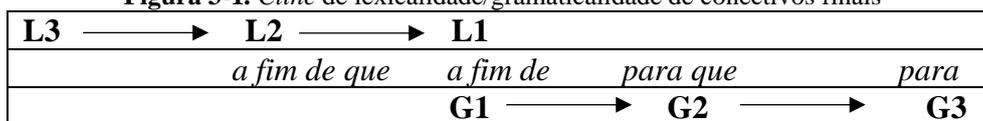
Como se observa na tabela (3-11), nas construções finais com *para*, o número de ocorrências com sujeito expresso na oração nuclear é de 57 (57%) ocorrências, enquanto, em 43 (43%) ocorrências, o sujeito foi expresso fora da construção final. Nas construções finais com *para que*, há 54 (57%) ocorrências em que o sujeito é expresso na oração nuclear, 79 (55,24%) na oração final e 10 (7%) fora da construção final. Com *a fim de* há 54 (54%) ocorrências de sujeito expresso na oração nuclear e 46 (46%) fora da construção final. Por fim, em construções finais com *a fim de que*, há 68 (47,88%) ocorrências de

sujeito expresso na oração nuclear, 59 (41,55%) na oração final e 15 (10,57%) fora da construção final.

Com base no que foi exposto nesta subseção, pode-se afirmar que os conectivos finais apresentam estatuto categorial distinto. Ao analisar a composicionalidade e analisabilidade desses conectivos, observa-se que *para* e *para que* são elementos com alto estatuto gramatical, resultados de uma gramaticalização avançada, ao passo que *a fim de* e *a fim de que* ainda carregam o conteúdo semântico de seu núcleo, portanto, são elementos altamente lexicais, que emergem, na língua, via lexicalização. Já ao se observar o grau de vinculação semântico-sintática dos eventos articulados por meio desses conectivos, nota-se que os eventos articulados por meio de uma preposição (*para* e *a fim de*) são mais integrados que os eventos articulados pelos eventos articulados por meio de uma conjunção (*para que* e *a fim de que*). Além disso, verifica-se que *para que* apresenta um grau de vinculação maior que *a fim de que*, o que corrobora o fato de *para que* ser mais gramaticalizado que *a fim de que*.

A partir desses resultados, os conectivos finais podem ser organizados em um *cline* de lexicalidade/gramaticalidade, em que os elementos mais à esquerda são mais gramaticais que os elementos mais à direita, como se observa na figura (3-1).

Figura 3-1. *Cline* de lexicalidade/gramaticalidade de conectivos finais



Fonte: Elaboração própria.

Como se nota pela figura (3-1), o conectivo *a fim de que* é a forma mais lexicalizada, enquanto *para* é a mais gramaticalizada. Seguindo o que propõem Brinton e Traugott (2005), a forma *a fim de que*, em L2, é uma estrutura semi-idiossincrática complexa; *a fim de*, em L1, corresponde a uma forma idiossincrática; *para que*, em G2, é uma forma gramaticalizada intermediária; por fim, *para*, em G1, é uma forma extremamente gramatical.

Outra questão a se observar em relação ao conectivo *a fim de* é que, apesar de ser um elemento lexical, ele pode estar passando por um processo de gramaticalização incipiente, o que justifica o fato desse conectivo ser menos lexical que *a fim de que*, como discutido anteriormente. É importante destacar que mesmo uma forma que emerge via lexicalização pode, ao passar do tempo, gramaticalizar-se (BRINTON; TRAUGOTT, 2005; MARTELOTTA, 2011). Dessa forma, *a fim de* pertence ao grupo “dos conectivos

lexicais com mudança acentuada de significado”, enquanto, *para* e *para que*, ao grupo dos conectivos gramaticais e *a fim de que* ao grupo dos conectivos lexicais (OLIVEIRA, 2014, p. 58).

Esses resultados discutidos nesta subseção, além de evidenciar o estatuto léxico-gramatical dos conectivos finais, revelam que a escolha do falante em usar determinado conectivo é condicionada a dois fatores: (i) a natureza da relação de finalidade instaurada pelo conectivo; (ii) o grau de integração dos eventos articulados pelos conectivos. O primeiro fator justifica a escolha do falante por articular duas orações por meio de um conectivo gramatical ou lexical; já o segundo fator justifica a escolha do falante por preposição ou uma conjunção. No que diz respeito a (i), o falante opta por articular duas orações por meio dos conectivos gramaticais *para* e *para que* se o valor de finalidade em jogo estiver, em maior grau, ligado à noção de movimento de uma origem em direção a um objeto de finalidade (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010). Já quando o valor de finalidade instaurada está ligado à noção de volição, a combinação das orações é realizada por meio dos conectivos *a fim de* e *a fim de que*. Já quando eventos são mais vinculados, o falante articula a oração nuclear à oração final por meio de uma preposição (*para* ou *a fim de*), ao passo que os eventos menos vinculados são articulados por meio de uma conjunção (*para que* ou *a fim de que*). O uso de cada conectivo, portanto, pode ser sintetizado da seguinte forma:

- (i) *para*: uma Preposição Gramatical, que instaura valor de finalidade a partir do esquema *origem>trajetória>meta* e articula eventos altamente integrados;
- (ii) *para que*: uma Conjunção Gramatical, que instaura valor de finalidade a partir do esquema *origem>trajetória>meta* e articula eventos menos integrados;
- (iii) *a fim de*: uma Preposição Lexical, que instaura valor de finalidade com traços de volição e articula eventos altamente integrados;
- (iv) *a fim de que*: uma Conjunção Lexical, que instaura valor de finalidade com traços de volição e articula eventos menos integrados.

3.3. Construções e conectivos finais na Gramática Discursivo-Funcional

Baseando-se nos resultados obtidos nas subseções (3.1.) e (3.2.), esta subseção ocupa-se por mostrar como tratar as construções e conectivos finais no modelo de níveis e camadas da GDF. Para tanto, a presente subseção é organizada em duas partes: a

primeira (3.3.1.) discute as questões semânticas das construções e conectivos finais, portanto, de suas representações no interior do Nível Representacional; a segunda trata das questões discursivo-pragmáticas das construções e conectivos finais, ou seja, das suas representações no Nível Interpessoal.

3.3.1. Construções e conectivos finais no Nível Representacional

No Nível Representacional, dois tipos de construções finais podem ser distinguidos: construções finais eventivas e epistêmicas. Essas duas construções finais compartilham o fato de que a entidade designada pela oração final atua como modificador oracional da entidade designada pela oração nuclear, desempenhando uma função semântica, mais especificamente, a função semântica *Purpose* (Finalidade).

As construções finais eventivas, no Nível Representacional, são formadas de uma oração final que obrigatoriamente designa um Estado-de-Coisas que pode modificar outro Estado-de-Coisas (cf. (3-28)), um Episódio (cf. (3-29a)) ou um Conteúdo Proposicional (cf. (3-29b)). Essa estrutura semântica das construções finais eventivas é codificada, no Nível Morfossintático, como um caso de subordinação em que a Oração final é encaixada na posição de modificadora adverbial da Oração nuclear.

- (3-28) a Farei apenas algumas postagens pra terminar a série de contos (parte 1, parte 2), que eu havia começado, e por falta de tempo (te a bem corrido mesmo) eu não consegui dar seqüência. **Estou levantando dados para prosseguir com a série**, aguardem as próximas postagens!! (001pontodevista.zip.net)
NR: (e_i: - estou levantando dados - (e_i): (e_j: - prosseguir com a série - (e_j)_{Purpose}) (e_i))
NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - estou levantando dados - (V_i): (^{dep}Cl_i: [(Gw_i: - para - (Gw_i) (Vp_j: - prosseguir - (Vp_j)) (Adpp_i: - com a série - (Adpp_i))] (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))
- b Rodrigo revelou que ultimamente vem separando alguns famosos, para **realizar uma enquete, para que o seu público possa ter mais opções** para ajudar em a escolha. (007blog.net)
NR: (e_i: - realizar uma enquete - (e_i): (e_j: - o seu público possa ter mais opções - (e_j)_{Purpose}) (e_i))
NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - realizar - (Vp_i)) (Np_i: - uma enquete (Np_i)) (^{dep}Cl_i: [(Gw_i: - para_que - (Gw_i) (Np_j: - o seu público (Np_j)) (Vp_j: - possa ter mais opções (Vp_j))] (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))
- c Há um grande número de pessoas que acreditam que a o ver horas e minutos iguais as mesmas terão sorte, ou azar. Por isso, **estão sempre prestando atenção em os relógios a fim de visualizar horas e minutos iguais**. (007blog.net)

NR: (e_i: - estão sempre prestando atenção nos relógios (e_i): (e_j: - a fim de visualizar horas e minutos iguais (e_j)_{Purpose}) (e_i)) → (e_j: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i)) (e_k: - visualizar horas e minutos iguais - (e_k)_{Ref}]) (f^c_i)) (e_j))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - estão sempre prestando - (Vp_i) (Np_i: - atenção nos relógios - (Np_i)) (^{dep}Cl_i: (Adpp_i: [(Gw_i: - a_{Adp} - (Gw_i) (Lw_i: - fim - (Lw_i)) (^{dep}Cl_j: - de visualizar horas e minutos iguais - (^{dep}Cl_j)) (Adpp_i))] (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))

- d Eu me sentia desgraçada, achava que não merecia continuar vivendo, que havia pecado contra as leis de Deus. Sentia-me imunda. Por três vezes tentei suicidar-me. **Tentei levar as crianças com mim, a fim de que não sofressem o que eu já havia sofrido.** Abri as torneiras de gás, bebi um galão de gin e sentei-me a a espera de a morte. (aabr.com.br)

NR: (e_i: - tentei levar as crianças comigo - (e_i): (e_j: - a fim de que não sofressem o que eu já havia sofrido - (e_j)_{Purpose}) (e_i)) → (e_j: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i)) (e_k: - não sofressem o que eu já havia sofrido - (e_k)_{Ref}]) (f^c_i)) (e_j))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - tentei levar - (Vp_i) (Np_i: - as crianças comigo - (Np_i)) (^{dep}Cl_i: (Adpp_i: [(Gw_i: - a_{Adp} - (Gw_i) (Lw_i: - fim - (Lw_i)) (^{dep}Cl_j: - de que não sofressem o que eu já havia sofrido - (^{dep}Cl_j)) (Adpp_i))] (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))

Conforme ilustram os dados em (3-28), no Nível Representacional, as construções finais eventivas são formadas de dois Estado-de-Coisas combinadas em uma relação de núcleo-modificador. Nessas ocorrências, o Estado-de-Coisas designado pela oração final desempenha o papel de modificador oracional que modifica o Estado-de-Coisas da oração nuclear. Dessa forma, ao Estado-de-Coisas subsidiário (o da oração final), é atribuída a função semântica *Purpose*.

Deve-se observar que os conectivos finais *para* e *para que* não recebem representação no Estado-de-Coisas da oração final. Isso se dá pelo fato de esses conectivos serem altamente gramaticais e esvaziados de conteúdo lexical, marcando apenas a relação de finalidade entre os dois Estado-de-Coisas, com a atribuição da função *Purpose* ao Estado-de-Coisas subsidiário.

Os conectivos *a fim de* e *a fim de que*, por outro lado, são representados no Estado-de-Coisas pelo fato de serem conectivos que manifestam alto grau de lexicalidade e de composicionalidade. Segundo Fontes e Teixeira (*no prelo*) e Fontes (*em elaboração*), esses conectivos lexicais devem ser especificados, no Nível Representacional. Assim, seguindo a proposta dos autores, o Estado-de-Coisas introduzido por *a fim de* e *a fim de que* são estruturados em termos de uma Propriedade Configuracional de um-lugar, nucleada pela Propriedade Lexical *fim* que toma, como seu argumento, um Estado-de-Coisas, ao qual se atribui a função Referência.

No Nível Morfossintático, essas construções finais em (3-28) envolvem a combinação de duas orações em uma relação de subordinação: a Oração final (^{dep}Cl) corresponde a uma oração encaixada na posição de modificador oracional da Oração nuclear (^{main}Cl). Nota-se que os diferentes conectivos finais são codificados de formas diferentes. Os conectivos *para* e *para que* são codificados como Palavras Gramaticais, respectivamente, uma Preposição Gramatical e uma Conjunção Gramatical. Já os conectivos *a fim de* e *a fim de que* são codificados por meio de um Sintagma Adposicional, formado de uma Palavra Gramatical (a Preposição *a*) e uma Palavra Lexical (o Substantivo *fim*), e de uma Oração encabeçada por *de* ou *de que*. Dessa forma, *a fim de* e *a fim de que* são descritos, na GDF, como Palavras Lexicais, mais precisamente uma Preposição Lexical e uma Conjunção Lexical.

As ocorrências em (3-29) ilustram casos em que a construção final eventivas em que o Estado-de-Coisas designado pela oração final escopa um Episódio ou um Conteúdo Proposicional, que são designados pela oração nuclear.

- (3-29) a **Para ser pesquisador capaz, ele precisa balancear a prática com a teoria, renovar-se sempre, desenvolver por escrito a inovação que ele formulou e mostrar a os colegas suas experiências, a o participar de eventos para expor sua descoberta.** (alb.com.br)

NR: (ep_i: [(e_i: - ele precisa balancear a prática com a teoria - (e_i)) (e_j: - renovar-se sempre - (e_j)) (e_k: -desenvolver por escrito a inovação que ele formulou - (e_k) (e_n: - mostrar aos colegas suas experiências ao participar de eventos para expor sua descoberta - (e_n))] (ep_i): (e_m: - ser pesquisador capaz - (e_m)_{Purpose})) (ep_i))

- b Em a calcinha, o tampão aparece como um corrimento amarelado ou esverdeado. É normal que contenha um pouco de sangue. **Em todos esses casos é importante ligar para o seu médico a fim de que ele acompanhe todos os sinais.** (einstein.br)

NR: (p_i: - em todos esses casos é importante ligar para o seu médico - (p_i): (e_i: - a fim de que ele acompanhe todos os sinais (e_i)_{Purpose}) (p_i)) → (e_i: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i)) (e_k: - ele acompanhe todos os sinais - (e_k)_{Ref}]) (f^c_i)) (e_i))

Na ocorrência em (3-29a), a oração final designa um Estado-de-Coisas que toma, semanticamente, como escopo uma série de outros Estados-de-Coisas, isto é, um Episódio. Já em (3-29b), a oração final designa um Estado-de-Coisas que escopa um Conteúdo Proposicional.

Além das construções finais eventivas, as construções finais epistêmicas também recebem uma representação no Nível Representacional. Nesse tipo de construção final, a

oração final designa um Conteúdo Proposicional que escopa outro Conteúdo Proposicional, designado pela oração nuclear, como se observa pelos dados em (3-30).

- (3-30) a Setembro vou realizar o sonho de a minha vida que é conhecer Paris. Vou estudar alguns dias em Amsterdã, vai ser muito bom para o meu crescimento profissional, e depois farei uma extensão por a França e Itália. **Concebi um roteiro para conhecer Paris**, e achei que nada melhor do que estar em sintonia com a cidade de a luz. (001pontodevista.zip.net)

NR: (p_i: - concebi um roteiro - (p_i): (p_j: - conhecer Paris - (p_j)_{Purpose}) (p_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - concebi - (Vp_i) (Np_i: - um roteiro - (Np_i) (^{dep}Cl_i: [(Gw_i: - para - (Gw_i) (Vp_i: - conhecer Paris - (Vp_i))] (^{main}Cl_i))])

- b Por que escolher o curso de Administração de Empresas A escolha de a profissão é algo bastante complicado e **devem ser levados em conta diversos quesitos para que possamos escolher corretamente a profissão que iremos seguir**. (007blog.net)

NR: (p_i: - devem ser levados em conta diversos quesitos - (p_i): (p_j: - possamos escolher corretamente a profissão que iremos seguir - (p_j)_{Purpose}) (p_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: - devem ser levados - (Vp_i) (Adpp_i: - em conta - (Adpp_i) (Np_i: - diversos quesitos - (Np_i) (^{dep}Cl_i: [(Gw_i: - para que - (Gw_i) (Vp_i: - possamos escolher corretamente - (Vp_i) (Np_i: - a profissão que iremos seguir (Np_i) (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))])

- c E para obter as armas de que necessita para vencer em essa luta -- as verdades de a Palavra -- **o homem deve estudar pacientemente a Palavra, a fim de alcançar a compreensão de seus ensinamentos**. (24.229.2.221)

NR: (p_i: - o homem deve estudar paciente a palavra - (p_i): (p_j: - a fim de alcançar a compreensão de seus ensinamentos - (p_j)_{Purpose}) (p_i)) → (p_j: (e_i: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i) (p_n: - alcançar a compreensão de seus ensinamentos - (p_n)_{Ref}] (e_i) (f^c_i)) (p_j))

NM: (^{main}Cl_i: [(Np_i: - o homem - (Np_i) (Vp_i: - deve estudar praticamente (Vp_i) (Np_j: - a palavra - (Np_j) (^{dep}Cl_i: [(Adpp_i: [(Gw_i: - a - (Gw_i) (Nw_i: - fim_N (Nw_i) (^{dep}Cl_j: - de alcançar a compreensão de seis ensinamentos (^{dep}Cl_j) (^{dep}Cl_i))] (^{main}Cl_i))])

- d Se assim não o for -- se o homem se contentar em permanecer em esse estado -- cairá inconscientemente, mas seguramente, em os males e falsidades cuja qualidade interior os meros conhecimentos não são capazes de revelar. **A fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades, é indispensável que progrida para um estado de iluminação**. (24.229.2.221)

NR: (p_i: - é indispensável que progrida para um estado de iluminação - (p_i): (p_j: - a fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (p_j)_{Purpose}) (p_i)) → (p_j: (e_i: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i) (p_n: - o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (p_n)_{Ref}] (e_i) (f^c_i)) (p_j))

NM: (^{main}Cl_i: [(Vp_i: [(Vw_i: - é - (Vw_i) (Adjp_i: - indispensável - (Adjp_i))] (Vp_i)) (^{dep}Cl_i: - que progrida para um estado de iluminação - (^{dep}Cl_i)) (^{dep}Cl_k: (Adpp_i: [(Gw_i: - a_{Adp} - (Gw_i) (Lw_i: - fim - (Lw_i)) (^{dep}Cl_k: - de que visualizar horas e minutos iguais - (^{dep}Cl_k) (Adpp_i))] (^{dep}Cl_k))] (^{main}Cl_i))

Como se observa nas ocorrências em (3-30), as construções finais epistêmicas envolvem a combinação de dois Conteúdos Proposicionais, de tal forma que um (o designado pela oração final) desempenha a função semântica *Purpose* em relação ao outro (o designado pela oração nuclear). Nota-se, também, que, nas construções finais epistêmicas, os conectivos *para* e *para que* não são representados, uma vez que esses conectivos apenas assinalam a função semântica *Purpose*. Já os conectivos *a fim de* e *a fim de que*, por carregarem conteúdo lexical, são representados como uma Propriedade Configuracional de um-lugar, nucleada pela Propriedade Lexical *fim* que toma como seu argumento o Conteúdo Proposicional designado oração nuclear, que, por sua vez, desempenha a função semântica *Referência*.

Já no Nível Morfosintático, as construções finais em (3-30) são codificadas como duas orações combinadas em uma estrutura de subordinação. Nessas ocorrências, a Oração final corresponde a uma Oração dependente encaixada na Oração nuclear, atuando como modificador oracional. Os conectivos *para* e *para que* são codificados como uma única Palavra Gramatical, mais especificamente, uma Preposição Gramatical e uma Conjunção Gramatical. Já os conectivos *a fim de* e *a fim de que* são codificados por meio de um Sintagma Adposicional, nucleado por uma Palavra Gramatical (*a*) e uma Palavra Lexical (*fim*), que introduz uma Oração dependente encabeçada por *de* ou *de que*.

Além de outro Conteúdo Proposicional, as orações finais em construções finais epistêmicas podem escopar um Estado-de-Coisas, designado pela oração nuclear, como se nota pelos dados em (3-31).

- (3-31) a Os olhos ficam brilhando. Não consegue parar de olhar para a pessoa. Sente vontade de abraçar- la e beijar- la. As pernas bambeiam. O coração dispara, sempre que o vê. **Você dá alguns sinais para que a pessoa te perceba**. Fica pensando em a pessoa a cada cinco minutos. (007blog.net)
 NR: (e_i: - você dá alguns sinais - (e_i): (p_j: - a pessoa te perceba - (p_j)_{Purpose}) (e_j))
- b Pode- se, por consequência, ficar admirado de que estas leis universalmente conhecidas sobre a terra tenham sido promulgadas em meio de tantos milagres, de o alto de a montanha de o Sinai, por JEHOVAH Mesmo. "... "... Mas escuta: **elas foram promulgadas em meio a tantos milagres a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas**, e que transgredir-las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus (24.229.2.221)
 NR: (e_i: - elas foram promulgadas em meio a tantos milagres - (e_i): (p_j: a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas - (p_j)_{Purpose}) (e_i)) → (p_j: (e_i: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i): (p_n:

- se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas - (p_n)_{Ref}] (f^c_i) (e_i) (p_j)

Nos dados em (3-31), as construções finais epistêmicas são formadas de uma oração nuclear que designa um Estado-de-Coisas e uma oração final que designa um Conteúdo Proposicional, que desempenha a função semântica *Purpose*.

No que diz respeito à ordem das orações, as orações finais eventivas e epistêmicas ocorrem prototipicamente em P^F, marcando que o conteúdo da oração final expressa a finalidade da oração nuclear, como se observa em na oração final eventiva em (3-32a) e na epistêmica em (3-32b).

- (3-32) a Rodrigo revelou que ultimamente vem separando alguns famosos, para **realizar uma enquete, para que o seu público possa ter mais opções** para ajudar em a escolha. (007blog.net)
- b E para obter as armas de que necessita para vencer em essa luta -- as verdades de a Palavra -- **o homem deve estudar pacientemente a Palavra, a fim de alcançar a compreensão de seus ensinamentos.** (24.229.2.221)

As orações finais ainda podem ocorrer em P^I, porém, nesses casos, a oração final não marca somente a relação semântica finalidade, mas também desempenha a função pragmática tópico (DIAS; 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010). Por desempenhar uma pragmática, além da representação no Nível Representacional, a oração final recebe uma representação no Nível Interpessoal, como se observa nos dados em (3-33).

- (3-33) a Apesar de ser o '\$` herói' de o filme, Schindler é mostrado como um empresário ganancioso e sem escrúpulos que enriqueceu se aproveitando de a guerra e de o fato que podia usar judeus em sua fábrica pagando menos. A princípio ele mantém- se afastado de os horrores que acontecem a a sua volta, mas vai gradativamente sensibilizando- se até o ponto de sentir- se obrigado a agir em favor de os oprimidos. **Para tentar ilustrar o ponto de a transformação de o protagonista, Spielberg construiu duas seqüências chave usando um recurso até certo ponto simples**
- NI:** (A_i: [(C_i: - tentar ilustrar o ponto da transformação do protagonista - (C_i)_{Top}) (C_j: - Spielberg construiu duas sequências usado um recurso até certo ponto simples - (C_j))] (A_i))
- NR:** (e_i: - Spielberg construiu duas sequências usado um recurso até certo ponto simples - (e_i): (e_j: - tentar ilustrar o ponto da transformação do protagonista - (e_j)_{Purpose}) (e_i))
- NM:** (^{main}Cl_i: [(^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para_{Adp} (Gw_i) (Vp_i: - tentar - (Vp_i)) (^{dep}Cl_k: - ilustrar o ponto da transformação do protagonista - (^{dep}Cl_k))] (^{dep}Cl_j))] (Np_i: Spielberg (Np_i)) (Vp_j: - construiu - (Vp_j)) (Np_j: - duas sequências chaves

- (Np_j) (depCl_m: - usando um recurso até certo ponto simples - (depCl_m))]
(mainCl_i)
- b Se assim não o for -- se o homem se contentar em permanecer em esse estado -- cairá inconscientemente, mas seguramente, em os males e falsidades cuja qualidade interior os meros conhecimentos não são capazes de revelar. **A fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades, é indispensável que progrida para um estado de iluminação.** (24.229.2.221)
- NI:** (A_i: [(C_i: o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades (C_i)_{Top}) (C_j: - é indispensável que progrida para um estados de iluminação - (C_j))] (A_i))
- NR:** (p_i: - é indispensável que progrida para um estado de iluminação - (p_i): (p_j: - a fim de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades (p_j)_{Purpose}) (p_i) → (p_j: (e_i: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i): (p_n: - o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (p_n)_{Ref}] (e_i) (f^c_i) (p_j))
- NM:** (mainCl_i: [(depCl_j: (Adpp_i: [(Gw_i: a_{Adp} (Gw_i) (Np_i: [(Lw_i: fim (Lw_i)) (depCl_k: - de que o homem possa reconhecer esses males e essas falsidades - (depCl_k))] (Np_i))] (Adpp_i) (depCl_j)) (Vp_i: [(Vw_i: é (Vw_i) (Adjp_i: - indispensável - (Adjp_i))] (Vp_i)) (depCl_m: - que progrida para um estado de iluminação - (depCl_n))] (mainCl_i))

As orações finais ainda podem ocorrer em P^{I+1}, desempenhando a função de tópico discursivo. Nesse tipo de ocorrência, a posição P^I já foi preenchida por outro constituinte oracional que também desempenha a função de tópico, assim, a construção final apresenta dois constituintes tópicos, como em (3-34).

- (3-34) um exterior que tinha dentro outro com a carta onde estava a terceira parte de o `segredo' de Fátima. Tocando esta segunda com os dedos, logo exclamou: `É a minha carta', e depois de a ler acrescentou: `É a minha letra'. " **O Vaticano, para que não houvesse dúvida alguma sobre a autenticidade de sua interpretação e de o documento publicado, chega a dar até a cor de o envelope em que foi guardado o segredo**

Nota-se, nessa ocorrência, que tanto o constituinte *o Vaticano* quanto a oração final desempenham a função de tópico da construção, porém, como P^I já foi preenchida por *o Vaticano*, a oração final é codificada na posição P^{I+1}. Na tabela (3-12), apresentam-se, quantitativamente, as posições das construções finais do Nível Representacional com cada conectivo.

Tabela 3-12. Quantitativo das posições das orações finais por conectivo

Conectivo	P ^I	P ^{I+1}	P ^F
<i>Para</i>	7	2	76
<i>para que</i>	6	1	78
<i>a fim de</i>	9	0	89
<i>a fim de que</i>	4	0	89
Total	26	3	332

Fonte: Elaboração própria.

Como se observa pela tabela acima, todos os conectivos finais podem introduzir uma oração em P^F (posição com maior número de ocorrências) e P^I, contudo, apenas *para* e *para que* podem encabeçar uma oração final em P^{I+1}. O que corrobora a hipótese de que esses conectivos são os mais gramaticais, uma vez que atuam em mais contextos de uso.

3.3.2. Construções e conectivos finais no Nível Interpessoal

O primeiro tipo de oração final que distinguida no Nível Interpessoal é a oração final de motivação. Nesse tipo de construção final, tanto a oração final quanto a oração nuclear evocam Atos Discursivos, que estão numa relação de dependência, de modo que o Ato evocado pela oração final desempenha a função retórica Motivação em relação ao Ato evoca pela oração nuclear, como se observa em (3-32).

- (3-32) a Para utilizar o Baby Liss, lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos. **Aplique em apenas uma pequena mecha, para ter uma boa ondulação**. Quanto maior for a largura de o Baby liss, maiores serão os cachos. (007blog.net)
 NI: (M_I: [(A_I: - aplique em apenas uma pequena mecha - (A_I)) (A_J: - ter uma boa ondulação - (A_J))_{Motivação}] (M_I))
 NM: (Le_i: [(Cl_i: - aplique em apenas uma pequena mecha - (Cl_i)) (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para_{Adp} (Gw_i)) (ter uma boa ondulação) (^{dep}Cl_j) (Le_i))
- b Com isso, adicione poucas informações sobre você (ou nenhuma de preferência), não adicione fotos e nem nada. Criando assim, um perfil "« inativo "». Adicione a pessoa, e **fale para a mesma que você conhece ela (invente um pouco) para que assim você seja aceito**. (007blog.net)
 NI: (M_I: [(A_I: - fale para a mesma que você conhece ela - (A_I)) (A_J: assim você seja aceito - (A_J))_{Motivação}] (M_I))
 NM: (Le_i: [(Cl_i: - fale para a mesma que você conhece ela - (Cl_i)) (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: para_{queConj} (Gw_i)) (assim você seja aceito) (^{dep}Cl_j) (Le_i))
- c A dor de cabeça de a ressaca normalmente é latejante, e piora com a tosse ou quando fazemos movimentos rápidos com a cabeça. * Antes de beber, ingira frutose (o açúcar de as frutas); * **Faça uma inalação de oxigênio a 100 % a fim de ajudar a combater a ressaca**; (007blog.net)

NI: (M_I: [(A_I: - faça uma inalação de oxigênio a 100% - (A_I)) (A_J: - ajudar a combater a ressaca - (A_J)_{Motivação}]) (M_I)

NR: (e_i: - faça uma inalação de oxigênio a 100% - (e_i)) (e_j: - a fim de ajudar a combater a ressaca - (e_j)) → (e_j: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i)) (e_k: - ajudar a combater a ressaca - (e_k)_{Ref}]) (f^c_i)) (e_j))

NM: (Le_i: [(Cl_i: - faça uma inalação de oxigênio a 100% - (Cl_i)) (depCl_j: - a fim de ajudar a combater - (depCl_j))] (Le_i)) → (depCl_j: [(Adpp_i: [(Gw_i: a_{Adp} (Gw_i)) (Np_i: [(Lw_i: fim (Lw_i)) (depCl_k: - de ajudar a combater a ressaca - (depCl_k))] (Np_i))] (Adpp_i))] (depCl_j))

- d Fica sempre a dúvida: essa guerra ali, essa guerra acolá, porque há guerras em todos os lugares, é realmente uma guerra por problemas ou é uma guerra comercial para vender essas armas em o comércio ilegal? ", reagiu o papa. Francisco pediu ainda que todos mantenham as orações por a paz. "« **Rezemos a fim de que, sobretudo em a Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação** "» (acritica.uol.com.br)

NI: (M_I: [(A_I: Rezemos - (A_I)) (A_J: - sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação - (A_J)_{Motivação}]) (M_I)

NR: (e_i: - rezemos - (e_i)) (e_j: - a fim de que, sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação - (e_j)) → (e_j: (f^c_i: [(f_i: - fim_N - (f_i)) (e_k: - sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação - (e_k)_{Ref}]) (f^c_i)) (e_j))

NM: (Le_i: [(Cl_i: - rezemos - (Cl_i)) (depCl_j: - a fim de que, sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação - (depCl_j))] (Le_i)) → (depCl_j: (Adpp_i: [(Gw_i: a_{Adp} (Gw_i)) (Np_i: [(Lw_i: fim (Lw_i)) (depCl_k: - de que, sobretudo na Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação - (depCl_k))] (Np_i))] (Adpp_i))] (depCl_j))

Em (3-32), as construções finais correspondem a Movimentos formados de um Ato Nuclear (oração nuclear) e um Ato Subsidiário (oração final), que desempenha a função retórica motivação. No Nível Morfossintático, as construções finais são codificadas por meio de uma Expressão Linguística em um padrão de cossubordinação, em que a oração nuclear é independente, porém a oração final é dependente.

As construções finais em (3-32a-b) são representadas apenas nos níveis Interpessoais e Morfossintático, pois são articuladas por meio das Palavras Gramaticais *para* e *para que*. No Nível Interpessoal, esses conectivos apenas estabelecem a função retórica, por esse motivo não são representados no Nível Representacional.

Já em (3-32c-d), nota-se que, além de receber uma representação no Nível Interpessoal, as construções finais de motivação também são representadas no Nível Representacional. Segundo Fontes e Teixeira (*no prelo*), quando um conectivo lexical introduz uma oração que, no Nível Interpessoal, desempenha uma função retórica, esse conectivo deve receber uma representação no Nível Representacional, por conter forte conteúdo lexical. Assim, os conectivos *a fim de* e *a fim de que* estabelecem a função

retórica motivação no Nível Interpessoal, e, no Nível Representacional, correspondem a uma Propriedade Configuracional de um-lugar, nucleada pela Propriedade Lexical *fim* e que selecionam como argumento um Estado-de-Coisas (a oração final). No Nível Morfossintático, essas conjunções são codificadas no interior de um Sintagma Adposicional, formado pela Palavra Gramatical *a* e um Sintagma Nominal, nucleado pela Palavra Lexical *fim* a que se encaixa uma Oração completiva nominal.

No que diz respeito à ordenação das construções finais de motivação, na GDF, os constituintes que desempenham a função retórica motivação são codificados, no Nível Morfossintático, na posição P^{Pós}. Assim, quando a oração final exerce essa função, ela ocorre, necessariamente, pospota à oração nuclear (cf. (3-33)).

- (3-33) **Rezemos a fim de que, sobretudo em a Síria, cessem imediatamente a violência e a devastação** "» (acritica.uol.com.br)

Outro uso detectado no Nível Interpessoal é o de construção final de orientação. Nesse tipo de construção final, as orações nuclear e final evocam Atos Discursivos numa relação de dependência, em que a oração final desempenha a função retórica Orientação, como se observa nos dados em (3-38).

- (3-34) a Existem atualmente vários modelos, que podem se adequar melhor a o eu tipo. Os preços vão depender muito de o que lhe é oferecido. Esse aparelho contém uma barra de metal que se esquentam, o que vai proporcionar os cachos. É necessário não deixar o cabelo muito exposto a temperatura, pois com o tempo o cabelo vai queimando, além de ficar mais fraco, tornando-se quebradiço. **Para utilizar o Baby Liss, lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos.** (007blog.net)
NI: (M_I: [(A_I: - utilizar o Baby Liss - (A_I)_{Orientação}) (A_J: - lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos - (A_J))] (M_I))
NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: [(Gw_i: para (Gw_i)) (utilizar o Baby Liss) (Cl_j: - lembre-se de estar com os cabelos totalmente secos - (Cl_j))] (Le_i))
- b Não é fácil compreender o universo feminino, pois as mulheres possuem manias e inquietações que muitas vezes não são entendidas por os homens. Mas é necessário que os mesmos tentem ao menos "« entender- las "» a fim de conseguir agradar mais as mulheres. **Para que os homens possam ter uma boa convivência com as mulheres e consigam agradar- las um pouco mais, segue abaixo algumas informações sobre coisas que os homens deveriam saber sobre o universo feminino:** -- Mulher nenhuma gosta de ganhar lingerie de seu parceiro. Elas entendem isso como uma crítica a as suas peças de algodão. (007blog.net)
NI: (M_I: [(A_I: - os homens possam ter uma boa convivência com as mulheres e consigam agradar-las um pouco mais - (A_I)_{Orientação}) (A_J: - segue

abaixo algumas informações sobre coisas que os homens deveriam saber sobre o universo feminino - (A_j)] (M_I)

NM: (Le_i: [(^{dep}Cl_i: [(Gw_i: para que (Gw_i) (os homens possam ter uma boa convivência com as mulheres e consigam agradecer-las um pouco mais)] (^{dep}Cl_i)) (Cl_j: - segue abaixo informações sobre coisas que os homens deveriam saber sobre o universo feminino - (Cl_j))] (Le_i))

Em (3-34), as construções finais são, no Nível Interpessoal, Movimentos formados de dois Atos: o Ato nuclear (evocado pela oração nuclear) e o Ato subsidiário (enunciado na oração final), e que desempenha a função retórica orientação. No Nível Morfossintático, esse tipo de construção final é codificado como uma Expressão Linguística, formada de duas Orações em uma relação de cossubordinação, em que a oração nuclear é a oração independente enquanto a oração final, a dependente.

Nas construções finais de orientação, a oração final só pode ser introduzida por um conectivo gramatical (*para* ou *para que*). Como já discutido anteriormente, esses conectivos não são representados no Nível Interpessoal, uma vez que eles apenas marcam a função retórica, já no Nível Morfossintático, *para* e *para que* são codificados por meio de uma Palavra Gramatical, mais especificamente, uma Preposição Gramatical (no caso de *para*) e uma Conjunção Gramatical (no caso de *para que*).

Além disso, na GDF, os elementos linguísticos que desempenham a função retórica orientação no Nível Interpessoal são codificados no Nível Morfossintático na posição P^{Pré}, o que quer dizer que quando a oração final exerce essa função, ela sempre antecede a oração nuclear, como se pode ver em (3-35).

- (3-35) **Para que os homens possam ter uma boa convivência com as mulheres e consigam agradecer-las um pouco mais, segue abaixo algumas informações sobre coisas que os homens deveriam saber sobre o universo feminino** (007blog.net)

Por fim, o último uso de construção final no Nível Interpessoal é o de construções finais modificadoras interpessoais. Nesse uso, a oração final atua como um modificador da camada do Ato Discursivo (cf. (3-36a)), sinalizando o estatuto do Ato dentro do Movimento, ou da camada do Conteúdo Comunicado (cf. (3-36b)), sinalizando uma avaliação subjetiva do falante.

- (3-36) a O objetivo de a Rede de Display do Google é fornecer conteúdo valioso e relevante para nossos usuários e anunciantes. Anteriormente, demos algumas dicas para criar sites de alta qualidade para o Google

AdSense. **Para ampliar esse assunto, gostaria de compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e página mais adequados para a geração de receita.** (adsense-pt.blogspot.com)

NI: (M_I: [(A_I: - gostaria de compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e página mais adequados para a geração de receita - (A_I): (σ: - ampliar esse assunto - (σ)) (A_I))] (M_I))

NM: (L_{e_i}: [(^{dep}Cl_i: [(Gw_I: para (Gw_I) (ampliar esse assunto)] (^{dep}Cl_i) (Cl_j: - gostaria de compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e página mais adequados para a geração de receita (Cl_j))] (L_{e_i}))

- b Tenho preguiça de contar a história de a minha família (e isso é sempre fundamental) e o porquê de eu não dirigir. Mas não há outro jeito. **Só que o que dá mais preguiça -- para não dizer medo -- mesmo é o sexo.** (amelhordasintencoes.wordpress.com)

NI: (A_I: [(F_I: - DECL - (F_I): (C_I: - só que o que dá mais preguiça mesmo é o sexo (C_I) (σ: - não dizer medo - (σ)) (F_I))] (A_I))

NM: (L_{e_i}: [(C_I: - só que o que dá mais preguiça mesmo é o sexo - (C_I) (^{dep}Cl_i: [(Gw_I: para (Gw_I) (não dizer medo) (^{dep}Cl_i))] (L_{e_i}))

Em (3-36a), a construção final é formada de um Movimento nucleado por apenas um Ato, a oração nuclear. Nessa ocorrência, a oração final se comporta como um modificador de Ato Discursivo, sinalizando que o Ato da oração nuclear é uma expansão de uma informação anteriormente mencionada. No Nível Morfossintático, essa construção é codificada por meio de uma Expressão Linguística, formada de duas Orações, a dependente (a oração final) introduzida pela Palavra Gramatical *para*, e a independente (a oração nuclear).

No dado em (3-36b), construção final também corresponde a um Ato Discursivo. Nessa ocorrência, a oração final modifica não mais o Ato Discursivo evocado pela oração nuclear, mas sim a Ilocução Declarativa desse Ato. Assim, no Nível Interpessoal, a oração final funciona como um modificador de Ilocução. No Nível Morfossintático, esse uso de construção final é codificado no interior de uma Expressão Linguística, formada, por sua vez, de duas Orações: uma dependente (a oração final), que é introduzida pela Palavra Gramatical *para*, e uma independente (a oração nuclear).

Em termos de ordenação, a oração final, em construções finais modificadoras de Ato (3-37a), ocorre em P^{Pré}, antecedendo à oração nuclear. Já em construções finais modificadoras de Ilocução (cf. 3-37b), a oração final ocorre em P^{Int}, isto é, intercalada à oração nuclear, funcionando como um parêntese que rompe a sequência tópica do enunciado.

- (3-37) a **Para ampliar esse assunto, gostaria de compartilhar mais algumas informações sobre os tipos de site e página mais adequados para a geração de receita.** (adsense-pt.blogspot.com)
- b **Só que o que dá mais preguiça -- para não dizer medo -- mesmo é o sexo.** (amelhordasintencoes.wordpress.com)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisa e descreve construções e conectivos finais, à luz da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a partir de dados do português brasileiro atual. O foco central do trabalho é (i) mapear as propriedades funcionais e formais das construções finais; e (ii) precisar o estatuto léxico-gramatical dos conectivos *para*, *para que*, *a fim de* e *a fim de que*. A proposta de investigação deste trabalho parte das seguintes hipóteses de análise:

- i. A relação de finalidade instaurada entre as orações da construção final pode ser de diferentes naturezas;
- ii. Os conectivos finais possuem estatuto léxico-gramatical diferentes: enquanto *para* e *para que* seriam Palavras Gramaticais, respectivamente, uma Preposição Gramatical e uma Conjunção Gramatical, *a fim de* e *a fim de que* seriam Palavras Lexicais, respectivamente, uma Preposição Lexical e uma Conjunção Lexical;
- iii. A relação de finalidade instaurada pelos conectivos gramaticais seria diferente da dos conectivos lexicais.

Com a análise dos dados, verificou-se que todas as hipóteses de análise se confirmam. Em relação à hipótese (i), foram encontrados cinco tipos diferentes de relações finais, duas de natureza semântica (orações finais eventivas e epistêmicas) e três de natureza discursivo-funcional (orações finais de motivação, de orientação, modificadoras interpessoais).

No que diz respeito à hipótese (ii), observou-se que o grau de integração semântico-sintático entre orações com *para* é maior que a de todos outros conectivos, o que atesta seu estatuto de Preposição Gramatical; já *para que* apresenta um grau de vinculação maior de *a fim de que*, o que sugere que *para que* seja uma Conjunção Gramatical, e *a fim de que* uma Conjunção Lexical; por fim, *a fim de* se encaixa no grupo de Preposições Lexicais, uma vez que apresenta um grau de vinculação menor do que de *para* e maior do que *a fim de que*.

Em relação à hipótese (iii), nota-se que o grau de composicionalidade e analisabilidade de *para* e *para que* é diferente do de *a fim de* e *a fim de que*, o que sugere que os conectivos gramaticais estão num estágio de mudança mais avançado que os conectivos lexicais. Observa-se, também, com base em diversos trabalhos (cf. ILARI *et*

al, 2015; GONÇALVES; WIEDEMER, 2017), que *para* e, por tabela, *para que*, enquanto conectivos finais, emergem da gramaticalização da *para* enquanto preposição locativa que indica descolamento no espaço, já *a fim de* e *a fim de que* emergem na língua via lexicalização, tendo origem, possivelmente, da expressão volitiva *a fim de*. Dessa forma, os conectivos *para* e *para que* instauram a relação de finalidade a partir do esquema *origem>trajetória>meta* (DIAS, 2001a; 2001b; 2002; 2005; 2010), enquanto *a fim de* e *a fim de que* marcam uma relação de finalidade mais próxima da volição (CRISTOFARO, 2003; MATEUS *et al*, 2003; CABRILLANA, 2009).

Por fim, com a análise dos dados, também se verifica que os conectivos gramaticais atuam em mais contextos de uso que os conectivos lexicais: enquanto *a fim de* e *a fim de que* atuam em apenas três contextos de usos (orações finais eventivas, epistêmicas e de motivação), *para que* atua em quatro contextos (orações finais eventivas, epistêmicas, de motivação e de orientação) e *para* atua em todos os contextos de usos de orações finais.

Essas distinções dos usos das orações finais podem ser mapeadas no interior dos níveis e camadas da GDF. As orações finais eventivas e epistêmicas podem ser mapeadas no Nível Representacional, nas camadas do Estado-de-Coisas e Conteúdo Proposicional, respectivamente. Já no Nível Morfossintático, esses usos são mapeados na camada da Oração como um caso de subordinação, em que a oração final é subordinada à nuclear. As orações finais de motivação, de orientação, modificadoras de Ato Discursivo são mapeadas no interior do Nível Interpessoal, na camada do Ato Discursivo, enquanto a oração final modificadora de Conteúdo Comunicado é mapeada na camada do Conteúdo Comunicado. No Nível Morfossintático, esses usos são codificados na camada da Expressão Linguística, formada de duas Orações numa relação de cossubordinação, em que um elemento é dependente de outro, que, por sua vez, pode atuar de forma independente.

Os conectivos finais também podem ser mapeados a partir dos níveis e camadas da GDF. O conectivo *para* e *para que* podem atuar como uma função retórica, no Nível Interpessoal, ou uma função semântica, no Nível Representacional. Esses usos interpessoais e representacionais desses conectivos podem ser codificados, no Nível Morfossintático, por meio de uma única Palavra Gramatical, atuando como uma Preposição Gramatical (no caso de *para*) e uma Conjunção Gramatical (no caso de *para que*). Já *a fim de* e *a fim de que* correspondem, no Nível Representacional, a uma Propriedade Configuracional de um-lugar, nucleada de uma Propriedade Lexical, o nome *fim*. Quando atuam no Nível Interpessoal, esses conectivos marcam uma função retórica,

contudo, devido ao seu estatuto lexical, recebem codificação, também, no Nível Representacional (FONTES; TEIXEIRA, *no prelo*). No Nível Morfossintático, *a fim de* e *a fim de que* são codificados por meio de um Sintagma Adposicional, formado de uma Palavra Gramatical, a aposição *a*, de uma Palavra Lexical, o nome *fim*, e de uma Oração dependente, a oração final. A estrutura morfossintática desses conectivos faz com que eles correspondam a uma Preposição Lexical (no caso de *a fim de*) e uma Conjunção Lexical (no caso de *a fim de que*).

A partir desses resultados, acredita-se que este trabalho oferece contribuições aos estudos sobre articulação de orações e sobre a distinção entre léxico e gramática, sobretudo, nos estudos que partem do modelo da GDF. Ademais, o trabalho oferece algumas possibilidades para trabalhos futuros, como: expandir o universo de análise para outros conectivos e outras relações adverbiais; e estudar, à luz da abordagem hierárquica da mudança linguística (cf. HENGEVELD, 2017; FONTES, 2016a), o percurso de gramaticalização de *para* e *para que* e o percurso de lexicalização de *a fim de* e *a fim de que*, em perspectiva sincrônica, diacrônica e/ou pancrônica. Além disso, o alto grau de integração dos eventos das construções finais *para* pode indicar que essas construções estão num processo de gramaticalização, que resulta nas orações completivas com *para*, o que configura outra frente de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, J. D. Expressão da relação retórica de propósito em elocuições formais e entrevistas orais. **Calidoscópio**, Vol. 9, n. 3, 2011, p. 206-215.
- AZEVEDO, J. L. **A expressão da finalidade no português**. RJ: Tese de Doutorado da UFRJ, 2000.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BUTLER, C. S. Functionalist approaches to language. In: _____. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 1-31.
- BYBEE, J. **Língua, uso, cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- C Adverbial Clauses in the languages of Europe. In: AUWERA, J. *Adverbial Construction in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.
- CAMACHO, R.C. A pesquisa funcionalista e seus reflexos na linguística brasileira. In: Souza, E. R. F. *et al. Linguística Funcional: retrospectiva, atuações e diálogos, uma homenagem à Prof^a. Erotilde Goreti Pezatti*. Campinas: Pontes, 2021.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2020.
- CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: University Press, 2003.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006.
- DIAS, N. B. As cláusulas de finalidade no português do Brasil: uma proposta. In: MARÇALO, J. *et al. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Anais SIMELP, Universidade de Évora, 2010. p. 152-171.
- DIAS, N. B. **As cláusulas de finalidade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, São Paulo, 2001a.
- DIAS, N. B. As funções discursivas das cláusulas de finalidade. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, 2002, p. 137- 148.
- DIAS, N. B.. A articulação das cláusulas de finalidade: uma análise funcionalista. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2001b, p. 67-76.
- DIAS, N. B.. Cláusulas de finalidade: relações gramaticais convergentes e divergentes na fala e na escrita. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 34, 2005, p. 527-532.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part I: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- FONTES, M. G. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-funcional: uma proposta de implementação**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2016a.
- FONTES, M. G. A oração propósito. In: Erotilde Goreti Pezatti. (Org.). **Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional**. 1ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2016b, v. 1, p. 93-119.
- FONTES, M. G. A relação finalidade em português: tipologia e funções. **Cadernos de Pós Graduação em Letras (Online)**, v. 15, p. 156-174, 2015.
- FONTES, M. G.; PEZATTI, E. G. Atos discursivos interativos nas variedades do português falado. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 40, p. 153-167, 2011.

- FONTES, M. G.; TEIXEIRA, J. E. B. **Construções concessivas intensivas com *por mais que***: uma abordagem discursivo-funcional (*no prelo*)
- GALBIATTI, M. E. **Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais "agora que" e "já que"**. 2008. 188f. *Dissertação* (mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.
- GARCÍA VELASCO, D. A flexible lexicon for Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 907-946, 2016.
- GASPARINI-BASTOS, S. D.; PARRA-ARAUJO, B. G. G. Função semântica na Gramática Discursivo-Funcional In: Souza, E. R. F. *et al.* **Linguística Funcional: retrospectiva, atuações e diálogos, uma homenagem à Prof^a. Erotilde Goreti Pezatti**. Campinas: Pontes, 2021.
- Giomi, R. & Keizer, E. Extra-clausal constituents in functional discourse grammar: function and form. *Revista da Abralin*, 2020.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. Verbal complements and clause union. In: _____. **Syntax: a functional typological introduction**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 39-89.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995
- GONÇALVES, S. C. L.; WIEDEMER, M. L. Variação e gramaticalização de preposições em verbos de movimento. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- HEINE, B.; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). **The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective**. [Trends in Linguistics. Studies and Monographs 311]. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 11-30, 2017.
- HENGEVELD, K.; **Complex structures: A functionalist perspective** (Functional Grammar Series 17). Berlin: Mouton de Gruyter, 1996, p. 119-147.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Trad. De Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-85.
- HENGEVELD, K.; The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Eds.). **A new architecture for Functional Grammar** (Functional Grammar Series 24), 1-21. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.1-21.
- HENGEVELD, K.; The internal structure of adverbial clauses. In: DEVRIENDT, B. *et al* (Eds.) 2004. p. 153-168.
- HENGEVELD, K.; WANDERS, G. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, M.; STEEN, G. (Eds.). **Structural-functional studies in English grammar: In honor of Lachlan Mackenzie**. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 211-227.
- HENGEVELD, K.; Adverbial clauses in the languages of Europe. In: AWERA, J.; BAOILL, D. P. (Eds.). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p.335-419.
- ILARI, R. *et al.* A preposição. In: ILARI, R. **Gramática do português culto falado no Brasil: Palavras de Classe Fechadas**. São Paulo: Contexto, 2015.

- JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S. *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015.
- KEIZER, E. **Functional Discourse Grammar for English**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- Keizer, E. Interpersonal adverbs in FDG: the case of frankly. In Evelien Keizer & Hella Olbertz (eds), **Recent developments in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins. 48-88. 2018.
- KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.
- KEIZER, E. The semantics, syntax and prosody of adverbs in English: An FDG perspective. In Alexander Haselow and Gunther Kaltenböck (eds.), **Grammar and Cognition: Dualistic Models of Language Structure and Language Processing**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 191-231. 2020.
- LEHMANN, C. “Towards a typology of clause linkage”. In: HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra A (ed.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile**, n. 20, p. 303-318, 1985.
- LEITE, V. A. **Uma descrição funcional das orações de finalidade**. 77f. *Dissertação* (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas, 2015.
- MACKENZIE, J. L. English spatial prepositions in Functional Grammar. **Working Papers in Functional Grammar**. Amsterdam, n. 46, 25 p., 1992.
- MARETELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 2.ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.
- OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.
- OLIVEIRA, T. P. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. 2008. 155f. *Tese* (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. **Adverbial Subordination in English. A Functionalist Approach**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2002.
- PÉREZ QUINTERO, M. J. **La subordinación adverbial en inglés: un enfoque funcional**. La Laguna, 1998, 445 f. *Tese* (Doutorado em Filologia Inglesa) – Facultad de PÉREZ QUINTERO, M.J On the Lexical/Grammatical Status of Adverbial Conjunctions in FDG. OLIVA, J.I.; MCMAHON, M.; BRITO, M. (eds.). **On the Matter of Words: In Honor of Lourdes Divasson Cilveti**. La Laguna: Servicio de Publicaciones, 2006. p. 329-339.
- PÉREZ QUINTERO, M.J. Adpositions in FG: has this Cinderella been invited to the Ball? In: AESTERN, H.; HANNAY, M.; LYALL, R. (Eds.) **Words in their places: a festschrift for J. Lachlan Mackenzie**. Amsterdam: Faculty of Arts, Vrije Universiteit, Filología –Universidad de La Laguna.
- PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

- PEZATTI, E. G. *et al.* O estatuto lexical/gramatical das preposições no português. **Lusorama**, v. 81- 82, p. 102-134, 2009.
- PEZATTI, E. G. Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In: SOUZA, E. R. F. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. Trad. De Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012, p. 107-132.
- PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. C. Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfossintaxe. In: Oliveira, M. R.; Cezario, M. M. (orgs.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói: Eduff, 2017.
- PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. C. O estatuto lexical das preposições *sob* e *sobre*. **Estudos Linguísticos**. v. 39, p. 89-97, 2010.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Manual de la nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Libros, 2010.
- SOUZA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por *se***. 2007. 198f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- STASSI-SÉ, J. **Subordinação discursiva no português à luz da Gramática Discursivo-Funcional**. São José do Rio Preto, 2012, 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. 2012.
- SWEETSER, E. E. **From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge Universe Press, 1990. 188 p.
- TAYLOR, John R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. New York: THOMPSON, S. 1985. Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English. *Text*, 5:55-84.
- TORRENT, T. T. **A rede de construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais**. 2009. 166 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TRAUOGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis -RJ: Vozes, 2021.